FON FON
ANNO XXV — N.º 22
Rio, 30 de Maio de 1931
PREÇO: 1$000

Tambem eu!

— EM outras coisas póde ser que as mocinhas de outros tempos supplantassem as collegiaes de hoje, porém, em assumptos de hygiene e saude . . . nem por sonhos!...—Imaginem! A minha avósinha quando tinha dôr de cabeça, ainda em criança, obrigavam-n'a a ficar fechada no quarto, fazendo applicações de emplastros de cebo!

Hoje todas nós sabemos que qualquer dôr se cura em cinco minutos, com uma dóse de

Sabemos ainda mais do que pessôas mais velhas parecem ignorar. Sabemos defender-nos contra os embustes e imitações. Acreditam que um cavalheiro muito barbado offereceu-me, ha dias, uma mixordia qualquer, dizendo-me ser **igual e mais barata?...**— Meu caro senhor, respondi-lhe, olhe bem para mim e verá que não tenho cara de imbecil e que não compro gato por lebre. Nada ha que seja igual á CAFIASPIRINA! Não ha ninguem de juizo que arrisque a sua saúde por um nickel. Isto dizendo, dei-lhe as costas.

Moços e velhos todos o repetem e todos o confirmam.

INCOMPARAVEL nas dôres de cabeça, de dentes e ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, consequencias dos excessos alcoolicos, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Exija sempre a **Cruz Bayer.**

BAYER

QUEM, naquelle poetico povoado serrano, não conheceu o Gaudencio da Belisaria, um sujeitinho de mãos bofes, intrigante e sambista arreliento e valentaço?

Desde menino, sempre arrotou valentia; na beira do rio, na feira, na porta dos circos, em toda parte, sem que alguem lhe "fosse ao bôjo".

Nos "batalhões" que os garotes organizavam, armados com facões de páo e revolvares de cinco tostões, em todos elles o Gaudencio queria ser sargento. E não lhe déssem o posto para ver si não reduzia tudo aquillo a beijú de caco!

Assim foi crescendo. Pixote taludo, já perturbava sambas, e de uma vez, num ajuntamento de marujadas, "sem que nem que", rachou á verga de jucá a cabeça de um soldado de policia, magro e doente, gritando-lhe em cima: "Morreste, mata-cachorro!"

Homem feito, foi o terror daquellas paragens.

Nos dias de carnaval, quantas vezes não rasgou máscaras de papangús no meio da rua, entre a assuada de meninos canalhas?

Todos temiam o ferrabraz. Nunca tirava do cós das calças a "lingua" de peba formidolosa, e um dia, em que se arreliára, fechou-se a feira.

O Isaac Piraúna, homem ajuizado, é que se não cançava de o aconselhar.

— Cria juizo, Gaudencio! Fim de valentão é triste, e tu não tens de quem herdar bravatas, porque teu pae sempre foi mofino.

Mas o rapaz não se emendava.

Numa noite de anno bom, no

FIM DE VALENTÃO

(Pagina regional)

UBATUBA DE MIRANDA

boi do mestre Domingos, deu no caboclo que representava a *burrinha*, rasgou "damas e galantes" e até o Xico da Candinha, *gigante de trezentos annos*, levou um empurrão de quebrar as ventas.

Os dias de Gaudencio viviam contados, medidos, no livro que não falha, no livro do Destino, e elle andava de "enxada nas costas"!

QUE GALANTERIA! — *A visita (ao despedir-se).* — Não se incommóde em acompanhar-nos até a porta.

A dona da casa. — Oh! não é incommodo! E' um gosto.

A sua fama corria longe, e o sub-delegado, que de covarde se assombrava com o valentaço, requisitou um destacamento.

Este veiu logo de encommenda, composto de quatro praças e sob commando do cabo Arnesio, perturbador de eleições, prendedor de opposicionistas e capacho remunerado de todos os chefetes do partido de cima.

No dia seguinte ao da chegada da *tropa*, o Gaudencio quiz logo "ispromentá" si o bicho era duro e "interado".

Insultou o policial na primeira occasião, cavando a desgraça.

O cabo, já sabendo que o serrano era perigoso, despejou-lhe no peito toda a carga da arma que acintosamente sempre conduzia. O rapaz tombou sem dizer — ave-maria, — arquejando no solo, a camisa salpicada de sangue. A féra fardada, não satisfeita, ainda "coseu-lhe" o corpo a pontaços de punhal, o que motivou o Januario Carrapeta, depois de vêr o cadaver estendido, sahir dizendo que o corpo do Gaudencio "tava qui nem munfada de birro".

Foi este o epilogo tragico do famanaz. E a unica creatura que chorou a morte do turbulento não poderia ser outra sinão sua pobre mãe, a velha Belisaria, que vivia de tecer renda e vender tempero. Chorou, porque era mãe!...

No outro dia, passou o enterro; o cadaver do Gaudencio dentro do caixão dos desvalidos, do caixão das almas. E o unico commentario e mesmo irreverente, ouvido á sua passagem, foi do Alfredo da Philomena, que, entre desrespeitoso e satisfeito, resmungou:

— Tirou-se esta onça do pasto.

Uma licença inesperada

Pateo do quartel, á hora da revista. O ajudante dá a parte ao coronel, que se se acha no centro de um grupo de officiaes.

O ajudante (lendo). — Os chamados Bouteille e Gorjut, da setima companhia, faltaram á chamada de retreta.

O coronel. — Outra vez?! Onde está o commandante da setima companhia?

O capitão commandante da setima companhia — Prompto, seu coronel!

O coronel. — Já terá visto o senhor que dois de seus homens passaram a noite fóra do quartel? Por onde sahiram elles?

O capitão. — Não o sei, senhor coronel. Mas supponho que terão saltado o muro.

O coronel. — Saltar o muro?! E' impossivel! E' preciso levar em conta que o muro tem, pelo menos, dez metros de altura. O senhor deve comprehender que seria necessario dar um enorme salto para passar ao outro lado. Saltar o muro! Si nem um macaco o conseguiria!...

O capitão. — Senhor coronel, os individuos em questão são muito ageis e muito atrevidos.

O coronel. — Isso não quer dizer que elles não troçem de nós quando dizem que saltaram o muro. Um cumplice deve ter-lhes aberto a porta. Aliás, nós vamos sabêl-o já. Esses dois tratantes se acham na prisão. Mande trazêl-os á minha presença!

DE LUIS SONOLET

(Conduzidos por uma sentinella, chegam Bouteille e Gorjut).

O coronel. — De maneira que vocês são os que esta noite sahiram do quartel? Têm o atrevimento de insistir em que saltaram o muro?

Bouteille. — E' essa a verdade, meu coronel.

O coronel. — Que descaramento! Então saltaram esse muro alto que se acha á nossa frente?

Gorjut. — Sim, meu coronel. Temos grandes condições para a gymnastica.

O coronel. — Pois bem: vão saltál-o deante de mim. *(A' sentinella)* Deixe-os.

(Bouteille e Gorjut dirigem-se ao muro, e, com destreza de gatos, sem que se possa ver onde se agarram e apoiam, começam a escalar a parede. Chegados em cima, agitam triumphalmente seu kepi).

Bouteille e Gorjut. — Até á vista e muito obrigado, meu coronel!

(Saltam para o outro lado e deitam a correr. E' possivel que continuem correndo a estas horas).

O coronel (espantado). — Ah, patifes! Pois não é que me enganaram? Agora a falta é minha, pois eu nunca devia tel-os provocado. Por outro lado, sinto orgulho de que haja em meu regimento dois acrobatas como esses. No emtanto, como a disciplina deve estar acima de tudo, é preciso fazer alguma coisa para salval-a. *(Dá uma pancada na testa).* Ah! Encontrei a solução. Escreva, ajudante *(dictando)*. Ordem do coronel: Os soldados Bouteille e Gorjut, da setima companhia, pelas notaveis capacidades que demonstraram possuir para a gymnastica, conseguiram licença de... Demonios, isto é que é uma difficuldade! *(Occorre-lhe outra idéa).* Ah! sim! Escreva: licença de uma duração que será fixada ulteriormente.

LIÇÕES DE NATAÇÃO. — Como se ensina uma menina a nadar?
— Toma-a pela mão, passa-lhe, com precaução, o braço em redor da cintura...
— Trata-se, porém, de minha irmã.
— Ah! Então é atiral-a summariamente á agua.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barrozo
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa correio 1451.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 8, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

dá a toda mulher uma cutis tão suave e immaculada como a de uma creança.

São muitas as mulheres que sabem que a cêra "mercolized" ("Pure Mercolized Wax"), ao provocar a mais rapida queda das particulas da tez morta, permitte-lhes ostentar uma cutis maravilhosa. Mas o que deverá causar sensação é a noticia de que a cêra "mercolized", em quantidade sufficiente para realizar um tratamento completo, póde ser agora adquirida em toda bôa pharmacia ou drogaria em caixas de tamanho menor, por uns sete mil reis mais ou menos

Porém deve-se refugar todos os substitutos que, ás vezes, são offerecidos por menos, porque, se por desgraça se faz uso delles, só se logra uma amarga desillusão. Somente a genuina cêra "mercolized" é que tem o admiravel poder de renovar a tez. Só ella é capaz de dar á cutis uma immaculada belleza que fascina pelo natural.

A legitima "Cêra pura mercolized" é vendida somente em latas douradas de dois tamanhos.

PREÇOS DE VENDA NO BRASIL. RS. 12$000 E 7$000.

O APPARTAMENTO

De FANFRELUCHE

Personagens: Sofia e Leoncio.

Sofia. — Só falta quebrares a porta, quando entras, homem!

Leoncio. — Eu?... Mas, si fiz menos ruido do que um gato!

Sofia. — Pois até as paredes estremeceram.

Leoncio. — Porque estas casas parecem de papel. Espirras, e vem abaixo um tabique.

Sofia. — Digo-te isso, para que o porteiro não se venha queixar. Bem sabes o aborrecimento que tivemos, o outro dia, só porque atiraste um pedacinho de papel na escada.

Leoncio. — Sim, filha, sim... E' uma delicia!... Garanto-te que, si soubesse antes dessas coisas, estaria noutra casa!... Porque de nada me serve ter agua quente para o banho e elevador, e mais isto e mais aquillo, si me submettem a um regimen de cárcere.

Sofia. — Não tanto, homem.

Leoncio. — Dizes que não?... Mas tu lêste o regulamento?

Sofia. — E' claro que sim.

Leoncio. — Si prohibem até que a gente respire!... *Não é permittido aos inquilinos ter nenhuma especie de animaes nos appartamentos.* Naturalmente: basta o porteiro, que é um compendio zoologico. *Depois das vinte e duas horas é terminantemente prohibido tocar piano, cantar ou fazer qualquer ruido.* E si eu tiver tosse, terei que ir para a rua!... *Não é permittido estacionar nas escadas, nem na porta da rua. Depois das dez horas, é prohibida a entrada dos caixeiros e outros vendedores.* E si te esqueceste de pedir ovos á quitanda, terás que comel-os na vontade!... Mas isto é uma casa ou um presidio?...

Sofia. — Deves comprehender que si fossem permittidas muitas coisas, isto pareceria uma casa de commodos.

Leoncio. — E o que mais me incommoda, é que o regulamento só serve para os inquilinos, e não para o principe do porteiro... E' prohibido estacionar na escada, não é?... Pois a filha desse carcereiro ahi estaciona todas as noites, com o noivo, e de cada vez em um degráo, segundo a temperatura... Não se póde fazer barulho, não é assim?... Pois esse monarcha da escova se permitte ter um gramophone e nos tira o somno todas as noites, com uma tenacidade de verdugo chinez. E, quanto aos vendedores, ainda hontem á tarde, ao voltar eu do escriptorio, vi a *rainha consorte* comprando batatas e hervas ao verdureiro, e a entrada parecia uma feira franca.

Sofia. — Bem, filho, mas deves comprehender que essa gente...

Leoncio. — Não. Eu já quero que attendas aos vendedores na porta; mas por que não o deixam subir depois das dez horas?... E por que *Sua Magestade* fica vermelho de indignação só porque atiro um pedacinho de papel na escada, si sua mulher atira meio repolho e elle nada diz nem protesta?... Ao pé do regulamento deviam pôr uma advertencia: *Nota. — Isto não se extende ao porteiro nem á sua exma. familia. Elles podem fazer o que bem entenderem...* Eu te asseguro que nunca passei em minha vida tantas angustias como as que tenho soffrido desde que moramos nesta casa... Não posso rir, não posso gritar, nem cantar, nem pregar um prego, nem bater com a porta... Sempre a recommendação: "Cuidado!... Silencio!... Devagar!... Não faças ruido!... Não levantes a voz!... Não vás á janella!... Não sacudas o lençol!... Não te escoves assim tão fortemente!..." Demonios! Mil demonios!... Qualquer dia eu sahirei á escada com um tambor e uma corneta, e quebro todo o *silencio obrigatorio* a que me condemnaram.

Sofia. — E que lucrarias com isso? Seriamos obrigados a deixar a casa!...

Leoncio. — Melhor!... A má sorte quer que tenhamos contracto. Mas no dia em que este terminar, eu te juro, por todos os santos, como armarei aqui o mais formidavel dos escandalos que esta gente já terá ouvido!... E si o *monarcha* sahir protestando, o deixarei *knock-out* e que se vá queixar... ao bispo!

Sofia. — E's muito exaggerado, Leoncio.

Leoncio. — Mas, Senhor, quem móra em sua casa, é para fazer o que bem deseja. Tenho vontade de dançar?... Pois danço. Quero aprender a tocar saxofone?... Quem me póde prohibir?... Mas aqui não somos inquilinos: somos presidiarios! Si ainda nos dessem de graça o appartamento, vá! Mas quinhentos mil réis, pagos adeantados, com tres mezes em deposito, fiança, etc.

Sofia. — Pois olha, os Andrades pagam setecentos mil réis, vivem uma vida infernal e o dono da casa já lhes disse que vae augmentar o aluguel... Moramos no centro e a casa não nos custa tão caro.

Leoncio. — Não custa tão caro?!... A metade do ordenado!... E a outra metade eu tenho que gastar em sapatos de borracha... e *para não fazer barulho*... e em drogas, para curar meu nervosismo... e em bicarbonato, para me transgerir a comida, que se me transforma em veneno com tanta prohibição e tanto regulamento!...

COMO SEMPRE! — O marido (sentindo-se atacado, como todas as madrugadas, ao regressar de suas aventuras). — Por Deus, minha querida mulherzinha! Deixa-me que te explique!

AMOR PATERNO

De

Frederico B. Soler

O céo estava deslumbrante de belleza. No emtanto, o ar estava carregado, e fazia um calor pesado, que punha o corpo e o espirito em um horrivel estado de abatimento.

No tombadilho de um vapor havia dois viajantes que conversavam fraternalmente. Um era joven: talvez contasse apenas vinte annos. O outro era um velho de longa barba e cabello branco.

Emquanto o joven se entretinha folheando um livro de preciosas figuras da nova éra, o velho fumava em um grande cachimbo, ennegrecido pelo fumo, e que de momento a momento enchia de tabaco.

Qualquer pessôa que observasse detidamente esses dois personagens, não deixaria de encontrar na physionomia de ambos e traço parecido, e, pelo dialogo que sustentavam, adivinharia nelles o pae e o filho.

— O tempo ameaça chuva, meu filho.

E alguma coisa mais dizia o velho a seu interlocutor.

— Nada receie, meu pae. Este cessará depressa, e, si chover, será quando já tivermos abraçado minha mãe e minha desditosa irmã.

— Oh, pobre filha minha! — exclamou o velho, enxugando uma lagrima.

E proseguiu:

— Bem infeliz é ella, que tão joven perdeu seu esposo, e que tem que velar por essas innocentes crianças, ainda tão pequeninas! Ella conta com o meu auxilio. Mas como posso ajudal-a, si os annos pesam sobre mim?

Este mar, esta immensa extensão de agua, que teus olhos divisarão até muito longe, eu o atravessei muitas vezes na vida, sempre com a illusão de fazer fortuna. Não. Minto. Sempre com a idéa fixa de ganhar o sustento para meus filhos. Foi sempre esse meu supremo anseio. Nunca pensei em reunir um peculio para a minha velhice, porque nunca suppuz que as forças de meus braços me faltariam.

Eu, o homem de forças hercúleas, o homem que levantava o pesado martello para abrandar o candente aço, hoje me vejo triste e abatido.

O bom ferro ajudou a meus braços, e foi cegando meus olhos, pouco a pouco, e o golpe de martello carcomeu todo o meu ser.

Minhas pernas vacillam. Parecem de papel, e se negam a sustentar meu corpo. Muitas vezes pensei, meu filho, que a vida já não tem esperanças para mim, que sou apenas um corpo sem forças, um espirito sem vida, e que, ao vosso lado, não serei, daqui por deante, sinão uma carga pesada, muito pesada..."

Nos olhos fundos do ancião brilharam duas lagrimas de fogo, emquanto o silencio reinou um segundo. Depois, o filho exclamou:

— Pae, não diga isso! O senhor bem sabe o quanto o queremos. Tudo o que estiver ao meu alcance para lavrar a felicidade de seus annos, o farei com amor. Com o amor que lhe devo, e hoje e sempre velarei pelo senhor, e por minha irmã, de cujos filhos, os dois orphãozinhos, serei o pae.

Cheio de alegria, o pae estreitou fortemente em seus braços aquelle filho generoso.

Era a hora do jantar. Voltaram ao salão, jogaram, essa noite, o baralho, com os outros passageiros.

O mar se tornou nebuloso. O céo estava escuro, sem estrella alguma. Grandes ondas espumosas invadiam, furiosamente, a prôa.

O vapor tenteava com incerta velocidade a espessa nevoa, mugindo estrondosamente com o terror de uma tremenda catástrophe, presentida pelo velho e pelo commandante, que não teve coragem de manifestal-o.

De vez em quando, um relampago de fogo rompia a escuridão da noite.

Os viajantes choravam amargamente, e viam-se mães estreitando contra o peito os filhos pequeninos, implorando ao céo, de joelhos, que as salvasse daquella imminente morte. Ao chamado de auxilio que fizéra o commandante do navio, accorreram pequenas lanchas, que carregaram os tripulantes. No ultimo chamado se ouviu uma voz forte, que dizia:

— Ha logar para um! E não ha tempo a perder!

O pae e o filho, que aquella tarde dialogavam no tombadilho do vapor, ainda permaneciam aferrados um ao outro, disposto á fatalidade do destino.

Em um impulso de desespero, o filho segurou o pae por um braço e tentou atiral-o ao barco que esperava. Mas o pobre velho, reunindo todas as forças de seu corpo semi-esgottado, conseguiu dominar o filho, levantando-o e atirando-o ao mar, emquanto uns braços robustos o amparavam e o collocavam em logar seguro para salval-o.

— Meu filho! — gritou-lhe o pae. — Salva-te tu, que és joven. Eu já cumpri minha missão na vida. Vae fazer as vezes de pae em tua casa, onde tua mãe te espera chorando.

O veneravel ancião salvou assim a vida de seu filho, emquanto as aguas o sepultavam em seu cáhos.

O senhor pobre (ao receber uma conta excessiva, por sua ceia). — Não haverá confundido, senhorita? Olhe que o meu é o impermeavel.

A illusão dos P o r

(Continuação)

Mas pensava que a tragedia, certamente, não tardaria. E desceu apressadamente para o camarote afim de preparar-se para o desembarque.

O nativo que lhe apanhára a bagagem, no cáes, era feio, tinha algo de sinistro, algo de bandido, horrendo. Earl regosijou-se. Talvez que aquelle homem, na viagem para a fazenda, o trucidasse sem piedade. Certamente a noticia chegaria aos ouvidos de Lidia, e então ella comprehenderia a razão do seu sacrificio. Mas cahiu do seu sonho quando o africano lhe perguntou, em inglez, com uma voz mysteriosa e effeminada, para onde elle queria ir.

MULHER MODERNA. — *A filha* (regressando, pela manhã, á casa, depois de uma noite de farra). — Que horror, papae! Ainda estás assim? Se não te apressas, acabarás chegando tarde na officina...

— Apanhe tudo e leve para a Casa Abott — ordenou, no melhor que podia falar o dialecto africano que aprendêra a bordo.

— Sim, *sahib* — respondeu o nativo, em inglez.

— Fala inglez?

— Sim, *sahib*. Fui graduado pela universidade de Monrovia. Sou Brooks, seu criado particular.

Earl Abott não sabia onde esconder a sua surpresa. Ao envez de ser-lhe offerecido o rude lombo de camello, um esplendido automovel levou-o ao estabelecimento do tio. Um joven, correctamente vestido, estendeu-lhe a mão musculosa e bronzeada, com gesto acolhedor. Não parecia nada — pensou Earl — com o debochado commerciante da peça.

— Como vae, Mr. Abott. Meu nome é Stockmorton. Infelizmente, não o pude esperar, porque estava jogando uma partida de golf, no Club.

— No Club? De nativos?

— Não. No Nosso African Polo Club. Reservei-lhe lá um quarto. Vamos até lá. Tomará um banho, e fará a barba. Depois faremos a sua estréa na Africa.

Earl notou que Stockmorton dirigia o carro pelas ruas concorridas com o desembaraço de um homem que não tem os nervos affectados pela bebida. Dispoz-se a interrogal-o.

— Está aqui ha muito tempo, Mr. Stockmorton?

— Ha oito annos.

— E... agrada-lhe isto?

— Optimo. Contra o calor ha os ventiladores. E leva-se uma bôa vida.

— E os nativos, são máus?

— Não. Bôas creaturas. Alegres, sinceros.

Stockmorton estacou o carro deante de um bello edificio, rodeado de aprazíveis jardins e varandas, onde homens brancos, em trajes de verão, se divertiam, dançando, jogando, rindo e conversando.

— Estamos no African Club, Mr. Abott.

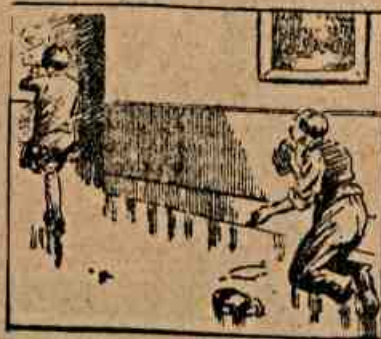
E acto continuo apresentou o recem-chegado aos membros do African Club.

— Quer um "drink", Mr. Abott? — perguntou Stockmorton.

Earl Abott acceitou. Em Nova-York, nunca bebia. Mas na Africa, teria que beber, para degradar-se, e beber muito. Bailavam-lhe na mente as scenas de bebedeira entre Edgerton e Malooba. Um negro entrou, trazendo a bebida que Stockmorton pedira. Earl estava começando a ficar degenerado. Stockmorton fez a saudação:

— Bebo á saude do novo africano! Gosta?

— Optima! Deliciosa!

— E' uma formula de minha invenção. "Special African Drink". Gelo, assucar, limão, tamaras e grenadine. Uma "cacetada" no calor.

— Mas eu gosto mais do gin.

— Então, pesames. Não ha "gin" aqui. Isto é Peolo. Temos lei sêcca.

Não se póde trabalhar bebado. Além do mais, os nativos não be bem. Devemos dar-lhes o exemplo. Elles são christãos. O seu criado, Brooks, é o sacristão da igreja.

— Bom. Sou novato por aqui. Conte-me algo a respeito da vida...

— Simples e dura. Trabalha-se até duas ou tres horas. Faz-se a sésta depois do almoço. Joga-se golf, pólo e bridge. Lê-se pouco. As livrarias que temos pertencem ás igrejas do logar. Temos tambem a Associação Christã de Moços, onde eu ensino inglez uma vez por semana. A proposito, tem interesse no escotismo?

— Escotismo? Andar a pé. Não sou muito forte nisto...

— Não. Escotismo, aqui, quer dizer caça grossa. Naturalmente, o que o senhor conhece de caça são coelhos e perdizes...

— Nem isto mesmo...

— Pois bem. Aqui se caça, e muito. Temos verdadeiras tropas de nativos, e aos domingos nos empenhamos em apostas que ás vezes custam a vida a alguns. Para os nativos, o sport favorito é caçar leões e buffalos.

— Quer dizer com isto que aos domingos terei de vestir-me de kaki, calçar botas de montar e empunhar um rifle. Não poderei beber nem me degenerar nem aos domingos?

— Não. Mas ha de gostar. Desça, vá ao seu apartamento. Descanse e não se esqueça de que hoje á noite ha um baile.

— Uma ultima coisa, Mr. Stockmorton. Ha mulheres brancas aqui?

— Sim. Ha muitos Inglezas casadas. Ellas fazem bailes aos sabbados. E tambem ha theatro de amadores. E mais alguma coisa quando se é sympathico e elegante...

— E... as mulheres nativas? — disse Earl, abaixando a voz, pensando em Malooba.

— Adoraveis! Quando o senhor vier a conhecer Nyiooma.

O marido paciente. — Pelo menos, querida, poderias evitar que a cinza do teu cigarro caia exactamente onde acabo de encerar.

tropicos

Lauro Mendes

— Nylooma. Ny... loo... ma?

— E' uma belleza virgem destas paragens. E' selvagem, filha de um missionario americano. A' tarde, deverá vêl-a.

Earl Abott subiu ao quarto, pensando que, emfim, iria poder degradar-se. Havia alli uma mulher infernal, uma vampiro, uma mulher que faria com que elle perdesse a honra, o brio, a compostura. Naquelle momento, a sua vida tinha dois pólos de attracção. Lidia Teresa, que poderia têl-o salvo, si quizesse, e, agora, Nylooma, que iria ser a sua perdição. E nessa disposição de espirito, poz-se a desarrumar as malas, trauteando um "blue" da moda. Uma voz de mulher despertou-o do enleio. E acompanhando a voz, os sons compassados de um "ukelele". Earl exultou. Caminhava a passos largos para a degeneração. Havia uma mulher, e um "ukelele". Bateram á porta. Perguntou quem batia. Responderam-lhe: Nylooma. Abott vestiu rapidamente o terno branco, e recostou-se á janella, olhando a tarde quente do tropico. Respondeu, confuso:

— Entre.

Nyoolom̃a entrou. Earl olhou-a a medo, mas voltou o rosto, movido por instinctivo pudor. O vestidinho vermelho da nativa deixava a nú as pernas esculpturaes. Decotada em excesso, infantilmente, a blusa mostrava, em quasi toda a sua plenitude, os contornos de um busto bronzeado e joven. E, no rosto, um sorriso, infantil, puro, suave — como Malooba, pensou Earl. E foi Nylooma a primeira emoção forte de Earl na Africa. Calculou-lhe immediatamente o peso, perito que era em pêso. E correu ansioso, com os olhos, os demais esplendores da virgem selvagem. E ouviu-lhe a voz carinhosa e quente:

— Eu ser lavadeira...

Earl olhou para o monte de pyjamas que jazia no chão.

— Pódes levar aquillo, — disse, Mackiez.

Nylooma ajuntou tudo com rapidez. E, com gesto faceiro, sentou-se á cama.

— Senhor, de onde *vir*?

— De Nova-York.

— Então, dizer Nylooma, *conhecer* Rod la Rocque?

— Não.

— Senhor, *prometter* arranjar para mim *uma* logar no cinema?

— Vou experimentar...

Stockmorton veiu buscar Abott para o jantar. Earl censurou-o acremente.

— Porque mandou aquella menina ingenua para o meu quarto?

— Ella lava muito bem. Perde pouca roupa. De mim só perdeu até agora uma duzia de camisas. Tome o cuidado de conferil o rol...

Earl, nessa noite, jantou pantagruelicamente. Nada o detinha deante dos pratos e da bebida. Estava se degenerando — dizia elle a Stockmorton...

A "Pelican Scouting Troop" acaba de chegar de uma excursão pelo "veldt" africano. De rostos cheios de pó, suarentos, marchavam, orgulhosos, precedidos pelo "leader", garboso, enfiado no fardim kaki. E este "leader", que tão airosamente o commandava, era — devem têl-o adivinhado — o nosso Earl Abott. E, subitamente, ao passar pelo cáes de desembarque, viram os rapazes que o "leader" desandava em corrida desabalada pelas ruas. Imitaram-no, julgando ser aquelle um exercicio gymnastico. Uma joven loura desembarcava e observava os nativos tirando a bagagem da lancha vinda de um hiate ancorado a certa distancia. Earl precipitou-se para ella:

— Miss Lidia! Miss Lidia!

COMO HA DE PODER! — O ladrão (attendendo ao telephone, que toca importunamente). — Sinto-o muito, senhor, mas o thesoureiro não póde attendel-o agora...

— Oh, Earl!

— Em nome de Deus, de onde vieste?

— Eu soube que teu tio vinha para aqui com tua tia. E fiz com que elles me trouxessem.

— Mas este logar não te convém...

— Então não convém a ti tambem. E como foi eu que te afugentei...

— Mas eu me sinto bem aqui. Engordei 5 libras em sete mezes de estadia neste logar. Afinal que fazes aqui, longe do teu elemento?

— Não te lembras do que eu te disse, no Regina: que gostava dos homens de acção, dos homens aggressivos?

— Sim...

— Pois bem, ainda os aprecio. E foi por isto que vim para aqui, para te dar uma opportunidade de seres aggressivo e atirado.

— Queres dizer com isto que... vaes casar commigo?

— Si ainda queres...

Earl Abott viu o mundo giran-

— Está fria a agua?

— Está tão fria, que não me teria banhado, si mamãe não me tivesse prohibido de fazel-o.

---

do em roda de si. Ia enlaçar Lidia com todo o fervor e admiração, quando percebeu que atraz delles dois, formada, esperando ordens, estava a "Pelican Troop". Virou-se e ordenou:

— Pelican Troop, meia volta, volver!

— Para onde iremos, capitão? — Perguntou o tenente.

— Para onde quizerem. Debandem.

E quando os "scouts" desappareceram, Earl tomou Lidia Teresa nos braços.

— Então, querida, por que não me disseste isto antes?

— Não m'o perguntaste, tolo...

Um sonoro beijo estalou, vigoroso e cheio de saudade, um beijo enclausurado por muito tempo, ardente, desejado. E, com o rumo inesperado que tomou a vida de Earl Abott, quebrou-se, para sempre, o encanto da "Illusão dos Tropicos"...

AGUA DE RIO HUMILDE

MARIA THEREZA — Escrevo-te numa noite de chuva.

O céo, todo vestido de um longo sudario de penitencia, cheio de cinza, deixa cahir por sobre a terra o pranto de seu grande coração torturado e ferido.

Ouço a chuva cahindo lá fóra, em longas fieiras de perolas desmaiadas. O vento a chicoteia com o pulso violento e mão na carne tenra e alanhada. Todas as casas estão fechadas e ha tantos corações humanos sonhando, vivendo uma felicidade!

Estás longe de mim, meu grande amôr! Longe daquelle que te amparava nos braços quando a chuva vinha, nas tardes mansas ou nas noites estivaes, porejando do seio das nuvens para refrescar a terra e allivial-a na sua grande sêde, na sua insaciavel e dolorosa sêde!

Ah! como eu te sinto mais ausente agora! Quando chove é que te recordo mais, muito mais, meu amôr! Quando mais te acaricio nos meus braços, quando mais te beijo os fundos e magoados olhos torturados!

Tenho deante de mim um poeta doloroso: Poe! Leio-lhe o *Corvo*, o sinistro *Corvo*, o lutuento *Corvo*:

— "*Once upon a midnight dreary whill I*
Pondered, weak and weary
Over many a quaint and curious volume of
Forgotten lore..."

O vento, com a rude mão, estrangula uns restos de flôr que ha na minha janella. A chuva leva nas suas aguas barrentas e turvas os fragmentos das petalas esparsas! E o frio corta, e a tua saudade me corta fundo o coração angustiado, ferido, espedaçado, ao peso della!

Entregue a um pensamento bom, deixo que se cerrem os fôlhos que resguardam do mundo as minhas tristes pupillas. Encerro-me comtigo num longe paiz deserto. Sento-te no meu collo e sinto ahi a tua mão amparando o meu rosto e o teu beijo ardendo na frieza da minha bocca nesta noite de chuva! Pousas sobre o meu hombro a cabeça leve como a de uma rôla selvagem.

A chuva cáe, lá fóra, numa longa e languida fieira de perolas desmaiadas...

O sonho que eu pensava só nosso, só meu, só teu, esvaiu-se como um perfume que deixasse fragrancia por todos os meus sentidos. Todo elle desmoronado, embora, embora todo desfeito, ainda vive dentro em mim nestas horas de chuva, nestas angustiantes horas somnolentas e frias...

Sei que pensas de mim nas horas de chuva, igualmente. Sei que recordas todo o nosso grande sonho, todo o nosso grande amôr, toda a nossa ephemera e aligera felicidade!

Quando te sentes só, quando te sentes triste, é para os lados meus que mandas o pensamento, o coração, os olhos...

A chuva está cahindo lá fóra, fio a fio, lenta, enervante, pesarosa e triste, numa longa fieira de perolas desfeitas...

Sentes-me ausente de ti. Sentes-me mais ausente do teu beijo, mais longe do teu carinho, mais exilado do teu consolo, arredio da tua meiguice, ao largo da tua immensa e mansa ternura!

O espectro do *Corvo* não me deixa. Estou só com a tua saudade, ouvindo Allan Poe nesta noite de chuva, de frio, de desconforto:

"*And my soul from out that shadow*
That lies floating on the floor
Shall be lifted — nevermore!"

Mas allivia-me o tormento o saber que em horas como esta a minha saudade está comtigo, a teu lado, balbuciando-te o meu nome...

Mas, por que escrever mais? Não se póde dizer mais numa noite como esta noite: fria, desolada, mysteriosa e profunda! Noite sem lume, noite sem termo, quando se está ausente de quem se ama, quando se não tem nos braços o amôr que se quer, o grande amôr, que seja um desmedido amôr!

Beijo-te, resignado, a bocca que era o lume com que eu incendia todo o meu coração despovoado e frio em noites assim como esta, saudosamente e leal — *Joaquim*."

SIMPLES CENIZA

O que nem todos sabem

Os pescadores de salmão do paiz de Galles constroem as suas canôas de uma maneira muito interessante: ellas não são mais do que uma copia das couraças usadas ha mais de 2.000 annos, pelos antigos habitantes das ilhas britannicas. Naquelle tempo, as couraças eram de grossos couros, mas as embarcações dos pescadores de Galles são de lona alcatroada sobre armações de ripas de faia. Assim, elles carregam as suas canôas para casa logo que terminam o serviço, sem que para isso precisem dispender grande esforço.

* * *

A occupação mais saudavel é a dos operarios que trabalham nos poços e empresas de extracção de petroleo. Nunca têm uma constipação, ou dôr de garganta, porque os vapores de petroleo são excellentes para as vias respiratorias. E' tão conhecido esse benefico effeito, que centenas de doentes atacados desses orgãos vão para as proximidades dos poços procurar allivio.

* * *

Mahomeh não sabia escrever: tendo-se apresentado, um dia, um individuo com certo papel que devia ser firmado pelo propheta, este não se atrapalhou e metteu a mão na tinta, estampando-a, em seguida, sobre o documento que devia assignar. Foi, pois, Mahomeh o precursor da dactyloscopia.

* * *

Um thesouro de verdadeiro interesse foi descoberto para o Museu Britannico. Trata-se de um craneo de elephante, antiquissimo, cujas presas têm dois metros de comprimento e são da melhor qualidade. Essa preciosidade foi encontrada nas Novas Ilhas Siberianas, no Oceano Arctico, por um commerciante de marfim.

* * *

A baixella de oiro do castello de Windsor, propriedade da corôa da Inglaterra, é considerada a maior e melhor do mundo; ella foi avaliada em dois milhões de libras esterlinas.

* * *

Certos passarinhos são tão preguiçosos para construir seus ninhos, que roubam o material necessario dos ninhos dos outros. Quando isso succede, os vizinhos todos se reunem e desmancham a casa do ladrão, feita de maneira tão deshonesta.

* * *

Um americano excentrico e millionario, querendo obsequiar a seus amigos, no dia do seu anniversario, encommendou alguns kilos de "Niantu" — um peixe que só existia no rio amarello na China. Foi preciso construir um tanque especial em que os peixes vieram dentro da agua do rio em que viviam. Alguns morreram no caminho, mas outros chegaram vivos, e o millionario poude offerecer um prato que nunca se havia preparado em Nova York.

A GOMMA

ROBERTO WARREN deu um murro na mesa, outro no botão da campainha, outro nos papeis de trabalho e outro em sua propria fronte. Depois gritou:

— Que nojo! Que nojo! Que nojo! Fôra melhor que me electrocutassem!

(Para um verdadeiro nova-yorkino, o desejo de ser electrocutado, annunciado assim em voz alta, é a expressão mais repugnante e mais feia em que se pódem dissolver uns segundos de ira).

Em consequencia dessa attitude de Roberto Warren, occorreram duas coisas. Primeira: mistress Gish, a *secretaquidactimecanographa*, tapou os ouvidos, horrorizada. Segunda: na porta do gabinete appareceu um continuo.

— Traga-me gomma! — rugiu Warren. — Mas traga verdadeira gomma, que pregue! Entende-me? Que pregue! Ha uma hora e dezeseis que procuro pregar estes papeis e não o consigo, porque a gomma que ha aqui é indecente! Sim, é indecente! Ah, si o navio fosse ao fundo!

(Juramento grosseirissimo, muito usado pelos commandantes de navio norte-americanos.)

O continuo abriu muito os olhos.

— Diz o senhor que essa gomma não préga? — perguntou a Warren, indicando o vidro de gomma que estava sobre a mesa.

— Não! Não prega! — insistiu Warren.

— Pois sempre pregou! — contestou o continuo, impassivel.

Warren empallideceu. Elle era homem que não admittia contradicções. Mistress Gish, que já o sabia, tapou ainda mais os ouvidos, com espanto. Que iria se passar alli?

Roberto Warren tomou o vidro de gomma, objecto de tantos sobresaltos, e o atirou á cabeça do continuo.

Houve um "ai!" de mistress Gish e, depois, uns segundos de angustiante espera. O continuo permaneceu de pé, ao lado da porta, com as mãos nos bolsos e o vidro de gomma no olho direito.

— Que lhe aconteceu? — perguntou Warren.

— O vidro pregou... — respondeu o outro.

— O vidro pregou?...

— Sim; no olho.

— Mas, não é possivel...

Warren levantou-se, afim de verificál-o. Mistress Gish tambem.

— E' curioso! — murmurou o primeiro. — O vidro pregou!...

HOJE, é o anniversario da morte de meu tio. Espero — os leitores são tão gentis para commigo — espero que compartilharão do pesar que me causa tal perda, tanto mais si se considerar que meu tio era um homem notavel: viveu bem, e sua morte não foi menos gloriosa...

Como diz o "Evangelho", morreu *pacificamente, sem humilhação e sem dôr*. (O "pae" Majnó — chefe de bandidos durante a guerra civil russa — pendurou-o em um gancho de ferro na estação ferroviaria, porque meu tio usava collarinho duro e oculos de ouro).

Inclinando piedosamente a cabeça, quero recordar alguma coisa da vida desse homem dignissimo, que começou sua carreira atraz de um *guichet*, no Thesouro Nacional, e a terminou pendurado a um gancho de ferro, na estação...

* * *

Sendo joven e impetuoso, fui, um dia, visitar meu tio, e lhe disse:

— Tio, és um idiota!

Elle levantou os oculos sobre a fronte e, tranquillamente, respondeu:

— Poderia dar-te, agora mesmo, com o livro "Caixa" na cabeça. Mas prefiro escutar tuas accusações, e deixar para castigar-te depois. E' possivel que então tenha mais amor ao trabalho.

— Tio! Compraste, hontem, uma casa, e pagaste por ella 25.000 rublos.

— Comprei-a. Precisava pedir-te licença para fazel-o?

— Não se trata de licenças. Tu mesmo, quando dez annos atraz entraste para o Thesouro, não tinhas onde cair morto.

De Arthur B. Cecil

Depois, foi chamando a todos os empregados do escriptorio e mostrou-lhes o continuo, como si fosse uma lição de grego. O espanto de Warren pintou-se em todos os rostos.

— E' estranho!... — assegurou o vendedor.

— E' esquisito!... — confessou o contador.

— E' a primeira vez que a gomma do escriptorio prega! — declarou um escrevente.

— Afinal — concluiu Warren — nos enganamos.

E puxou o vidro, mas este não se despregou. Todos os empregados, então, fizeram o mesmo, para só depois de muito esforço conseguir despregar o vidro, mas cahiram todos ao chão. Alguem tentou levantar-se rapidamente e não o conseguiu. Immediatamente se observou que ninguem podia separar-se do grupo. A gomma os havia unido como si fossem irmãos. As nove pessôas que compunham o agglomerado permaneciam pregadas umas a outras.

Fizeram-se heroicos esforços para se conseguir a posição vertical. Afinal, todos puderam levantar-se, mas ficaram immoveis no centro da sala. O primitivo continuo, que tentou auxilial-os, ficou igualmente pregado a elles...

Então, entrou um visitante. Era um homem de cerca de trinta annos.

— Que ha por aqui?

Warren e os seus tentaram dissimular.

— Estamos fazendo uma pilheria.

— Uma pilheria?

— Sim. Todos os dias 15 de cada mez, para festejar a baixa das tarifas ferroviarias, brincamos de formar grupos esculptoricos. Na minha infancia, eu fazia quadros plasticos e ensinei essa habilidade a meus subordinados.

Mas o visitante não se deixou enganar.

— Vocês estão pregados com gomma — disse.

— E' tristemente verdade! — gemeu Warren.

— Pois bem — resumiu o visitante; — um cidadão americano deve aproveitar a occasião.

Apanhou doze vidros de gomma e verteu todos elles sobre o grupo, até que este ficou coberto por um manto de gomma crystalina.

Em seguida, poz em sua carteira os doze mil dollars existentes na caixa e tomou em marcha um auto-omnibus do Broadway...

De Arcadio Averchengo

— E que tem isso com o caso?

— Teu ordenado annual é de 1.500 rublos. Em dez annos perfazem 15.000. Gastaste nos dez annos uns 8.000. Restam, por conseguinte, 7.000. De onde tiraste os outros 18.000 para a casa?

Os olhos de meu tio faiscaram de alegria. Elle bateu-me fortemente no hombro, para estimular-me, e respondeu:

— Rapaz! Tua mathematica é estúpida. Queres um exemplo? Adquire ou rouba no mercado um kilo de graxa.

— Obrigado. Prefiro compral-o.

— Comprar! Foste sempre um mastador. Prepara de antemão cem homens, e colloca-os em fila.

— Prompto!

— Agora, dá ao primeiro o kilo de graxa para que elle o segure um momento. Depois, manda que elle o passe ao segundo, e assim até o ultimo.

— E?...

— Que tem na mão o ultimo de teus cem homens?

— Ora... Um kilo de graxa, evidentemente.

Meu tio saltou, rugindo como um tigre:

— Imbecil! E' claro que um kilo de graxa! E de que estão sujas as mãos dos anteriores?

— De... graxa.

— Ahi tens de onde tirei a casa. Sou um homem honrado, mas o dinheiro é como a graxa.

....

E digam-me vocês agora: não era intelligente meu tio? Antes da *theoria de Einstein*, poz as mathematicas de cabeça para baixo.

Paz a seus restos sobre o gancho de ferro!...

A PAZ

HONTEM á noite, quando eu dormia, febril, com o pulso alterado e violento bater do coração, tive, mãe, um sonho raro, um sonho mystico, feliz e inquietante, que me deixou a alma cheia de estranha sensação.

Talvez, seja um sonho como o do Pharaó, e necessito de um José que o interprete.

•

SONHEI, mãe, que se approximava uma mulher bella, vestida com uma tunica bordada a ouro e pedras, com a cabeça e o pescoço, braços e mãos faiscantes de joias. E disse:

— Sou o Dinheiro. De hoje em deante, serás meu protegido e o protegido de minhas irmãs, que são os Prazeres.

E tive ouro, e tudo comprei, menos uma sensação: a Paz.

Mandei emissarios carregados de ouro por toda parte, para que me trouxessem a Paz, por qualquer preço: não poude ser. Fui eu mesmo procurál-a, derramando o dinheiro a mãos cheias. Viajei sem descanso, correndo pelo mundo atraz de minha illusão. Mas tudo foi inutil. Tudo fracassou. Minha illusão côr de rosa fugia. Fugia sempre deante de mim, sem que meu braço, estendido, pudesse alcançál-a. Foi inutil deixar correr o ouro. Decepcionantemente inutil. A Paz não se compra nem se vende.

•

DEPOIS estive algum tempo mergulhado nas sombras espessas da subconsciencia, esmagado pela sensação dolorosa do não ser.

E veiu uma segunda dama, de aspecto senhorial, com porte severo e majestoso, com rosto correcto, de expressão fria e desdenhosa.

E disse:

— Sou o Orgulho, e não fracasso. Ajudada por minhas irmãs, que são os Prazeres Immateriaes, eu te protegerei.

E fez-me entrar em um carro de ouro e sêda.

Subimos muito alto arrastados pelo magico tropel dos brancos cavallos alados, que puxavam o carro. Corremos loucos pelo céo, molhando-nos na humida crystallização das nuvens, abrazando-nos por nossa proximidade do sol. Até meus ouvidos chegavam sons áureos dos clarins da Fama, que tocavam em minha honra, repercutindo por todo o mundo, como sirene gigantesca dos écos de meu saber e de minha gloria.

A Sabedoria e o Talento agitavam-se em meu espirito até fazer-me mal.

Cheio de vaidade, vi em minha carreira as pessoas disputando meus livros. Ouvi as ovações delirantes do publico que assistia ás minhas estréas. Até meus ouvidos chegou o éco da enorme colmeia humana que se occupava de mim, tributando-me elogios e applausos. E tive orgulho, e desfrutei na vida, com a Vaidade e o Talento, o Saber e a Fama.

Quando, ao passar pela rua, as pessoas me olhavam com mystico enthusiasmo; quando lia as cartas de admiradores de todo o mundo, tinha uma ansia estranha, procurava alguma coisa, devia ser feliz e não o era: não tinha Paz.

Em meu sonho, transpirava, extenuado por minha carreira em busca do Ideal.

A febre subia pelos esforços que fiz tentando alcançál-o. Estava cheio de alturas. Subia ao cimo do Dinheiro e minha quéda foi grande! Escalei a cúspide vertiginosa do Orgulho. Por ser a altura maior, mais terrivel foi a quéda. Tive tudo, gozei, mas não fui feliz.

Como o apaixonado, que desespera depois da hora do encontro, e passeia inquieto de um para outro lado, assim passei eu pela vida. Tive encontro marcado com a Felicidade, e ella não veiu. Talvez tenha fugido com o vizinho.

De João Martin de Estrada

CAHI, por fim, outra vez, em um torpor inconsciente, na negrura do dormir sem sonhar, na soledade da falta de pensamento e de imagens, em que, sem fantasia, parecemos animaes. Que triste dormir sem sonhar!

*

E tu appareceste, mãe querida, com tunica branca e um estranho resplandor. Foste approximando-te com cuidado, silenciosamente, como o patinador sobre o gelo. Deslizando, parecias essas figuras que no cinema se approximam rapidmente até occupar o primeiro plano da tela, enchendo-a toda.

Antes que eu falasse, tu me disseste:

— Vem. Estavas enganado: ahi não existe a felicidade.

E assignalaste o mundo:

— Eu te levarei onde poderás approximar-te della. Segue-me...

— Não posso, mãe. Não vês que estou exhausto? Não me posso mover.

Deste-me a mão, e emprehendemos o longo e pedregoso caminho das Privações. Arrastavas-me, conduzindo-me com a doçura que só as mães conhecem.

Afinal, suarentos e extenuados, com os pés feridos pelas sarças e pelas pedras, chegámos a nosso destino, que era um convento colonial. Puxámos o cordão da campainha, e o som vibrou, harmonioso, pelos claustros vazios. Da torre da egreja voou uma pomba branca, que desappareceu rapida no ether immenso.

Um irmão leigo nos abriu a porta. Em seu rosto brilhavam os raios da alegria. Não era como esses santos martyrizados e dolentes do renascimento hespanhol. Tinha um mysticismo alegre e feliz.

Penetrámos no claustro. As paredes, de cal, se tornavam polychromicas sob a caricia do sol.

Ao entrar no convento, minha alma se renovou. Tive a certeza de encontrar o que procurava. Aprisionei, afinal, a chimera tanto tempo perseguida.

Então, mãe, tu disseste:

— Tiveste tudo o que se póde ter. (No meu sonho não sei si eras fada, santa ou mulher). Não te fizeram feliz as glorias do mundo. Tendo tudo, nada possuias. Sendo rico, soffrias pobreza. Comendo os manjares do mundo, tinhas fome. Bebendo os licores da vida, morrias de sêde. Estavas enganado. Procuravas a felicidade longe de Deus, quando ella está somente com Elle.

"Approxima-te do poço de azulejos, que gela a agua na escura profundidade. E quando tiveres bebido da agua do convento, assegura-te que tua sêde desapparecerá. Deixa tua roupa de finas fazendas, perfumada de custosos perfumes, e teu corpo será fresco e descansado como nunca o foi. O cordão branco e áspero que rodeará tua cintura será fortalecente.

"Atira fóra teus sapatos de louro bem curtido, calça a tosca sandalia, e teus pés serão mais ageis para correr atraz da felicidade.

"Não estás bem assim. Tonsura tua cabeça. Vês que teus pensamentos são mais frescos? Entra agora no templo e não te pesará a alma".

Deste-me um abraço e deixaste-me na porta da egreja colonial. E quando já te ias, deante da porta de roble massiço, esculpida de relevos com biblicas scenas, antes de entrar na casa do Senhor, minha voz, perdendo o ultimo eco mundano, te gritou:

— Obrigado, mãe! Fizeste-me feliz. Approximaste-me de Deus! Obrigado! Afinal, encontrei a Paz!

SUZANNINHA

Os tres pequenos, Oscar Mathilde e Suzanna, de cinco annos, sete e nove, respectivamente, tinham ficado silenciosos, milagrosamente silenciosos, graves, ali, no aposento humilde de tecto carcomido, de paredes mal pintadas, cumprindo a ordem que o pae lhes déra ao sahir:

— Quietos!, sim?

Ao vêl-os assim, obedientes, calados, dir-se-ia que suas almas infantis comprehendiam — ou presentiam — o significado da festa tradicional e legendaria que todos os annos lhes enchia a casa de brinquedos e a mesa de guloseiras...

Natal!

Fóra, no pateo amplo e familiar, daquella casa de avenida, as vizinhas, desde cêdo, se movimentavam nervosamente, de maneira não habitual, para festejar dignamente o Natal, que é o mesmo tanto para os pobres como para os ricos...

De repente, Suzanninha, a mais velha das tres, a menina de olhos claros e azues — dois pedacinhos de céo — como si falásse comsigo mesma, rompeu o silencio com uma phrase simples:

— Eu quero falar com Deus...

Os dois outros pequenos olharam-na.

Depois, sem saber o que diziam, repetiram a mesma phrase:

— Eu tambem quero falar com Deus...

— E eu...

A chegada do pae, inesperada, interrompeu o dialogo.

— Papae! Papae!

Todos se lançaram sobre elle, cobrindo-o ruidosamente de beijos; e, um a um, lhe foram arrebatando os embrulhos pequenos e grandes onde viam, convenientemente amarrados, quem sabe que mysterios, que surpresas!...

O pae deixou-os á vontade, satisfeito de contribuir para a alegria e a felicidade daquelles passarinhos humanos, que, com seus risos e seus gritos, lhe ajudavam, sem o saber, a viver... Contaria talvez quarenta annos... Talvez mais... Talvez menos... O cabello, prematuramente embranquecido, os olhos tristes, apagados, a roupa negra, velha, mal cuidada — todo elle falava do homem vencido pela vida na metade da luta...

— Papae...

Elle estremeceu. A voz de Suzanninha, enviada assim, em um momento de distracção, lhe recordava fortemente, nitidamente, outra voz muito querida, nunca esquecida.

— Que?...

Olhou-a. Estavam sós no aposento. Oscar e Mathilde já tinham sahido para o pateo, a mostrar seus brinquedos aos outros pequenos da casa. Nos olhos azues da menina, elle viu reflectido um desejo.

— Eu quero falar com Deus...

— Hein?

Elle espantou-se. Quiz sorrir, e não poude. Suzanninha, mais de uma vez, já lhe havia inquietado com palavras e perguntas nada vulgares. Despertava nella um intelligencia vivissima, clara: era calada, observadora, retinha em sua memoria, frágil ainda, factos, imagens, conversações. O pae não quiz desillludil-a e esclarecendo-lhe que ella pedia um impossivel, e resolveu escutál-a.

— E para que queres falar com Deus? Que vaes pedir?

Ao ouvido, como uma confidencia, a menina respondeu-lhe:

— Que me devolva mamãe...

Rapidamente, o pae recordou seu drama. Em meio de sua angustia, despertaram em tropel todas as suas recordações. Olhou suas roupas, no duplo luto de sua alma e de seu corpo; depois, percorreu com os olhos o aposento, reparou nos moveis desarrumados, sem ordem, sem limpeza, como si alguem houvesse

de Julio Franzoso

faltado ali de repente, e os olhos se lhe nublaram de lagrimas... Teve medo de cahir em pranto, e falou, debilmente:

— Não se póde... Elle a chamou...

— Sim... Mas não fez bem... Deus não tinha direito de chamar mamãe...

E o pae repetiu, inconsciente:

— Não tinha direito...

Depois de uma pausa, Suzanna perguntou:

— E agora, quem nos vae contar a historia do Menino Jesus?

— Eu...

Tentou fazêl-o.

— Ha muitos annos...

Deteve-se. Não poude. Foi tão visivel sua amargura, que a menina lhe perguntou:

— Vaes chorar?

— Não...

Calaram-se um momento. Depois, mais sereno, falou o pae:

— Tu tens que ser, daqui por deante, a mãe de Oscar e Mathilde, teus irmãozinhos, e, quando fores grande, quando cresceres, si fores bôa, talvez possas falar com Deus...

— Para falar com Deus é preciso ser grande, papae?

— Naturalmente...

— Então, por que não lhe falas tu?...

— Já o fiz...

— E que te disse elle?

— Que o que elle faz, não se discute...

— Então... eu?...

— Tu serás uma mãezinha sem boneca, mas com irmãos para attender, cuidar...

— E terei que lhes dar leite pela manhã?

— E' claro...

— E, á noite, lhes contarei historias, ao deitar-se, como fazia mamãe?...

— Sim... E os beijarás nos olhos, para que adormeçam, como fazia ella...

— E, quando se portarem mal, papae, que farei?

— Primeiro reprehenderás um pouco... e depois os beijarás muitas vezes... como ella... sabes?

— Como mamãe?

— Exactamente.

Calaram-se de novo.

O pae queria falar, mas não podia. Balbuciou algumas palavras. Um nó lhe suffocava a garganta. O nervoso pestanejar de seus olhos denunciava que seu espirito estava torturado pelo peso de uma preoccupação angustiosa.

— Que tens, papae? — perguntou Suzanninha, pondo em suas palavras o accento de uma grande ternura. — Por que affliges quando me dizes coisas tão lindas de meus irmãozinhos?

— Si não me afflijo, filhinha... Ao contrario, sinto-me feliz de ver que és tão bôazinha — disse elle, dissimulando sua dôr.

Fóra, no pateo daquella casa de avenida, incrustada no coração mesmo de um bairro operario, as vizinhas continuavam nervosamente sua agitação, emquanto que, ao passar deante da porta do viuvo inconsolavel, observavam, indiscretas, seu interior. No fundo, as crianças, e, entre ellas, Oscar e Mathilde riam, gritavam, inteiramente alheios á dor da vida que, entretanto, passava tão perto delles...

Dentro, na habitação estreita, de paredes mal pintadas e tecto carcomido, o pae de cabellos prematuramente brancos acabava de encontrar uma mãezinha joven para seus filhos abandonados, — naquella criança, que era uma viva imagem da mulher querida, nunca esquecida — que naquelle dia de Natal queria falar com Deus...

.. ..

E beijou-a nos cabellos, para que Suzanninha não a visse chorar...

J. M. SENNA (Capital) — Sente-se que a sua apresentada é uma escriptora de pulso. O feminismo póde vêr nella um forte baluarte. Uma defensora ardente dos ideaes da mulher moderna.

Mas o nosso programma não comporta o genero de collaboração que ella nos destina.

O *FON-FON* é uma revista mundana e literaria. Não póde endossar idéas e conceitos, expendidos em um trabalho declaradamente politico. Esse genero suscitaria polemicas. Pelo menos, abriria precedentes a uma collaboração de combate, capaz de produzir choques de opiniões e divergencias doutrinarias. O nosso semanario ficaria deslocado, no meio dessa fogueira de pensamentos.

Si a sua apresentada nos enviar collaboração literaria que esteja em nossos moldes, — farei uma excepção em trabalhar a seu favor. Sim, porque não me esforçarei mais para ser util ás literatas. Ellas são mais ingratas do que os nossos confrades que, afinal, ainda se dizem nossos amigos, emquanto ellas fazem questão de se tornarem nossas inimigas.

E disso tenho tantas provas...

MOEMA CARAMURU' (S. Paulo) — A sua carta é dessas que nos fazem rir, um momento, e depois nos arrancam esta phrase inevitavel: "Pois sim..."

A meu vêr este "pois sim" diz mais do que si eu escrevesse um volume, para demonstrar até que ponto chega a hypocrisia humana — quando pensamos e sentimos uma coisa, para dizer outra, no fim...

Em outros termos: não vale a pena dar um tom sério a um assumpto que só deve ser tratado na troça. Sim, porque, dizer, no seculo XX, que o dinheiro é o "vil metal", e isto e aquillo, para dar a idéa de superioridade, é um fingimento tão grande, é uma insinceridade tão alarmante, como o beijo que Judas depoz na face divina do Rabbi...

Mas vamos á sua carta:

"Yves. — Altino Arantes ao receber em nossa Academia de Letras a cadeira vaga com a morte de Amadeu Amaral, disse, fazendo uma apologia ao seu antecessor: "Amadeu era tão bom que, alguem usurpando os poderes cardinalicios, proclamou, Amadeu Amaral — o Santo"; e hoje, eu, usando destes mesmos poderes, proclamo: "Yves, o Bemaventurado" E quer você saber porquê? Simplesmente pela tua ultima deliberação de não mais fazer estudos graphologicos sem remuneração.

Certamente você já está, ironica e maldosamente commentando: "com a crise monetaria que estamos atravessando, esta consulente me proclamar "Bemaventurado" porque não trabalho mais de graça, é incrivel, ou ella é rica e m'o quer dizer ou é muito bôa". Não caro Yves, não sou rica, e se o fosse não lhe contaria, pois bem sei que para o Yves a unica riquesa que tem valor é a do espirito; e quanto á bondade, desconheço-a por completo, mas... voltando ao assumpto, digo-lhe que a sua resolução contentou-me de modo inaudito, visto desde muitos mezes (não digo annos para você fazer idéa de que sou joven) vontade immensa de conhecer o meu *eu* pela graphologia, porém, como sou inimiga fidagal do "dever favores", esta minha vontade sempre ficou insatisfeita, mas hoje não, pois pedindo-lhe um estudo de minha letra e pagando-o, não peço e nem fico devendo favor, portanto, mais uma vez e aos quatro ventos: "Bemaventurado Yves!!!"

Agora Yves, antes de terminar, desejo fazer-lhe uma pergunta, desprovida de todo e qualquer "*interesse*" pessoal: não acha que é um tanto prosaico, um brilhante poeta, de idéas tão subtis como o nectar dos Deuses, e tão azues como o Infinito, tratar de negocios financeiros? pondo ao lado de suas tão incomparaveis rimas, a hedionda $?...

Bem Yves, já lhe aborreci em demasia, aguardando o estudo de minha letra e uma resposta á minha pergunta, envio-lhe saudações e faço votos para que o seu natal seja esplendido, e o novo anno lhe traga mil felicidades.

Sua admiradora, entre todas a mais humilde

Moema Caramurú".

Muito bem. Só desejo é que v. ex. me indique o local onde pretende atirar o seu rico dinheiro... Estou de accôrdo: as cifras e os cifrões sujam muito as mãos das pessôas... Mas das que os não possuem...

SOL RAC (Santa Catharina) — O seu soneto não póde ser publicado.

HELIONE BASTOS (Pernambuco) — A sua carta azul, é portadora de palavras bonitas, mas insinceras. Insinceras porque v. ex. declara que é "uma intelligencia mediocre", mas intimamente está convencida de que é — um talento.

E não pensa mal. V. ex. é uma das minhas conterraneas que honraram a nossa terra: Pernambuco.

todos . . .

(Sabe que seu filho do Leão do Norte?).

Escreve v. ex.:

"Yves: você, que é paciente, perdôe á Helione, não haver cumprido a promessa de não o incommodar mais. Promessas de mulheres... Você sabe, são assim. Quem as conhece tão bem, como você, saberá perdoal-as.

Si a sua resposta dirigida á mim, n'um dos numeros do Fon-Fon. Obrigada. Acho despresivel uma creatura, assim mediocre como eu, mas não venho contestar o que você disse. Gostei do seu julgamento sincero e é por isso que agradeço. E tambem o não me negares intelligencia. Bondade sua, ou talvez, se engane. Em todo o caso, esta intelligencia em nada me serve, porque não tiro della proveito algum. Intelligencia mediocre, Yves! Intelligencia mediocre. Voce já ouviu dizer que os mediocres são teimosos? Para mostrar-lhe que o sou, venho pedir á você, o favor de ler este conto: — O "tronco" e dar-me a sua opinião. Posso esperar?

Tem paciencia commigo, Yves, e creia que continúo a ser a sua sincera admiradora. — *Helione Bastos.*"

Ora, como vê, nada disso é verdade. Nem mesmo aquelle *paciente* que me concede. Paciente, eu? Paciente é synonimo de "pouca intelligencia". Quando não se quer dizer que A é como aquelles animaes, que vão á frente das carroças, diz-se que elle é *paciente*.

— Coitado! Elle não é um espirito illuminado. E' um tanto imbecil. Mas tem um predicado: é *paciente*.

Perdôe, mas não me chame paciente. A não ser no sentido de victima dos maus poetas e das *bas bleus*...

O seu conto *O tronco* resente-se de algumas imperfeições. Mas imperfeições se encontram em trabalhos de mestres, de escriptores de nomeada, de "medalhões" que, não raro, não passam de nullidades.

Por esse motivo a sua collaboração seria aproveitada, — si não viesse escripta no verso do papel.

Pergunte ahi aos literatos e jornalistas de suas relações como é que se escreve para jornal. Depois que v. ex. souber pegar no arco — para tocar a sua rabeca — eu irei ao seu concerto...

MAGDALA (Capital) — Aqui apparece cada uma... Essa é de cabo de esquadra. Li a sua missiva. Tornei a lel-a. Pulo a uma certa distancia dos olhos. Abri um olho, fechei o outro. Franzi as sobrancelhas. Desfranzi-as para franzil-as de novo. Sorri e desmanchei o sorriso. Fiz uma cara de sogra... Isto é, de sôgro... Meditei — naquella attitude classica de "Le Penseur", de Rodin. Depois, não pensei mais. E disse commigo: "E esta! Ella ha de estar com a sua linda cabecinha um pouco desarrumada..."

Mas, francamente, meus senhores! Haverá, por ahi, quem me explique ou traduza esta carta, da sra. Magdala?

"Yves. Não te preoccupes, ella é mesmo assim...

Corina ergueu a cabeça orgulhosa sacudindo a cabeleira castanha. — Os males passam, vivamos o momento presente. E com um gesto desenvolto tomou do chapeu e da bolsa e descendo as escadas correndo convidou o companheiro a um banho de piscina.

O rapaz ficou estupefacto, com um sorriso bom nos labios, olhando a jovial creatura. — Ella sabe ser feliz! Ambos sahiram pelo jardim, atravessaram a rua, separaram-se nas cabines. Pouco depois, ajustada no maillot preto, Corina chega á borda da piscina. A agua crystallina reflectia o azul do ceo. Dá um mergulho, parece que não tem fim. O moço já se impacientava quando surge ella risonha do outro lado. Elle se ativa, nadam juntos. O sol envolvia a ambos nos seus raios de fogo. Ouvem-se gargalhadas trepitantes. Meia hora depois. Silencio. Ella sae d'agua pensativa, elle radiante.

.. ..

Os notas sociaes annunciaram mais um noivado.

Hoje é tão feliz, Yves, que não podes imaginar.

Sei que duvidas, mas has de crer ainda. Ella me disse hontem que te vae convidar para tomar chá. Lá nos encontraremos.

Adeus, até sabbado.—*Magdala.*"

Em todo caso, vou esperar pelo chá...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia destinada a "Saibam todos" deverá ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4130

FON - FON — 30 - 5 - 931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

NECESSIDADES inadiaveis, que diziam dos interesses de meu Estado a um Congresso na capital do paiz, reclamavam meu embarque immediato, por um telegramma simples e expressivo, que me fez precipitar para a agencia dos vapores rapidos que demandam o Rio de Janeiro, em transito por Pernambuco.

Apenas um transatlantico, o "Cap Arcona", havia marcado a sahida de Recife, áquelle dia.

Aguardar o aeroplano da linha tornava-se-me tardio, porque um desastre na praia dos Touros, em Rio Grande do Norte, damnificára o apparelho que percorria a costa brasileira áquella semana.

Nem me fôra possivel obter accommodações para essa precipitada viagem. Entretanto, compromettido commigo mesmo, no zelo de minha investidura diplomatica, decidi-me, de prompto, ao embarque.

Moço — porque a alma não envelhece — sentia-me a contento toda vez que me propunha afastar um obstaculo. Si bem que esse fosse realtivamente insignificante para mim, que a luta intima dos pensamentos se me affizera aos embates maiores, preferia o aconchego morno de um bom camarote á eventualidade das noites incommodas.

Todos os beliches estavam reservados e somente um imprevisto poderia collocar-me na preferencia para accommodações.

Emtanto, havendo adquirido a passagem, em hora aprazada demandei o cáes do porto, onde o transatlantico se preparava para zarpar.

Eis quando, inesperadamente, me surge a possibilidade de obter um leito, com a vinda expressa do agente, que, attencioso para mim, viera scientificar-me de

O estranho compan

que a familia indicada para occupar o beliche numero treze, por motivos que lhe eram estranhos, desistira da viagem. Isso me confortava, pela demonstração gentilissima daquelle cavalheirismo de um amigo adquirido ha uma hora apenas, por uma casualidade tão natural dentro do destino, caprichoso como as mulheres.

O navio deslocava do cáes. Agora, a cidade de Recife já ao longe se enfeitava toda, jorrando luz pelos combustores electricos.

O mar atirava-se com furia sobre a massa de ferro que o ia vencendo. A léste, o pharol, com uma vassoura de luz, varria as aguas.

Permaneci ainda na amurada por algum tempo. Noite feita. Céo furado de estrellas. Vento norte.

Uma badalada estridula moveu-me.

Firmado nos corrimões e nas cordas, cheguei a um camarote. Identifiquei-o: 13. E' sorte, não ha duvida!

Da sala de jantar chegava-me um ruido de talheres que se encontram. Lembrei-me de que não havia jantado. Vesti-me.

A sala era espaçosa, de cadeiras movediças, e a um canto uma orchestra alegrava o scenario. Tocava a ultima opereta em voga: musica de Lear, languida, espreguiçada... Muitas flores. E mulheres. Na orchestra, o violinista era um contraste dos acordes. Rapazes alegres, estudantes em ferias, reuniram duas mesas no centro da sala.

Distrahia-me nessas observações. O tempo passou. O relogio de bordo marcou-o. Eu estava cansado e queria dormir. Deixei a sala, a musica, as flores e as mulheres...

— Bôa noite, senhor!

Eu estremeci. Não julgava ter companheiro nesse beliche. Estranhava até a presença desse homem affavel, mas de traços esquisitos, anormaes. Não foi sem embaraço que a elle respondi:

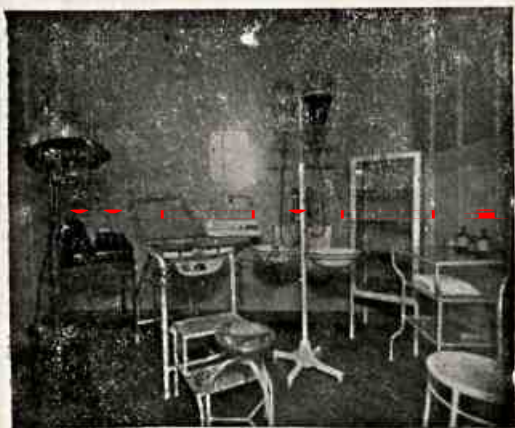
— Não me havia dito que viajava em sua companhia, cavalheiro. Queira desculpar-me. Nessa ignorancia, commetti a grosseria lamentavel de levar commigo a chave do camarote. Talvez seja devedor de sua gentileza...

O imprevisto dessa companhia, da qual eu estava absolutamente desprevenido, me desagradou; era o receio de não haver correspondido a uma delicadeza desse homem maneiroso, porém antipathico. Entretanto, justifiquei-me:

— Pensei que viajava só. Embarquei em Recife...

Elle sentou-se na cama... A luz dava-lhe em cheio no rosto. Observei-o melhor. Duas sombras grandes faziam desapparecer-lhe os olhos. Mostrava dentes grandes, num riso que se tornava constante.

Saliencias osseas. Do cabello não sei a côr, naquelle jorro de luz. Tinha gestos mansos, quasi mecanicos. Dedos esguios. Mal podia ouvir-lhe a voz. Seria o barulho das machinas?! Sei que seu rosto era branco, transparente. E de sua bôcca, muito grande, vinha um ar morno, com cheiro de terra molhada. Acheguei-me a elle, para ouvil-o. Então, senti um arrepio que foi acalmado pela sonoridade da sua voz de tonalidades estranhas aos meus ouvidos:

CARLOS

heiro daquella noite

— Eu viajo sempre. E sempre aqui. Venho de longe. Fujo ao contacto dos homens. Quasi ninguem me vê...

— Algum desgosto? Um amor infeliz? — accentuei, sabendo que não poderia sêl-o, porém, no proposito de mudar o curso da conversa, que já me ia irritando. — Ha sempre factos heroicos e ridiculos, sempre comicos, onde está a mulher.

Elle confirmou, para surpresa minha:

— Sim! Um amor infeliz!

O meu estranho companheiro daquella noite mostrou mais os dentes grandes e claros em contraste com as manchas de sombra a velar-lhe os olhos. E, numa confidencia espontanea, continuou:

— Conheci-a não sei onde. Andava eu, nesse tempo, á roda do leme de um veleiro. Vencendo borrascas, pondo raiva ás tormentas. Tempestades quebravam mastros do meu barco, mas não diminuiam o meu enthusiasmo pelo mar. Era um doido! E o meu navio, um fantasma. Nas noites escuras, eu sentia a volupia da luta contra as vagas: os gigantes flexiveis. Oh, aquillo me allucinava! O turbilhão de espumas levando a ré da minha corveta accendia-me desejos de catastrophes. Mastros eram partidos, velas rasgadas e o leme em minha mão tentava libertar-se. E eu só, com o meu navio fantasma! Marinheiro poltrão não se aventurava a acompanhar-me nos desafios aos elementos.

"Pois bem! Foi numa aventura dessas que eu salvei uma mulher. O "Titanic" havia naufragado. Perto, ignorando o desastre, eu namorava a borrasca que tentava desprender-me da roda do leme. Era a volupia. Eu ria, de cara descoberta á furia das aguas. Essa mulher vinha quasi morta, sobre destroços de um barco batido pelas ondas. Prendi a roda do leme a correntes e salvei-a. Não, não pude salval-a. Eu me lembro de tudo que eu vi: tudo verde; aquella mulher tinha os cabellos verdes, olhos verdes, sorriso de espuma — na voz o murmurio do mar, no corpo dolencias de vagas... Perdi-a. Perdi-a. Apparece-me sempre, como uma allucinação. Corri mares, na esperança de encontrál-a. Foi de um porto esquecido, de não sei onde, que ella veiu. Camarote 13. Era este! Eu acompanhei-a. Fiquei a espreitál-a, como um criminoso, escondido de todos. Passageiro clandestino. Eu, o commandante do navio fantasma. Era uma noite assim como esta. Lá em cima, dançavam. Eu rondava o beliche. Beliche 13. Espiei pela vigia. Ahi! Olha! A mulher deu um grito. Transida de susto e mais bella, precipitou-se. Eu corri pela amurada. Olhei firme, e com odio, o mar. Tudo escuro. Mas, havia um clarão nos meus olhos. Lá em baixo, ella, a mulher que eu salvei. Ria nas espumas; seus cabellos ondeavam, seus olhos eram verdes e sua voz, a voz maviosa dum marulho. Abracei-a num salto e possui-a toda..."

O homem estranho teve um gesto brusco de membros, mostrou maiores seus dentes, mas eu não ouvi sua gargalhada. Apenas, lá fóra, um grito angustioso, tão sentido, que me sacudiu. Rompi pela porta. Silencio. Só o ruido sêcco e compassado das machinas e das ondas. E o balanço do barco. Quando voltei ao meu camarote, o meu estranho companheiro havia desapparecido.

Na embaraçosa situação em que fiquei, exigi a presença do immediato de bordo. Dei o alarme. Pedi-lhe uma explicação. Contei-lhe, com navalhadas na voz, a scena dessa noite. Pareceu não acreditar-me. Veiu em seguida o commandante. Reaffirmei o que havia presenciado e apresentei-lhe as minhas credenciaes. Havia tumulto nos corredores. Conversas desencontradas. Apartes maliciosos. Ninguem ouvira o grito a que alludi. Aquelle camarote tinha apenas uma chave. Nada se verificou de anormal. Apenas no chão um copo partido. Nada mais. O commandante, solicito, attendendo á minha situação, pediu-me que o acompanhasse. E, discretamente, tomando-me pelo braço, amparando-me, caminhou commigo. Percebi que dava ordens a um official: mandára chamar o medico de bordo, rispido, sem uma contracção no rosto:

— Que vá ao meu camarote!

E, para mim, delicado, affavel:

— Lá o senhor estará melhor!

Ao entrar no confortavel camarote do velho commandante, mostrei-lhe na parede a photographia do homem que se me apresentou de modo tão singular, naquella noite, transtornando-me o animo com tão forte impressão.

Soube que fôra elle um valente official da marinha mercante allemã, pobre espirito dominado por uma obsessão que o victimára no brusco suicidio que encheu de sombras más a noite accidentada de uma viagem do paquete pelos portos do Brasil.

M A D E I R A

Quanto dura uma Lua de Mel?

Dura ás vezes o tempo de uma lua . . . Dura emquanto permanece o ar contente que reflecte o estado d'alma venturoso da joven esposa. Mas a alma não governa o corpo. Os soffrimentos physicos apagam das physionomias os vestigios das alegrias interiores. E as Senhoras, sob a ameaça permanente de seus Incommodos, só podem ter a segurança de não soffrer, si souberem que

A Saude da Mulher

é o remedio infallivel das Flores Brancas, das Colicas Uterinas, das Regras Demasiadas, doenças, que desencantam e perturbam a phase idylica da lua de mel.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 22

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1931

Uma flauta e uma valsa...

A voz magoada de uma flauta derrama, dolentemente, na noite clara de maio, a suave melancolia de uma valsa antiga. Uma valsa que eu já ouvi tantas vezes, sorvendo commovido, a sua harmonia dolorosa. Uma valsa que sonorizou, lyricamente, as mais lindas horas sentimentaes da minha vida...

Uma flauta e uma valsa... Duas interpretes do amor. Duas vozes amargas do coração...

Vejo-me pequenino e ingenuo na minha terra cearense. Sem conhecer o mundo, já presentia o meu destino de zagal insatisfeito. A noite de maio, sob o luar fulgurante, que vestia de prata imponderavel a cidade de São Francisco do Canindé, era um poema lyrico do sertão. Havia um silencio tranquillo nas ruas onde os meus olhos de garoto triste não encontravam aquelle deslumbramento emocional que se agitava no meu espirito romantico. Só uma flauta solitária gemia na quietude ambiente. O artista voluptuoso e torturado tirava do seu instrumento as notas desoladas da mesma valsa que eu escuto, agora, nesta grande noite melancolica da civilização... Naquelle tempo, apenas uma coisa me faltava: a experiencia. Tudo o mais eu tinha: este coração ingenuo e amoroso, esta sensibilidade *demodée*, esta angustia indefinida, este desejo louco de apanhar as estrellas que vejo no infinito...

Que menino estranho eu era! O soluço da flauta sertaneja enchia-me a alma infantil de outros soluços que eu mesmo não comprehendia. Emocionava-me. Suggeria-me pensamentos transcendentaes. Dava-me um pouco de consolo no meu precoce desalento.

Depois, em varios instantes de meditação, eu voltei a ouvir aquella flauta e aquella valsa... Dir-se-ia que rondavam o meu destino. Fui crescendo, fui crescendo... Aprendendo a desilludir-me da grande illusão da vida. Querendo bem ao soffrimento. Amando o amor na sua essencia venenosa. Exaltando o infortunio. Adorando o impossivel...

Vertiginosamente, cheguei á idade das emoções violentas. Mas não as sinto. Acostumei-me, desde cêdo, a dominar o meu tumulto interior. E assim vou vivendo a minha hora sentimental, que ha de durar emquanto eu tiver coração para soffrer e emquanto tiver alma para ouvir a flauta e a valsa do meu amôr...

Martins Capistrano

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Latinorios

PARA os latinos, si a vida era curta — vita brevis —, passageiros eram os dominadores da terra — brevem dominum. Entretanto, pelo seu orgulho, elles se julgam eternos. E o seu destino ainda se pode integrar dentro da phrase classica — fortuna vitrea est.

* * *

Uma das phrases latinas mais citadas pelos escriptores é esta: Macte animo, generose puer! isto é, coragem, criança generosa!

E' um verso da Eneida de Virgilio alterado por Estacio. Nesse poema, se lê no livro IX o verso 641: Macte nova virtute, puer! sic itur ad astra. O complemento — assim se vai aos astros, assim o homem se eleva até o céo, tambem se tornou uma das citações mais batidas de todos os tempos.

* * *

Ad augusta per angusta, latim sonoro que todos gostam de lembrar para dizer que pela difficuldade se attinge ao triumpho, não nasceu no Lacio. Nasceu em França e é tão novinho que ainda não conta um seculo. Foi Victor Hugo quem o fabricou para senha dos conjurados no quarto acto do Hernani...

* * *

O pé da morte esmaga indifferentemente os mortaes. Hoje, pisa o millionario; amanhã, o mendigo; no mesmo instante, ás vezes, o opprimido e o oppressor. Numa de suas Odes, Horacio exclamou: Aequo pulsat pede...

* * *

...nec vivere carmina possunt
Quae scribuntur aquae potoribus.

Assim, proclamou o mesmo vate que não viverão os versos escriptos pelos poetas que só bebem agua.

Seculos mais tarde, quando, no fundo do oriente, Omar Khayyam canta a embriaguez é, paradoxalmente, um echo bacchico da latinidade...

FAIANÇAS

A CARTA QUE NINGUEM LEU

Foi assim que o homem lyrico iniciou a sua carta, a sua ultima carta de amor:

"Adeus, Corinna!..."

Proseguiu ao correr da penna:

"E' muito triste aquelle trecho de um livro qualquer de D'Annunzio, em que o genial amoroso de *Il Fuoco* descreve a morte do amor, de um seu amor.

"Houve um tempo — diz o poeta — em que os dois sonhavamos, não já o amor sem a paixão até á morte... Ambos acreditavamos em nosso sonho lindo e meigo."

E depois:

"Grande ventura seria para nós, si uma nova illusão pudesse succeder á antiga, á desfeita, e si, de novo, se estabelecesse em nossas almas uma troca de affectos puros, de commoções delicadas, de esquisitas tristezas..."

Eu sinto bem o amargo desejo — mixto de decepção e renuncia — que se alojou no coração de D'Annunzio. Porque, dentro do meu, começo a experimentar esse anseio desesperado e afflictivo, que, sendo decepção e renuncia, é feito de esquisitas tristezas. Esquisitas, porque não sei si são argamassadas de odio, de amor puro, de resentimento, ou si são apenas o travo de uma dôr que subsiste á ruina de um ideal. De um ideal que se eleva, que floresce como uma rosa de crystal — — para depois se reduzir a estilhaços...

Não!

Agora, que tudo morre, dentro do meu coração, que a flamma vermelha de uma paixão desnorteada illuminava, como uma lanterna votiva, pendente da cupola de uma cathedral adormecida — eu comprehendo que ao amor em agonia, ao amor que morre como um sonho inaccessivel, um sonho que só podia ser concebido, e nunca realizado — comprehendo que não é "o affecto puro" de D'Annunzio que está no meu coração; não é o mundo de commoções delicadas, — que elle desejava; não são tampouco as "esquisitas tristezas", a que se refere. E' apenas o vacuo, a solidão, o deserto... O deserto povoado de miragens, de auroras e crepusculos, do fantasma de uma mulher que amei, como em *Rêve familier*, de Paul Verlaine, e cuja voz tem

"L'inflexion des voix chères qui se sont tues..."

Ah! o homem se deteve. Pensou um instante. Lentamente dilacerou as folhas do papel de linho... Depois, como tudo era irremediavel — desatou a chorar...

YVES

Linda como as bonecas de Vienna ou como as duquezas de Fragonard, mlle. Déa Bergamini encanta pelos seus attributos de graça e pelos seus dotes moraes. Do seu eminente pae, dr. Adolpho Bergamini, ella possue o brilho e a elegancia das attitudes de espirito. Dahi o largo circulo de relações que desfructa. Dahi tambem o motivo por que as suas amiguinhas se reuniram, sexta-feira penultima, — data do natalicio da senhorita Déa — para lhe dizerem da sua amizade sincera, da sua admiração, de envolta com muitos parabens e votos de felicidade.

A Arnaldo Damasceno Vieira

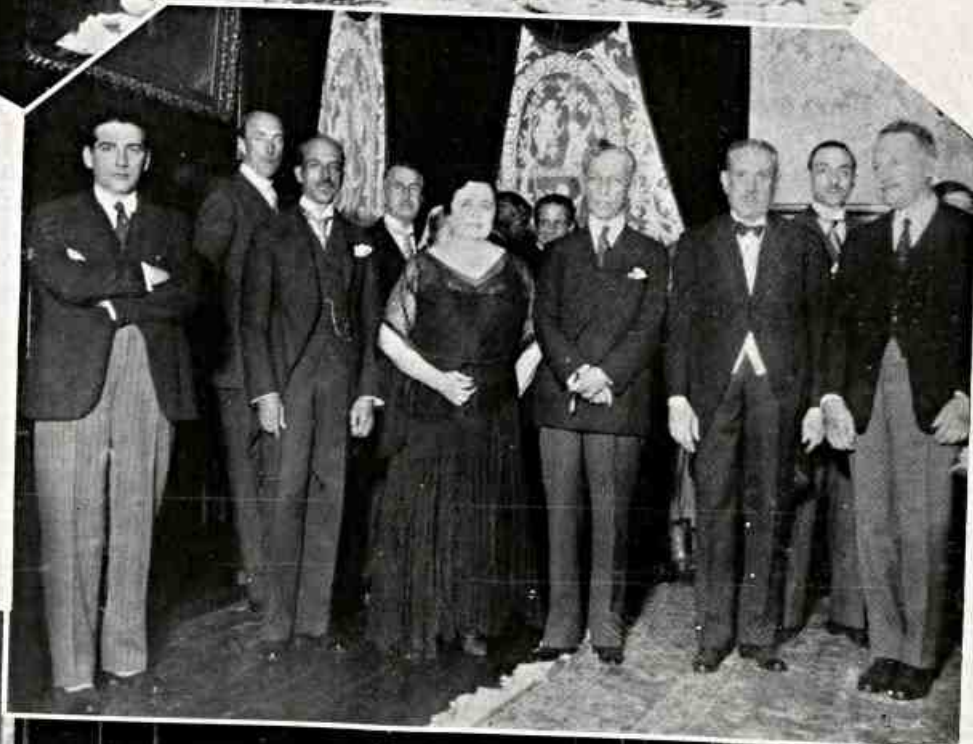
Patria não é somente essa abstracta grandeza,
o céu, a terra e o mar — scenarios da existencia!
Patria é a sociedade, a raça, a quintessencia
de um esforço genial, plasmando a Natureza!

Patria é uma expressão de força e de belleza!
O labor da colmeia: a Arte, a Industria e a Sciencia...
Vale a pena ser livre? Eia, pois, reverencia
ao pária que morreu pela nossa defesa!

Brasil! Si os teus heróes, teus genios redivivos,
quizerem retratar teu destino altaneiro
(si os mortos podem vir aconselhar os vivos...)

dirão que amar a Patria é amar o brasileiro!
E' dar gloria e justiça aos teus filhos nativos,
e a tudo o que nasceu sob a luz do Cruzeiro!

Patria

Alvaro Bomilcar

Muito elegante, pelo seu alto cunho de distincção e finura, foi a recepção que o sr. embaixador da Argentina e senhora Mora y Araujo offereceram á sociedade carioca e ao corpo diplomatico, por motivo da passagem do anniversario da Revolução da Independencia da vizinha Republica do Prata. São aspectos dessa reunião mundana e diplomatica que estampamos nesta pagina.

O chefe do governo provisorio recebeu, ha dias, em audiencia solemne para entrega de credenciaes, o novo embaixador da Belgica no Brasil, sr. Fernand Peltzer, que nesta pagina apparece ao lado do dr. Getulio Vargas, no salão de honra do Cattete, em palestra com s. ex., e quando se retirava do palacio do governo, após a cerimonia diplomatica.

FILIGRANAS

Velas de barcos perdem-se nostalgicas nos longes acinzentados do horizonte. Sobre a face dos morros azúes boiam as nevoas ralas da manhã. E lá num ou noutro ponto uma mancha de luz solar brilha como uma esperança pequenina.

Meus pés levam o corpo fatigado pela curva doce da praia rendada de espumas. Sobre a minha cabeça, ronca um aeroplano prateado. E o meu pensamento se dobra sobre si mesmo, no segredo da minha vida interior.

Como na paizagem, em minha alma ha velas que fogem saudosamente nos longes cinzentos do passado, ha nevoas de soffrimentos que demoram sobre as asperezas de minha energia intima e ainda reluzem alegremente alguns clarões de esperança...

COCAINA

Quem semeia beijos... colhe lagrimas.

*

O amor é um jogo de espelhos, com uma só imagem...

*

Néro deixou de ser uma figura de Roma, porque, na actualidade, é um symbolo do Universo.

*

No amor, quem mendiga é justamente aquelle que está apto para dar...

MARION

Na séde da Cruz Vermelha realizou-se a cerimonia da entrega de diplomas ás novas enfermeiras formadas pela escola daquella instituição. A exma. senhora Getulio Vargas presidiu á solennidade, a convite do general Alvaro Tourinho, que tambem se sentou á mesa, juntamente com o dr. Florencio de Abreu.

TREPAÇÕES

O rapazóla tem a mania das epistolas amorosas.

A qualquer proposito, elle mergulha a penna no tinteiro, e... tome epistola.

Mas, coitado!, Deus não lhe deu um bocado de intelligencia: por isso, o que rabisca ou garatuja no papel, é de metter dó!

Nunca teve mesmo a idéa de recorrer ao *Conselheiro dos amantes*, ou a outro volume onde se encontram modelos de cartas para todos os generos de amores pulhas.

Era mais acertado, pois não teria o trabalho de puxar pela cabeça, para, afinal, só conseguir kilometragem de asneiras alambicadas, acreditando com isto conquistar corações.

Ha dias, uma carta do rapazóla foi lida em voz alta numa assembléa de mulheres, sob a chuva de sonóras gargalhadas.

Os commentarios saltitaram de um lado a outro, com mordacidade causticante.

Que horror!

Si o autor da epistola estivesse escondido atraz de um biombo e ouvisse o que diziam a respeito do seu "notavel talento", teria ficado chumbado ao solo.

O rapazóla bem podia tomar juizo, deixando as pobres meninas em paz.

Era um allivio geral...

FOI numa estação de aguas que o romance começou.

Foram ambos curar o figado, e parecem ter conseguido o fim almejado.

No parque silencioso, junto ás fontes das aguas crystallinas, encontraram o remedio para os seus males.

Deixaram por lá as tristezas, regressando ao Rio com a esperança de uma outra vida, plena de alegrias...

Elle já não tem a mania do suicidio, nem ella vontade de morrer...

Querem viver, longamente, para a delicia das caminhadas a pé, pelos sitios desertos e pittorescos da cidade, onde passam horas esquecidas, longe de tudo e de todos...

Depois, retornam á casa, para recomeçar, no dia seguinte, o romance iniciado na estação de aguas...

E tão suave correm os dias, que elles nem sabem si têm figado, orgão positivamente aborrecido...

Esqueceram o figado, porque descobriram que tinham coração...

Está certo...

QUANDO estavamos na Republica Velha, o nosso heróe desempenhava o papel de famulo dos poderosos, com uma singular dedicação.

Parecia que havia nascido sem espinha dorsal, prompto sempre para qualquer serviço, comtanto que auferisse lucros.

UM GURY QUE PROMETTE...

Claudio de Oliveira Coutinho é o nome deste gury de dois annos apenas e de quasi vinte kilos, que sabe dizer coisas engraçadas e, como se vê... até fazer «pose» para photographia... Quiz sahir assim, na chapa e... no FON-FON, para mostrar aos outros gurys do seu tamanho e da sua força que é capaz de derrotál-os numa leal e bem fiscalizada luta de «box»...

E como tivesse geito para receber gorgetas, prosperou, subiu, installando-se na vida.

Quando veio a Republica Nova, elle se encheu de um grande terror.

Teria sôado a hora da tomada de contas?!...

Que seria delle e dos socios nos negocios rendosos?!...

Mas, a coisa não foi tão feia quanto diziam...

O nosso heróe, com o seu feitio de bicho de concha, esgueirou-se mansamente, com armas e bagagens.

Subiu ainda mais, subiu como foguete, e appareceu com os revolucionarios, dando ordens.

E, passando á categoria de *trunfo*, levou pelas mãos os companheiros de jornada.

Os que não têm geito para mudar de cara, ou de idéas, como si muda de camisas, ficaram verdadeiramente maravilhados com a astucia do cidadão da Republica Velha.

Si fôr creado, porventura, um novo Ministerio, naturalmente o veremos ministro...

E' melhor concordarmos que a razão está com elle.

Entre um homem carregado de dinheiro e outro que tem como recommendação unica a sua honestidade, o primeiro está de melhor partido na vida...

O resto é philosophia barata, que não enche barriga.

DO repertorio do theatro, ao tempo dos nossos avós, fez parte uma comedia, farça, ou coisa semelhante, com o titulo de *Medico á força*.

Devia ter sido uma peça interessante, porque fez época. Desconhecemos o conteúdo do trabalho, mas isto não tem importancia para o nosso caso.

O que pretendemos registar é simples; tão simples que qualquer pessôa entende.

Dizem que existe na cidade um pacato cidadão, armado do titulo de medico, que bem podia trocar de profissão.

Espetou no dedo um annel de esmeralda, e vae fazendo o seu commercio com os doentes incautos que se illudem com a sua prosapia.

Contam casos *espantosos* da sua clinica.

Certamente, fizeram-no medico a força... porquanto teria dado um excellente veterinario.

Mas, infelizmente, a nossa terra continúa a ser o paraiso dos ignorantes.

Ousadia, uma esmeralda... e tereis ganho o reino do céo...

Os officiaes do Exercito recentemente promovidos pelo chefe do governo provisorio estiveram, quinta-feira penultima, no palacio do Cattete, em visita de agradecimento ao dr. Getulio Vargas, a quem foram apresentados pelo general Leite de Castro, ministro da Guerra. Na gravura acima apparecem esses illustres militares ladeando o presidente Getulio Vargas e o ministro Leite de Castro.

Foi um acontecimento mundano de grande brilho, pelas figuras prestigiosas que se achavam presentes, á inauguração, na semana passada, da primeira escola domestica, profissional e social feminina que se installa no Rio de Janeiro, por iniciativa do dr. Carlos Bezerra de Miranda e de sua exma. senhora. O novo estabelecimento recebeu, na sua solemnidade inaugural, a benção da Igreja Catholica, lançada por s. ex. revma. d. Joaquim Mamede, bispo de Sebaste, que se vê na gravura acima, num grupo entre os demais convidados, e num instantaneo ao lado da exma. senhora Getulio Vargas e do illustre director dos Cursos Praticos Bezerra de Miranda, que é este o nome da moderna escola de organização domestica.

EXAUDI

Ilná Pontes de Carvalho

Por que te foste, Amor?... Por que vieste,
e ao viver tão vazio que eu supportava
uma enchente de gozos me trouxeste?
Por que partiste após? Quando eu pensava

que eras um sonho apenas que eu buscava,
para enfeitar a minha vida agreste,
era feliz na dor que eu prolongava...
Por que te foste, Amor? Por que vieste?

Podias não ter vindo... e no meu sonho,
e nos magoados versos que eu componho,
continuarias sonho a se esboçar...

Podias não ter ido... e, neste instante,
na tua a minha bocca palpitante,
fremia no esplendor de despertar...

ILNA' Pontes de Carvalho é uma formosa poetisa do Norte, que breve será festejada pelo nosso grande publico, através do seu primeiro livro, em vias de publicação.
E' um talento forte, que irá occupar posição destacada nas nossas letras femininas.

A Associação dos Artistas Brasileiros inaugurou, na semana passada, com o Terceiro Salão dos Artistas Brasileiros, a sua nova séde, no Palace Hotel, onde ficará definitivamente installada. Esse duplo acontecimento de arte foi brilhantemente celebrado, por isso que, no grande e luxuoso salão da Avenida, se reuniram, na tarde da festa dos artistas brasileiros, as figuras mais representativas do mundo intellectual e social, além de membros illustres do corpo diplomatico, do governo da Republica e da alta sociedade carioca.

Balcão Florido

MINHA princezinha distante — Uma galva de melancolia, dessas que envolvem a alma e o coração da gente no velario das immensas e infinitas saudades — apenas sentidas e nunca bem comprehendidas — espalha, no ambiente do meu quarto de doente, a mysteriosa e occulta inquietação que a condiciona.

Estou triste e, mais do que nunca, só. Tão só e tão inquieto que, chamando em meu auxilio todas as forças de meu espirito cansado, busco attrahir, ansioso, sua pequenina alma de boneca, que sinto em derredor de mim, volitante e refulgente como uma borboleta feita de luz.

Mas, sua alma, minha princezinha distante, sua alma que, em vão, busco colher no beijo com que solicito o seu carinho, acenas é minha no que ella tem de sonho e de garôa.

Porque somente através desta immensa distancia que nos uniu, para trazer-nos sempre separados, é que se encontram, de vez em vez, os rythmos, mysteriosos e profundos, dos anseios de nossas almas.

Que importa, porém, que assim seja?

A vida é toda feita de contrastes e desencontros. E o destino, a fatalidade, pelo poder incoercivel e cego dos seus designios, condemnou-nos a marchar pelos caminhos asperos da vida, um ao lado do outro, mas como duas parallelas que nunca se encontrarão...

Escute: não fique triste, não. Deixe pender sobre o meu peito amigo sua cabecinha inquieta. Assim... Agora, agora deixe-me beijar, doce, suavemente, a rosa vermelha da sua bocca, onde palpitam e fremem canções de amor. E deixe que as mãos de luz e seda do teu carinho desçam sobre você, em vibrações de ternura e de volupia.

....

Desperto. O céo de Copacabana é uma caricia azul a vestir o espaço infinito. Um sol, em que ha refulgencias de oiro e prata, derrama sobre a terra um espasmo de luz. Brinca, no meu quarto de doente, uma exaltação quente de vida.

«FON-FON» NO CEARA'

A formosa e gentil senhorita Berenice Moraes, filha do dr. Tancredo Moraes e da escriptora d. Adilia Moraes, ornamento da sociedade de Fortaleza.

Sinto-me melhor e menos só. E, a sorrir para você, minha princezinha distante, é que fujo ao ambiente de garôa e de melancolia que me envolvia a alma e o coração, para palmilhar, sempre a seu lado, a estrada de Damasco, illuminada e florida, da miragem verde com que meus olhos, deslumbrados deante da vida que se refaz em mim, se enchem de novo de illusão e de fé, de esperança e de sonho...

ADORAÇÃO...

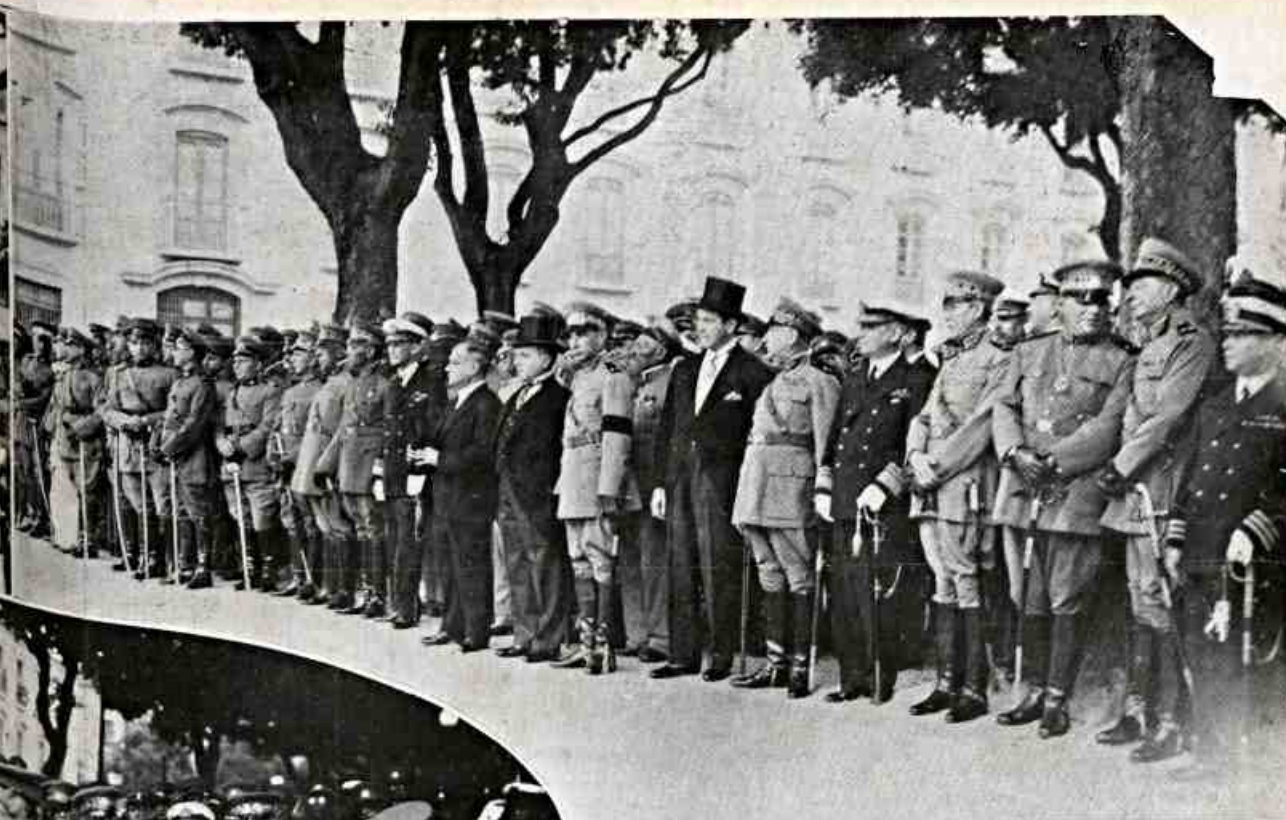
Eu vinha de longe, a palmilhar os desertos aridos da vida, cheio de inquietação e de soffrimento. Minha alma era uma paizagem de angustia e de desolação. E tinha estanques todas as fontes de meu coração. Todas as fontes que, um dia, através da sua canção de aguas murmuras e frescas, fizeram a alegria e a festa do meu mundo interior. Um pequeno mundo de contos de fada, todo sortilegio e encantamento. Um mundo que a gente perde quasi sempre para nunca mais achar...

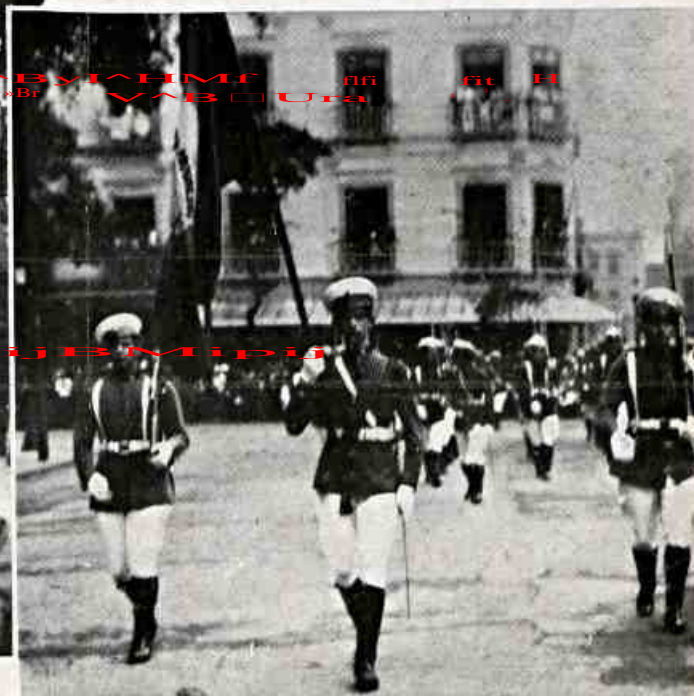
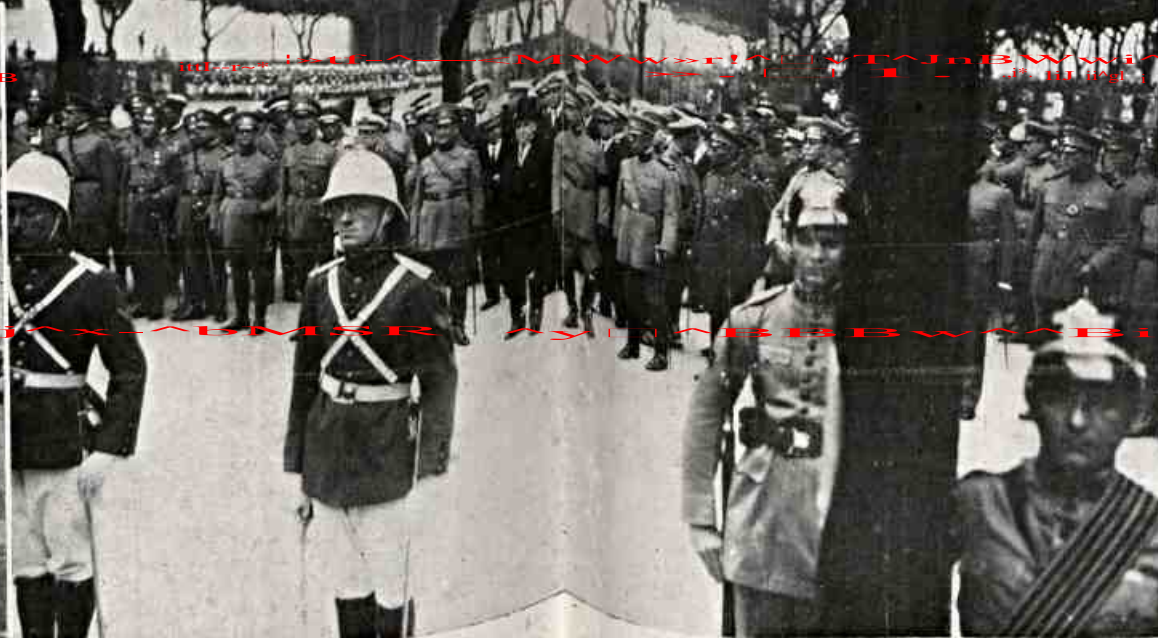
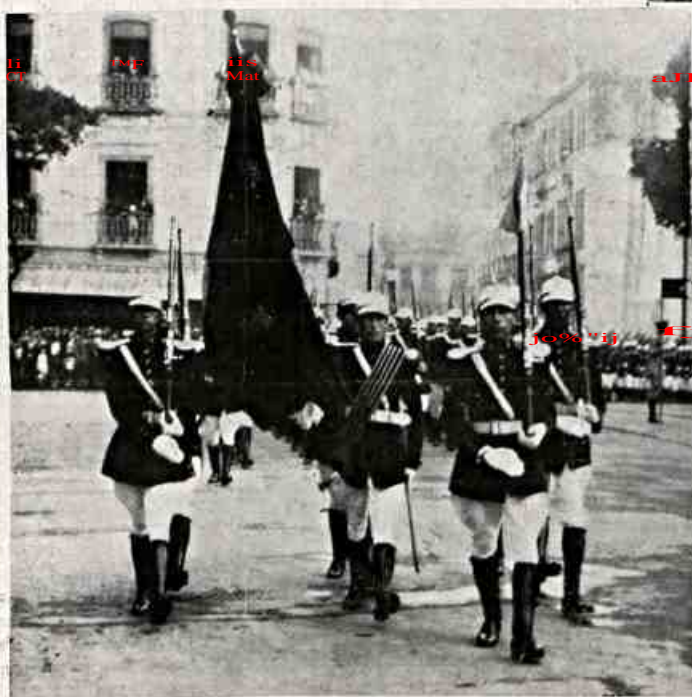
Mas, quiz o destino, quizeram-no as fadas bemfazejas que me deram a beber, um dia, o vinho loiro da illusão e do sonho, que eu te encontrasse *nel mezzo del camin* da minha vida, quando ao redor de mim já as folhas amarellecidas do outomno começavam a bailar, no espaço, o bailado de melancolia do seu abandono.

Mas tu vieste, meu grande amor, e as folhas seccas do meu outomno transmudaram-se, magicamente, nas borboletas volitantes e multicôres que doiram e enchem de deslumbramento e de suave inquietação emocional o faustoso palacio de vidros da maravilhosa illusão que creaste para mim. Só para mim, que revivo em ti todos os sonhos que sonhei e que nunca realizei...

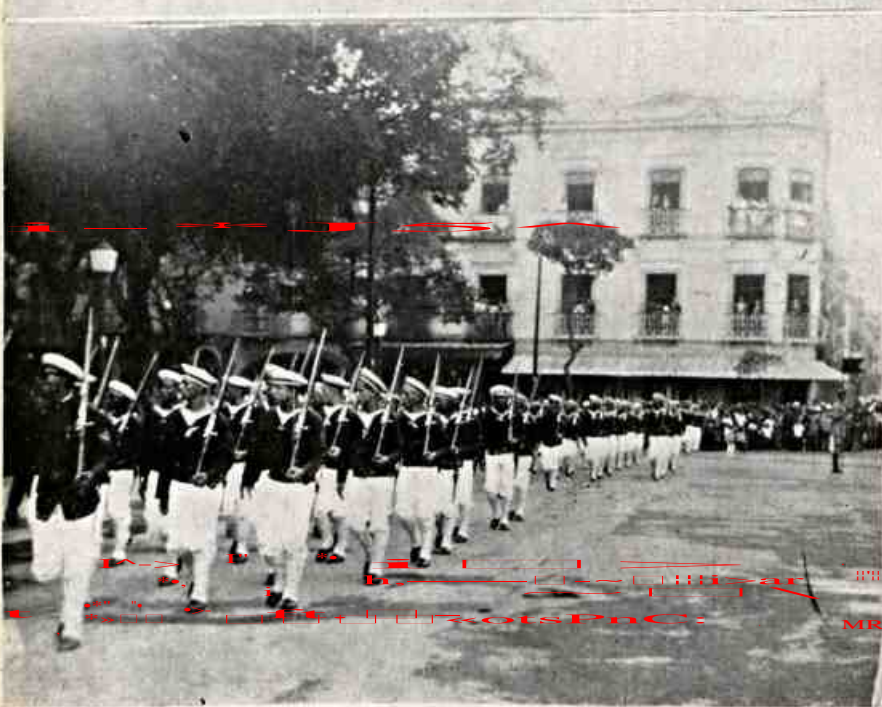
Bemdita sejas pelo milagre de me fazeres voltar ao mundo de encantamento de que, um dia, desertei, a suppôr que a vida poderia ser vivida sem a illusão e sem o amor. E,

Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches,
Et puis voici mon coeur qui ne bat que pour vous;
Ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches
Et qu'à vos yeux si beaux l'humble présent soit doux.

HELIANTHO.

COMMEMORANDO A BATALHA DE TUYUTY

Brilhante, sob todos os aspectos, foi a commemoração, nesta capital, domingo ultimo, da batalha de Tuyuty, memoravel feito das armas brasileiras na campanha do Paraguay. Realizou-se uma parada das nossas forças de terra e mar, que desfilaram em torno do monumento do general Osorio, na praça Quinze de Novembro. A essa solennidade compareceram o chefe do governo provisorio, acompanhado de suas casas civil e militar, ministros, diplomatas e outras altas autoridades. São flagrantes dessa brilhante formatura que a nossa gravura reproduz.

JORNADA SENTIMENTAL

A joven e brilhante poetisa paulista Lys Dorison, pseudonymo que encobre, modestamente, o nome da senhorita Lys S. Blumenschein, vae dar-nos, dentro de alguns dias, o seu primeiro livro — *Jornada Sentimental*, que revelará, ao nosso mundo literario, um talento original e uma doce e melancolica sensibilidade.

Lys Dorison é filha da illustre poetisa Colombina (Yde Blumenschein), e já, por varias vezes, tem apparecido nas paginas de FON-FON, assignando lindos versos da sua musa feminina.

Jornada Sentimental apparecerá, como nos communica sua gentil autora, por toda a semana vindoura, e será logo exposto á venda nas livrarias de São Paulo e do Rio.

Contingentes do Exercito e da Marinha desfilando na praça Quinze de Novembro, em continencia ao chefe do governo provisorio, e após a ceremonia militar junto á estatua do general Osorio, vencedor de Tuyuty. Ao centro, o monumento de Osorio, embandeirado e florido, na manhã de domingo, antes de ali chegarem as altas autoridades da Republica.

A MUSA DA PAIXÃO NA AMERICA LATINA

HELENA DE IRAJÁ

Geralmente, quando entre nós se fala em letras ibero-americanas, e quando nos queremos referir ás poetisas que tanto honraram ou ainda exalçam o seu paiz, dentro dos limites deste continente, um só nome aflóra a todas as boccas, que costumam apenas exclamar, "Juana de Ibarbourou!", revirando os olhos quem tal pronunciou, como si em extase...

Por que esse exclusivismo ?

Não falando na nossa Gilka admiravel — excluida de todos os recitaes poeticos, graças a uma "pruderie", ridicula, nesta cidade e neste seculo, — temos a série das Gabriela Mistral, das Alfonsina Storni, das Raquel Sáenz, respectivamente no Chile, Argentina e Uruguay e, antes de tudo: de Delmira Agustini, depois de Herrera y Reissig, o maior poeta da America Latina.

Aos dezesete annos, tendo a extincta artista publicado o seu livro de estréa, recebeu de Rubén Darío, o mestre, uma verdadeira consagração.

De facto, o "Libro Blanco" — despretencioso titulo para tão farta mésse de rimas bellas! — é mealheiro precioso, encerrando ouro puro de estrophes, de idéas, rythmos e sentimentos.

Foi a sua autora então cognominada: "la más grande poetisa de los tiempos modernos."

Comprehendendo a Arte pela Arte, embora tachada de extravagante pelos mediocres, possuiu uma personalidade vigorosamente despida de preconceitos que, não raro, desfiguram legitimos valores intellectuaes.

O seu erotismo, erronea e diversamente interpretado por todos os lados, é motivo unico da sua producção literária e assume ás vezes uma feição interessante, quasi cerebral, a explosão dos sentidos purificando-se pelo espiritualismo, alma nos labios, redempção — conforme sonhava Martins Fontes na "Canção dos Cavalheiros da Belleza". Não sei de outra versejadora que possuisse imagens mais saborosas e transcendentalmente alcandoradas do que essa uruguaya genial e tragica que, em plena adolescencia, tinha já o espirito sazonado, como um delicioso fructo de outomno. Veja-se "Nocturno", conjuncto harmonioso que tão bem a define:

"Engarzado en la noche, el lago de tu alma,
diríase una tela de cristal y de calma
tramada por las grandes arañas del desvelo...

Nata de agua lustral en vaso de alabastro,
espejo de pureza que abrillantas los astros,
¡ y reflejas la sima de la vida en un cielo!"

Falando sobre o amôr, julga que é *"raiz nutrida en las entrañas del Cielo y del Averno, que viene a dar a la tierra el fuerte fruto eterno, cuyo sangriento zumo se bebe a cuatro labios."*

A lua, eterna victima dos poetas, que soffre os epithetos mais extravagantes e toda uma série de logares-communs, na phrase de Agustini, suscita este verdadeiro arroubo lyrico, que sou forçada a transcrever integralmente, não podendo omittir uma unica das bellezas ahi encerradas:

"Medallón de la noche, con la imagen del día
Y herido por la veria de la melancolia...
Hogar de los espíritus, corazón del azul,
La tristeza de novia en su torre de tul.
Máscara del misterio ó de la soledad,
lavada, como un hongo, sobre la inmensidad.
Primer sueño del mundo florecido en el cielo,
O la primer blasfêmia, suspendida en su vuelo.
Gran lírio astralizado, copa de luz y niebla,
Caricia o quemadura del sol en la tiniebla.
Bruja eléctrica y pálida que orienta en los caminos
Estravía las almas, hipnotiza destinos...
Desposada del mundo en magnética ronda,
Sonámbula celeste, paso a paso, de blonda.
Pátria blanca ó siniestra de lírios y de círios,
Oblea de pureza, pastilla de delírios...
Talismán del abismo melancólico y fuerte,
Imantado de vida, imantado de muerte...
A veces me pareces una tumba sin dueño,
Y a veces, una cuna... toda blanca... tendida de esperanzas y ensueño."

Todos aquelles que hajam lido a obra de Delmira Agustini conhecerão, certamente, "Plegaria", originalissima composição poetica em que a poetisa péde a Eros clemencia para as estatuas, esses corpos perfeitos mas sem vida, que não vibram, que não amam, corpos *"revestidos del armiño solemne de la calma"....* para esses labios infelizes que nunca *"apresaron un vampiro de fuego con más sed y más hambre que un abismo!"*

. . . .

Vejo-a! Bella, não de perfeição, porém toda ungida de transfiguração mystico-sensual, excitado o seu rosto tragico por aquelle fogo interior de pensamento, perigoso para uma mulher, estatua de carne e alma pedindo amôr, querendo amôr, e não o logrando, afinal... Sinto a sua insatisfação perenne ante a Vida, pequena demais para ella.

A sua angustia me fére, angustia abutre que a tortura e persegue: Parece-me ouvila exclamar, como na advertencia de Musset:

Moi pour un peu d'amour
Je donnerais mes jours,
Et je les donnerais
Pour rien sans les amours.

A existencia, mesquinha e má, costuma, por vezes, zombar dos que mais esperaram nella, defraudando

(*Conclúe na pagina seguinte*)

Helena de Irajá, escriptora scintillante da geração moderna, autora de chronicas e contos que firmaram, entre nós, o prestigio literario de seu nome, offereceu a FON-FON esta pagina inédita, onde os seus meritos e a sua cultura repontam em cada periodo. Apparecerá, brevemente, o seu livro de estréa, um romance de costumes e educação social, intitulado: «As abandonadas».

A musa da paixão na America Latina

(Conclusão)

assim todas as suas legitimas aspirações de ventura, embora relativa.

E os predestinados da Arte e da Belleza soffrem duplamente, porque são grandes em demasia para os lilliputianos que o cercam!

Delmira Agustini, mulher-emoção, abrazada em ardores multifórmes, temperamento rico de vibratilidade, por um capricho ironico do que quer que seja.... fatalidade, sorte, acaso.... não conheceu o amôr, ligada a um casamento frio e vulgar; mais

Mrs. Alice Willard Cutler é a notavel pintora norte-americana que, ha pouco, visitou o nosso paiz, de onde, disse, sahia tão encantada, que promettia voltar, e muito breve... A distincta artista, que leva comsigo diversos trabalhos inspirados em motivos brasileiros, está realizando uma demorada excursão pelas nações sul-americanas, no desempenho de uma missão, cuja nobre finalidade convém assignalar: intensificar o intercâmbio artístico deste lado do continente com a grande patria yankee. E ninguém, melhor do que Mrs. Alice Willard Cutler, cuja alma e coração a nossa natureza maravi-[illegible] e a nossa gente conquistou, poderá contribuir, no que nos diz respeito, para essa aproximação espiritual.

ainda: por um lamentavel engano, foi morta pelo proprio esposo, aos 26 annos de mocidade e talento.

Que teria sido dessa creatura si vivesse mais?

A que cimos alcançaria a sua lyra, bruscamente partida, antes de desferir suas notas mais bellas?

Mas... punição sem gloria, pobre Francesca sem Paolo, a mueca do palhaço — destino em esgares de riso, castigo sem a compensação ao menos do crime... Pobre Delmira! Não importa! Si de amôr

Maria Francelina é uma das nossas mais bellas e perfeitas organizações artisticas. Sua arte, sadia e lindamente colorida, é intensamente suggestiva. «Sertaneja», trabalho de que estampamos a reproducção acima, e que figurou no Salão Official de 1929, nesta capital, acha-se actualmente exposto no «Roerich Museum» de Nova York, com outros quadros da illustre pintora patricia, cujo exito, naquelle centro artistico, onde se reuniu a 1.ª exposição de pintura brasileira na America do Norte, foi dos mais honrosos. Maria Francelina vae, brevemente, figurar com novos trabalhos na proxima Exposição de Arte Feminina, a se realizar nesta capital na primeira quinzena de junho.

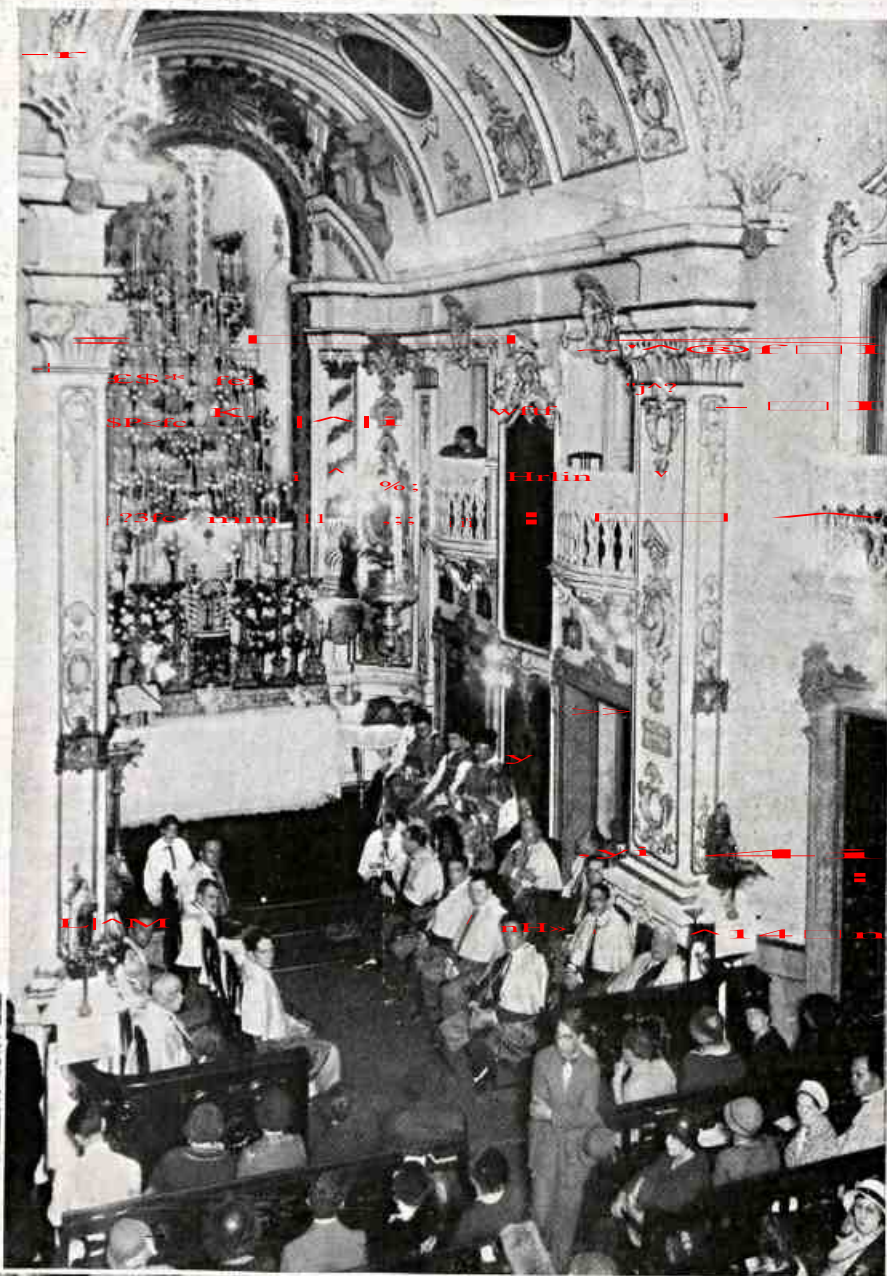
não possuiste o prazer, restou-te o morrer por elle, embora injustamente, apesar de não te haverem comprehendido nunca, musa da paixão, lyrio branco de enthusiasmos, feminilidade poetica rara e deslumbradora, tão cedo sacrificada na terra, inda ás vezes barbara, de Christovão Colombo.

O esculptor paulista J. Scuotto, nome justamente festejado nos nossos circulos de arte, acaba de expôr no 3.º Salão dos Artistas Brasileiros, inaugurado quarta-feira penultima, no Palace Hotel, um busto do nosso distincto confrade e conhecido escriptor e poeta, Paschoal Carlos Magno, a quem, ainda ha pouco, a Academia Brasileira de Letras conferiu, com legitimos titulos, o Premio de Theatro 1930.

FILIGRANAS

As revoluções, conforme ensinam os exemplos historicos, são desencadeadas em nome da liberdade; mas seus resultados são justamente o contrario de suas premissas e promessas. O caso actual da Espanha é caracteristico. Si o poder real puniu até de morte os que se envolveram em rebeldias e violencias, nunca praticou actos de força contra os que pacificamente professavam o credo republicano. Entretanto, a nova Republica Espanhola, mal se empoleira e já decreta a expulsão dos religiosos monarchistas. Si se tratasse de conspiradores ou rebeldes, agiria como a realeza anterior e nada se teria a dizer. Porém a expulsão de elementos calmos só pelo facto de conservarem idéas contrarias ao regime em vigor não póde ser approvada pelos homens sensatos.

Por especial deferencia de sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, coube á igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens a celebração inicial da «Semana Archidiocesana», ceri-

monia essa que se realizou, com toda a pompa do ritual, na ultima segunda-feira. Antes da missa solenne, officiada por monsenhor Francisco de Assis Caruso, capellão da Irmandade daquella Excelsa Padroeira, produziu bellissima oração sacra o revmo. padre dr. Henrique de Magalhães. Essa tocante celebração religiosa que, como a «Semana Maria» e a «Semana Parochial», precede a imponente festa em louvor de N. S. da Conceição Apparecida, attrahiu numerosa e distincta assistencia ao lindo templo da rua da Alfandega, que se achava artistica e faustosamente ornamentado. Focalizamos nesta pagina dois expressivos flagrantes do que foi a commovedora solennidade religiosa de segunda-feira ultima, na igreja de N. S. Mãe dos Homens.

Jardim Aberto

D. JAYME

Caixa de mascates

OS NOVOS MEDICOS

O dr. Luiz de Azevedo Rosa, que terminou seu brilhante curso medico, já é um hábil operador da clinica do professor Jorge Gouvêa. Sua these mereceu, na «Semana da Urologia», realizada, este anno, em S. Paulo, um justo voto de louvor, proposto pelos illustres mestres prof. Antonio de Almeida Pratto, drs. Zeferino do Amaral, Christiano de Souza, Raul Vieira de Carvalho e Rodolpho Freitas.

(Photo De los Rios)

Nos dias que correm, tomada dum delirio satanico, como se se approximasse a realização do Apocalypse, em certos lugares a humanidade declara sacrilegamente guerra a Deus, como já declarára guerra aos reis. As republicas já não contentam mais os animos exaltados e elles resvalam para o communismo. Irreflexão! O homem comprehende os reis e julga-os; comprehende as democracias e julga-as, mas absolutamente não comprehende Deus. Porque, si o comprehendesse, como pensava Chateaubriand, elle proprio seria Deus...

* * *

E' da natureza masculina dizer mal da mulher. Sobretudo por a não entender bastante. A psychologia feminina tem subtilezas que escapam ás nossas antennas sentimentaes embotadas. E, como a não comprehendemos, della falamos mal. A's vezes, com graça, é verdade. Milton, por exemplo, é delicioso quando a denomina fair defect of nature, o lindo defeito da natureza...

* * *

E' muito mais difficil um escriptor ser original do que parece. Um dos maiores genios literarios da França pensava que, para um homem de letras ter essa originalidade, não era somente preciso que não imitasse ninguem, porém que, ao mesmo tempo, ninguem o pudesse imitar. Com essa reciproca, talvez seja melhor aos escriptores abandonar as velleidades de escrever e tratar de outra vida mais facil...

NOTAS INTELLECTUAES

O nosso joven confrade M. Pinto, que alcançou um legitimo successo com a sua recente conferencia sobre o thema «A neurasthenia em funcção de responsabilidade», realizada no Centro Nacionalista.

* * *

Somente os artistas dão gloria eterna aos reinados dos principes, mesmo si elles se enriqueceram de triumphos militares. Tirae do seculo de Luis XIV Corneille, Racine, Boileau, Lafontaine, Bossuet, os oradores, os poetas, os historiadores, os artistas que o immortalizaram e bastar-lhe-á o brilho das armas de Turenne, Condé, Catinat, Villares e Berwick?

* * *

A solidão da alma somente de nós depende. Podemos viver isolados no meio da maior actividade e do maior tumulto, guardando comnosco mesmos toda a nossa vida interior. Foi o que Santo Agostinho nos ensinou quando disse que a alma contemplativa fabrica ella propria a sua solidão.

* * *

A' fé tudo se deve no mundo, sobretudo a arte. Sem fé, nada se construe, e com a fé tudo se consegue. E' preciso ter fé num ideal religioso ou num ideal humano, não importa, comtanto que se tenha fé. Sem ella, somente a decadencia póde esperar a humanidade e, com a decadencia, o regresso fatal á barbárie.

* * *

A virtude deve ignorar-se a si mesma.

* * *

Almas ha eternamente viuvas e incapazes de sahir dessa viuvez.

OS NOVOS MEDICOS

O dr. Alcindo M. de Figueiredo foi um dos elementos brilhantes da ultima turma da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo conquistado, com sua these, approvada com distincção, o «Premio Visconde de Saboya». E' um joven obstetra de promissor futuro.

(Photo De los Rios)

O campeonato da cidade e o jogo Botafogo — S. Christovão

O Botafogo e o S. Christovão jogaram domingo passado, no campo da rua General Severiano, e ali proporcionaram uma bella tarde sportiva aos admiradores do football. Foi essa uma das partidas mais importantes daquelle dia, tendo os dois «teams» disputantes desenvolvido uma actuação digna das suas tradições, e que despertou o mais vivo enthusiasmo na grande e fremente assistencia que enchia o campo do Botafogo, acompanhando interessadamente todos os lances da sensacional pugna. A nossa pagina offerece os flagrantes mais expressivos do jogo que movimentou toda a zona de Botafogo, irradiando a sua repercussão pelo resto da cidade.

Festejando a assignatura do recente decreto sobre legislação pharmaceutica, recebido com agrado geral pela laboriosa classe, a Associação Brasileira de Pharmaceuticos promoveu, sexta-feira penultima, em sua séde do edificio do Syllogêo, uma brilhante solennidade, durante a qual houve discursos de elogio á nova lei e ao governo provisorio. Compareceram á cerimonia as figuras mais destacadas da classe pharmaceutica, os representantes das altas autoridades e outras pessôas gradas, que se vêem nas duas photographias que illustram esta nota.

A CÔR DA SAUDADE

Você, no outro dia, me perguntou de que côr era a Saudade...

Confesso que me embaraçou deveras sua pergunta. Naquelle momento, eu lhe poderia dizer de que côr era a Felicidade, porque tinha nas minhas mãos os dez punhaes de carne dos seus dedos... E toda você era alegre como um sorriso...

E você sorria tambem, dizendo como era possivel a um Poeta faltar idéa para responder a pergunta tão facil...

Eu tambem sentia pejo do meu embaraço. E' que, nesses transes, você punha no cofre dos meus olhos os seus — macios como a corolla de uma flor!

E esse extase me trazia um amollecimento, um quebranto inexplicaveis...

. . . .

Nem os livros m'a deram! Os livros, esses meus fidelissimos amigos. Nem as poesias que escrevo — nada!

Agora, que você partiu e (com certeza) não voltará mais, é que eu achei solução á pergunta: a Saudade, minha esquiva amiga, deve ser castanho-clara, da côr dos seus olhos que, ha muito, não vejo...

PAULA CHAVES

FILIGRANAS

Um dos systemas de morder mais antipathicos em voga nesta terra é o de enviar pelo correio cartões de tombolas, beneficios ou recitaes, com a condição expressa de devolvel-os dentro de certo prazo, sinão serão considerados acceitos. Ora, que obrigação tem o individuo que não fez essa encommenda de se incommodar em retornal-a, gastando os nickeis do registo? E', na verdade, um abuso, um meio indelicado de forçar os outros ao acceite de despezas que ás vezes representam verdadeiro sacrificio, especialmente nestes tempos de crise. Fazemos um appello aos organizadores de taes festas ou loterias, no sentido de procurarem meio mais adequado para a realização dos seus fins. Esse já está positivamente e integralmente perobico...

O empresario theatral M. Pinto, do Republica, entre artistas daquelle theatro e criticos dos nossos jornaes, por occasião do almoço com que commemorou o seu anniversario, na Urca.

Os Sete Dias de "Fon-Fon" no Cinema

Ella queria dar-lhes coragem!

TRADER HORN

(Da Metro-Goldwyn-Mayer)

ALOYSIUS Horn, mais conhecido por Trader (Mercador) Horn, o veterano dos exploradores brancos nas selvas africanas, empenha-se numa perigosa viagem, acompanhado por Perú, filho de um sul-americano que fôra, muitos annos antes, sincero amigo de Horn. Elles seguem viagem por um rio infestado de crocodilos e hippopotamos, sendo que Perú vê, em todos os detalhes que se lhe deparam, motivos de prazer e de recreio, até que, descobrindo esqueletos numa pequena aldeia de cannibaes, seus olhos se enchem de pavor e elle prosegue a viagem já sob outra impressão.

Estavam os dois aventureiros commerciando marfim com uma tribu amiga, quando lhes chega aos ouvidos o som do «juju», o batuque com que se communicam as tribus africanas e que as incita á guerra. Immediatamente, a tribu desistiu das negociações e partiu ao encontro dos seus inimigos. Perú acabara de ver

Interpretes:

Trader Horn, Harry Carey
Nina T., Edwina Booth
Perú, Duncan Renaldo
Renchero, Mutia Omoolu
Direcção de W. S. Van Dyke

Era de horror a sua impressão!

O homem dominando a féra.

uma coisa que até então desconhecia e que, no primeiro momento, achou interessante. O compasso monotono e apavorante do «juju», vindo de serras e serras além, começou a enerval-o e não tardou que elle sentisse vontade de fugir daquelles ambientes cheios de mysterio e perigo. Trader Horn, porém, calmo, e affeito áquellas coisas, tranquillizou-o e conseguiu, mesmo, despertar-lhe interesse por novas curiosidades, por varias sensações que só a Africa possue.

Proseguindo na viagem, ambos têm occasião de encontrar o «safari» de Edith Trend, uma audaz missionaria que estava, naquella occasião, de viagem para a aldeia dos ferozes Isorgas. Vinte annos antes, ella perdera o marido e a filhinha naquella aldeia e tinha o presentimento de que sua filha ainda vivia, por isso que lhe chegara a noticia de que os Isorgas tinham entre si uma joven branca que elles consideravam como sua deusa.

Trader Horn adverte a missionaria do perigo que ella correrá, mas Edith Trend, corajosa como sempre, responde-lhe que tem dois ideaes, naquelle momento: reconquistar sua filha e levar os ensinamentos da Biblia a um povo que tanto necessitava da luz divina. Ella insiste e, penalizado, Trader Horn deixa-a partir, mas promette acompanhar o seu roteiro, no dia seguinte, para o caso de que elle a pudesse proteger em qualquer situação de perigo.

Trader Horn e Perú, com alguns nativos, orientados pelo fiel Renchero, seguem o caminho tomado pela missionaria e, com grande surpresa, encontram o seu cadaver numa das margens da cachoeira de Murchison. Depois de enterrar o corpo, Trader segue, com seus companheiros, pela serra, em cujo centro está a cachoeira, mas não sem experimentar as maiores sensações, fugindo de leopardos, rhinocerontes e outras feras.

Finalmente chegam á aldeia dos Isorgas. São capturados e o chefe da tribu ordena que elles sejam torturados, mas nesse momento apparece a «Deusa Branca», que, obedecendo a um impulso estranho, não obstante a sua ferocidade, em tudo igual á dos Isorgas, impede a tortura. A deusa, entretanto, não entende o idioma dos brancos, e como Perú lhe tocasse no corpo, ella o chicoteia. Após um entendimento com o chefe da tribu, ella decide acompanhar os homens brancos, e segue, assim, na canôa de Trader Horn.

Quando o «safari» de Trader Horn deixa a praia dos Isorgas, o «juju» começa a fazer-se ouvir. E' a perseguição terrivel, aterradora. E' o signal de que todas as tribus, reunidas, vão lançar-se em busca de alguem. Elles sentem o terror daquelle rythmo capaz de enlouquecer, mas proseguem na fuga, através as mattas. E durante dias e dias elles erram pelas serras, affrontando os maiores perigos, assistindo á vida daquelles animaes terriveis que se matam entre si, pela conquista do alimento. Elles proprios experimentam o horror da fome, e da sêde, sendo até obrigados a beber a agua immunda de um pequeno lago usado por elephantes.

Os Isorgas, entretanto, continuavam a sua jornada, e já estavam perto dos fugitivos. Trader Horn decide mandar Perú e a joven branca, que era, elle sabia, Nina, a filha da missionaria, para uma direcção, e elle segue, com Renchero, para outra, pois o negro não quer abandonar o seu patrão. A esse tempo, Trader e Perú haviam notado que qualquer sentimento estranho os ligava a Nina, porém Trader, energico, exigiu que Perú não pensasse em amores, naquelles momentos. Estavam elles a ponto de brigar por causa da joven, quando Trader Horn viu a necessidade da separação, para despistar os Isorgas.

Para esse fim, Trader Horn e Renchero fazem uma fogueira no alto de uma montanha, para attrahir os Isorgas. De facto, os Isorgas approximam-se e Trader Horn e Renchero arriscam a vida, então, na travessia de um rio cheio de crocodilos. A perseguição, entretanto, continuava, e os dois homens, para escapar, occultam-se num monte de folhagens que descia o rio. Os Isorgas, entretanto, em festa, por terem como certa a captura dos fugitivos, lançam flechas venenosas, uma das quaes attinge Renchero, que, propositadamente, para salvar Trader Horn, decidira ficar por cima, no monte de folhagens.

Quando alcançou a foz do rio, Trader Horn viu, com enorme espanto, Renchero moribundo. E Renchero não soltara um grito, sequer, quando foi attingido pela flecha, para não incommodar o patrão! Como sabia ser bom aquelle gigante negro! Com que tristeza a opprimir-lhe o coração, Trader Horn viu Renchero morrer nos seus braços, sorrindo, feliz por ter sido sempre tão fiel para elle...

Emquanto isso, Perú e Nina, conseguindo chegar a uma tribu de pigmeu, obtêm a maior segurança para a continuação da viagem, pois essa tribu era inimiga dos Isorgas e, por isso, quando Trader Horn chega a um povoado mais movimentado, tem occasião de rever Perú e a joven. Trader Horn comprehende que o amor é para a gente moça e decide, assim, pedir a Perú e a Nina que sigam juntos para longe. Perú pede a Trader Horn que os acompanhe, mas o mercador sorri, dizendo que lhe seria impossivel deixar a sua amada Africa.

E esta narrativa termina com uma scena em que vemos Trader Horn, com o irmão mais moço de Renchero, subir o rio, que o levaria a novas aventuras no Continente Negro, que elle tanto ama, ainda, porque Trader Horn ainda vive...

Inimigo á vista.

As pazes seriam duradouras.

"Esposa Emancipada"

Uma Producção da "Universal"

Interpretes :

Conrad Nagel

Genevive Tobin

Zsu Pitts, etc.

Era isto mesmo que o amigo lhe tinha aconselhado.

UM casamento que tivera larga repercussão em todos os circulos sociaes. Uma união por amor. A mais bella de quantas festas matrimoniaes se tinham realizado nos ultimos tempos. Stephen e Hope tinham visto, emfim, concretizado em realidade o bello sonho de ventura que era como que a aspiração maxima da vida de cada um.

Veiu a lua de mel, os mezes passaram, e um lustro tambem. Dois filhinhos encantadores enchiam-lhes o lar de alegria e uma revista mundana chegou, mesmo, a publicar a seguinte e interessante nota: "Indicamos para a Galeria de Raridades Mr. e Mrs. Stephen Ferrier, que celebraram na semana passada cinco annos de ininterrupta felicidade conjugal. As outras maravilhas do mundo são: as pyramides do Egypto, a torre de Piza, o aeroplano de Lindbergh, etc."

Não tardaram, porém, que as pequenas rusgas viessem perturbar a harmonia do casal. Stephen já estava cansado de divertir a esposa, de sahir todas as noites. Precisava, allegava, dormir pelo menos oito horas, e não o conseguia. Andava estafado, numa roda viva, e

O sello dum grande affecto.

tinha agora momentos de intenso máo humor. O caso de uma conta de gaz não paga veiu provocar uma explosão mais violenta, e marido e mulher se amuaram.

E foi então que Hope resolveu procurar o famoso psychologista dr. Mannerring, consultando-o sobre o seu caso. Afinal, disse-lhe o especialista: "A senhora é uma introverta intuitiva. Quando uma introverta intuitiva se casa com um introverto infantil, como seu marido, taes pessôas juntas não podem ser felizes". E aconselhou-a a que levasse uma vida independente, esquecendo-se de que era casada. E accrescentou: "Sinta-se emancipada para viver e amar. Ame livremente! Aproveite a vida!"

Claro é que Hope seguiu os conselhos do medico. Deixou o lar. O marido foi procural-a, mas a coisa não deu grande resultado. Hope passou a ser auxiliar da irmã, uma escriptora e editora de nome, que, aliás, não lhe approvava as tolices. Fez de Rush Bigelow seu companheiro de diversões, o mesmo Rush Bigelow que fôra até então amigo de Stephen. As coisas se azedaram, depois de uma scena entre marido e mulher, e Stephen não hesitou em esmurrar Bigelow.

Hope acedeu em voltar para o lar conjugal. Faziam vida á parte, elle e ella. Os incidentes desagradaveis se succedem e um bello dia Stephen não hesita em praticar o conselho que já lhe fôra dado. Bate em Hope. Desesperado, começa a beber e envolve-se num incidente policial. Chega a nova de que elle fôra victima de um desastre e ella e o tio, o juiz Sturgis, correm ao commissariado, onde sabem que Stephen tomára violenta carraspana, sendo autoado por excesso de velocidade do auto em que passeava com uma linda creaturinha. Tudo se esclarece e, depois, uma scena arranjada para o flagrante de adulterio, necessario ao divorcio, não dá resultado.

As leviandades de Hope cessam. Ella comprehende que ama e amará sempre Stephen. Modifica-se e chega mesmo a confessar que essa modificação se lhe operára justamente no dia em que elle levantára para ella a mão, seguindo o conselho do medico que lhe tratava dos filhinhos enfermos.

E, numa scena encantadora, os dois iniciam a renovação da vida de outróra, dos primeiros annos de felicidade. A esposa emancipada volta a ser a escrava submissa dos seus deveres conjugaes, conseguindo, emfim, Stephen Ferrier dormir as suas ambicionadas oito horas.

Amor á moda antiga e em trajes modernos.

GARÔA.

LA' em baixo, os autos, pequeninos como os de um carrousel infantil, vão deslisando em volta da praça, sob os plátanos que começam a amarellecer... Ainda não é hora do radio, e aqui, no alto deste arranha céo, o silencio é completo. Estou só.

Só, não. Cerca-me um grupo de amigos. De amigos verdadeiros, que me comprehendem e que eu comprehendo e amo. Amigos que se sentem bem ao lado da minha melancolia e do meu silencio. Que me dizem coisas lindas como jamais alguem me disse; que me consolam e me fazem ver, através das suas palavras, o lado melhor das creaturas e das coisas. São os meus livros. Esses, de que a vida real, na sua impiedade, me separa, ás vezes, a semana inteira, deixando-os na bibliotheca, como que exilados do meu carinho...

Meus livros. Lá fóra vae um domingo engarôado, um primeiro domingo de outomno, deste outomno paulista, cinza e violeta, que faz a gente andar ainda mais depressa e dá á nossa terra um tom mais europeu, mais civilizado... O ar parece trepidar de arrepios e ha um brilho humido no asphalto das ruas...

E os meus livros me falam na primavera, nos dias de sol, e eu escuto, bailando na voz do silencio, as esperanças e os sonhos do mundo inteiro.

Elles são tantos, os meus livros, e para cada um delles tenho um afago, porque cada um delles me conta, de um modo differente, um pequenino trecho desse poema sempre novo, que é a vida.

Hoje, tive mais perto de mim, a encantar-me a tarde, um dos mais novos desses meus amigos.

Chama-se *Cidade prohibida*. São versos de um poeta moço e meu conterraneo, Armando Bertoni. Um poeta modesto, sem artificios, que não apparece e passa a vida numa salinha de redacção como uma formiga activa, dando o melhor do seu talento á *Cigarra*, que leva por esse mundo a fóra as cantigas e os poemas do seu redactor.

Muito acima do mal,
muito acima da vida,
No sagrado esplendor da cidade
[prohibida.

E' assim que Armando Bertoni descreve o seu mundo, que é o mundo de todos nós que sonhamos um ideal inalcançavel.

A poesia *Falso rancor* tem esta linda chave de ouro:

E enquanto te desdenho e exprobo
[e insulto,
Sinto que te amo mais do que
[julguei.

Versos commovidos, onde palpita um coração que ainda espera, que adivinha na distancia azul a sombra de uma véla, que talvez se chame felicidade, talvez se chame dôr.

E' assim todo o pequeno livro de Armando Bertoni, esse livro que é um dos meus amigos e que me fez esquecer toda a tristeza deste domingo monótono e triste, como são sempre os domingos das creaturas isoladas e incomprehendidas.

COLOMBINA

NOTAS DE ARTE

OSCAR D'ALVA

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — A noite de arte que nos proporcionou o T. M. no penultimo lunedia, segunda-feira, 18 de maio, assignala o inicio de uma nova phase do movimento musical do R. de J., senão do Brasil. Burle Marx, o joven e notavel regente brasileiro, discipulo do grande e celebre regente austriaco Felix Weingartner, tomou aos hombros e levou a cabo a organização de uma orchestra — a Philarmonica do Rio de Janeiro — capaz de realizar concertos, onde se execute o que ha de mais notavel no repertorio nacional e estrangeiro, educando assim o gosto do publico e fornecendo aos profissionaes, aos amadores e aos criticos, momentos de ineffavel gozo espiritual, de indizivel prazer verdadeiramente artistico. Prova dessa affirmativa foi o concerto de estréa.

O T. M. parecia revestido quasi das mesmas galas com que o vemos nas grandes noites de espectaculos de opera. Se não se pode dizer que houve enchente á cunha, não é demais calcular em mais de dois terços da lotação o numero de localidades occupadas. Havia em todos a espectativa sympathica de exhibição sensacional, que se annunciava. Realizada, o publico não se desilludiu.

Foi uma serie de triumphos para o Regente, para o Solista, para a Orchestra, a execução de todos os numeros: *Abertura da op. "Freischutz"*, de Weber; *6.ª Symphonia*, de Weingartner; *Les Préludes*, de Liszt — só para orchestra; — e para piano e orchestra — *Prelúdio e Andante com variações*, de Henrique Oswald; *Grand Concert em mi menor*, op. 11, de Chopin.

Burle Marx mostrou todo o seu especial talento para dirigir as grandes massas instrumentaes, justificando assim o juizo do seu mestre: "Nada desejo de melhor — escreveu F. W. — que têl-o como meu successor, quando um dia deixar a actividade artistica". Sob a sua animadora batuta, a orchestra procura individualizar-se, adquirir uma unidade dynamica, que a aproxime cada vez mais de um só instrumento sonoro que possuisse todos os timbres. Visando essa finalidade, o Regente traduz na ondulação dos braços e na expressão physionomica todos os matizes phonicos de que está possuida a sua alma de artista. Em *Les Préludes*, de Liszt, culminou esse poder communicativo do Regente.

Iso Elinson, o grande e tambem joven mestre do teclado, ostentou todos os esplendores do seu genio pianistico, executando o *Grand Concerto* de Chopin e ainda mais quando interpretou o grandioso *Andante* de H. Oswald — que Iso Elinson conheceu ha dias, leu á primeira vista, decorou e interpretou com irreprehensivel maestria. Embora só por si a peça de H. O. seja das melhores do genero, tanto assim que deixou em segundo plano, senão pelo valor technico, pelo effeito esthetico, a *Symphonia* de Weingartner — não ha duvida de que a interpretação, especialmente a do solista, lhe multiplicou o valor. Empolgou de tal sorte, que a peça inteira foi bisada.

A concorrencia e o enthusiasmo do publico corresponderam ao esforço dos artistas. Burle Marx, Iso Elinson e os professores de orchestra receberam continuos, ruidosos e espontaneos applausos. Ouviram-se mesmo bravos, no final da execução dos *Prelúdios* de Liszt e do *Andante* de Oswald.

A victoriosa estréa da Philarmonica do Rio de Janeiro parece prever os triumphos de todos os concertos da serie annunciada.

3.º SALÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS — Como publico, penetrámos, na tarde do ultimo sabbado, no hall do Palace Hotel para apreciar o 3.º Salão dos Artistas Brasileiros, e fomos surprehendidos com uma festa literaria, que nos deixou agradabilissima impressão. A sra. Else Mazza Nascimento Machado expoz, como se fôra um dos mais bellos quadros do Salão, specimens do seu livro de versos — *Humilde Oblata* — através da recitação da autora e das amigas e collegas de arte, dd. Anna Amelia, Henriqueta Lisbôa, Ilka Labarthe, Georgina Alves, e srs. Murillo Araujo e Paschoal Carlos Magno. Não a conheciamos senão de nome e por uma ou outra poesia. De sorte que foi para nós uma revelação a arte de d. Else Machado. E o nosso prazer espiritual, conhecendo-a, resultou não só dos versos ouvidos, mas ainda da allocução que proferiu a A. no final da festa. Tudo justificou as palavras iniciaes do general Moreira Guimarães, que fez a apresentação da poetisa, e as do artista Nestor Figueiredo, que presidiu a vesperal. Entre os poemas recitados, pareceu-nos dos mais bellos, e caracteristicos do talento da autora, *Mensagem sublime*, *Taça espumejante*, *Pinheiro do Natal* e *Constructividade*, onde se patenteia a dupla personalidade, assignalada pelo paranympho da poetisa: o sentimento da artista e o espirito da pensadora. D. Else Machado é mais uma figura de escol que se incorpora ás musas brasileiras...

Encerrado o vesperal literario, volvemos a passar os olhos na pinacotheca exposta. Nessa rapida visão destacamos immediatamente dois *Retratos*, devidos ao raro pincel de d. Sarah Villela de Figueiredo. Dizemol-o raro, porque, parece-nos, não são muitos os que sabem imprimir ás physionomias retratadas a vida interior, o dynamismo psychico com a mesma intensidade da illustre pintora patricia. Os *pasteis* que trazem no catalogo os ns. 146 e 147 sobejamente o demonstram. Entretanto, é justo reconhecer tambem que belleza semelhante se nos patenteou no *Estudo* numero 149, de d. Wanda Turatti.

Oswaldo Teixeira emocionou-nos com varios primores, sobresahindo como o maior delles, *A mãe do aviador*. Pareceu-nos que essa tela e os *Retratos* de d. Sarah são os mais bellos trabalhos do Salão, salvo o *Retrato de Rodolpho*, por seu irmão Henrique Bernardelli.

Agradaram-nos muito especialmente: *Negro ao sol*, por Joaquim Ferreira, de intensa realidade palpitante de vida; *Flor do passado*, de Katharina Sresnevska; as paizagens muito verdes e muito luminosas de Manoel Faria — *Quaresma em flor* e *Serra dos Orgãos*, que evocam o pincel de Baptista da Costa; a aquarella satirica, *Saudade*, onde mais uma vez Raul Pederneiras revela o seu admiravel e admirado talento de humorista do lapis e da tinta; *Creoula*, de Hernani de Irajá, em que o bem acabado das formas descobre o anatomista através do pintor.

Ficaram-nos ainda a brilhar na retina: *Casal Alvaro Moreyra*, de Alvarus; *Helus Scelinger*, de Candido Portinari; *Hernani de Irajá*, de João de Oliveira; *Marinha*, de Cardoso Junior; *Paschoal Carlos Magno*, de José Caldas; *Dedo de Deus*, de Porciuncula de Moraes; *Mecanico*, de Hernani de Irajá...

Entre as esculpturas, a todas dominando, a esplendida allegoria *O Trabalho*, de Humberto Cozzo, e o busto de *Paschoal Carlos Magno*, de José Scuotto, sem falar na obra consagrada do grande artista morto — *Faceira*, de Rodolfo Bernardelli.

Apontando as obras plasticas que mais nos impressionaram numa vista de relance, devemos indicar com a mesma franqueza as que mais nos desagradaram: referimo-nos aos quadros assignados por Demetrio Lipovsky: *A victoria do alcool motor* e *Luz côr de prata*. E' possivel que os profissionaes lhes admirem os primores, mas é nossa opinião de leigo que são borrões decorados com o nome de pintura. Se a evolução artistica convergisse a tal finalidade, era uma vez a pintura...

N. B. — A correspondencia directa dirigida ao autor de *Notas de Arte* pede-se seja endereçada aos cuidados da Casa Arthur Napoleão, Avenida Rio Branco, n. 122, que gentilmente o permittiu.

Harpa que se partiu...

"Um filho que tem mãe, tem todos os parentes,
E eu não tenho por mim, ó minha mãe, ninguem!"

A harpa que se partiu cantava assim. Era a harpa maravilhosa de Hermes-Fontes, partida agora, pelas suas mãos. E para sempre!

... ...

Não tiveste, mesmo, ninguem por ti, Hermes-Fontes!

Pobre poeta, decepcionado em todas as tuas aspirações!

Pobre homem, desgraçado pela perfidia do amor!

Foste um exilado dentro da propria patria! Um abandonado dentro do proprio lar!

Sem um esteio na vida que sustentasse as arremettidas oceanicas do teu talento, buscaste o amparo de uma companheira. E, mais do que nunca, te sentiste esquecido e sozinho.

A tua alma, como toda a alma de poeta, mais sensivel, mais delicada do que a nervura de uma folha nova, alma concava de emoções, estonteada de tanto sonho, torturada de tanta insatisfação, sem o amparo do amor, desequilibrou-se.

Foi o coração quem te matou!...

Uns desgraçados resvalam para as taças, outros noctivagos para as bohemias, alguns infelizes para os vicios, outros, como tu, resvalam para a morte.

Coração de poeta, quem te póde entender para te condemnar? O teu machinismo é bem diverso dos outros corações. A dôr é ardilosa nas mil fórmas de que se serve para tortural-o até a morte. E o amor, num pacto mysterioso, martyriza-o até o desespero. A sensibilidade de um poeta é, por si só, o motivo de uma dôr eterna.

Não quero com isto justificar o teu crime, poeta desditoso! A obra divina não se destróe. Deus accendeu a lampada da vida. Só elle a póde apagar. Quero, apenas, lamentar a tua infelicidade.

A ironia do destino sabe, em parte, a responsabilidade da tragedia de tua vida.

A sorte te foi adversa.

Deu-te azas de aguia e ninho rasteiro. Alma do sonhador para voar. Coração de poeta para amar e soffrer.

Nasceste humilde. Sem brazão. Sem fortuna. Sem familia, talvez.

A realeza de tua intelligencia, porém, teceu-te uma corôa de louros. O sinete do soffrimento mudou-a numa corôa de espinhos.

Era a tua mãe o teu unico thesouro. Ficaste orphão quasi menino. E quasi menino foste sagrado poeta, para mais alto subir, para mais fundo soffrer.

Pequeno, feio, triste, atrophiado como uma planta mal cuidada, foste um paradoxo vivo de tua alma tecida de emoção e de belleza.

Cantavam dentro de ti, pobre Hermes-Fontes!, mil fontes de poesia, cada uma dellas mais cheia de encantos e de mysterios.... Emquanto a tua luta, cá fóra, era uma agua turva e revolta e decepções e desenganos.

Os teus irmãos de arte não te foram amigos.

Sonhaste, como todo artista, com a immortalidade.

Tentaste por duas vezes ingressar na Academia Brasileira. Era mais um direito teu. Roubaram-to.

Como si a verdadeira gloria do poeta não fosse ser traduzida pelo sentimento do povo. E esta gloria foi tua, Hermes-Fontes! Como foi todo teu o beijo que Ruy Barbosa, cheio de enthusiasmo pelo teu talento menino, depositou na fronte tostada e angulosa do cantor de *Apotheoses*, o maior livro de estréa da literatura brasileira.

A poesia somente te foi fiel. Ella desatou os laços de tuas sandalias. Ungiu de oleo santo os teus pés. Cingiu a tua fronte de rosas. Tomou-te em suas azas. E no primeiro vôo roçou comtigo pelas estrellas. Teceu com filigranas de soes a guirlanda de tuas *Apotheoses*.

Deu-te na *Fonte da Matta* a agua viva da emoção. Foi na *Miragem do Deserto* a tua fantasia. E desceu comtigo na hora final, quando caminhavas para as nupcias com a morte, levando na mão a tua *Lampada Velada*.

Só a poesia te foi fiel até o fim.

Um dia, teceu-te uma corôa de flores. E longe de Sergipe, a tua terra mãe, e longe do Rio de Janeiro, o teu ninho intellectual, fez em Pernambuco a tua coroação.

Só a poesia te foi fiel até o fim.... E ainda agora, ella chora por ti. Lamenta e chora aquella mão trigueira de poeta rei, que largou da penna para manejar o revolver. Mão miraculosa, feita para plasmar poemas numa modelagem de ouro. Mão de artista enchendo de sonhos e de versos a alma da gente, povoando de estradas desertas de miragens luminosas, mudando calhaos em flores pelos caminhos asperos da vida. Mão de poeta! Mão divina, semeadora de harmonias e de bellezas, que Deus te perdôe!...

Só a poesia te foi fiel até o fim, apesar de mulher, dirão...

Eu, porém, te direi: — Só a poesia te soube ser mulher, por isso que te soube ser fiel até o fim...

P A L M Y R A   W A N D E R L E Y

Gottas...

De REGINA RIZIERI

Um pouco mais de profundeza, um pouco mais de amor, um pouco mais de coragem e um pouco mais de enthusiasmo: eis quanto basta para ser feliz.

* * *

Saber conservar-se alegre é meio caminho andado para a felicidade.

* * *

Todos possuimos em nós elementos para sermos felizes.

* * *

Tornar-se melhor, mais perfeito, é augmentar sua capaidade de ser feliz.

* * *

Quanto mais nobre e corajosamente se viver, tanto mais felicidade e alegria se conseguirá.

* * *

E'-se mais feliz numa nobre e grande dôr, do que numa felicidade mesquinha.

* * *

E ha felicidades tão mesquinhas, tão sem horizontes e sem luz, e dores tão grandes e tão nobres!

* * *

Uma creatura intelligente poderá ser sempre desgraçada. Mas uma alma bôa, pura e simples ha de, forçosamente, conhecer a felicidade.

* * *

A bondade e a pureza, mais que a intelligencia, attraem a felicidade.

* * *

A dôr é um reflexo dos dias felizes.

* * *

Quando a alegria bate á nossa porta, é que a dôr está perto.

* * *

E' quando nos sentimos mais felizes que somos mais sensiveis á dôr.

As lagrimas são um castigo ou uma recompensa, segundo a maior ou menor generosidade do passado de nossa alma.

* * *

Todos os caminhos que nos traz a dôr podem ser illuminados pelo amor.

* * *

São os nossos pensamentos e sentimentos que attraem a felicidade ou desgraça que nos attinge.

* * *

A alegria não é felicidade nem a felicidade alegria. Mas a alma alegre, a alma que tem a coragem de sorrir até no soffrimento, attrae para si a felicidade. Para si e para os outros tambem, porque o sorriso é contagioso.

* * *

Quem não se sentir feliz e o quizer ser, deverá começar por sorrir.

* * *

E' tão curta a distancia entre a felicidade e a dôr!

* * *

Até no soffrimento a gente pode ser feliz. Porque a felicidade não está no prazer nem na alegria: a felicidade está na paz que nos dá a certeza de havermos realizado completa e conscientemente o nosso destino.

* * *

A alegria de crear! Desdobrar-se em sua obra, em sua creatura. Ser, por um momento, uma especie de deus, para tirar do cáos, do nada, um novo mundo.

Crear! sahir da prisão do proprio corpo para animar um outro ser..., triumphar da morte, semear a vida, como o semeador da parabola...

Aquelles a quem nunca foi dada essa divina alegria não são homens, mas sombras apenas...

Sombras que passam pela terra, estranhas á vida...

Amor, genio, acção — tochas immensas accesas ao brazeiro sagrado.

A creatura esteril, vazia e secca, é como a figueira do inferno.

A alma fecunda, cheia de vida e de amor, é como uma arvore na primavera: toda coberta de flores.

"NOITES VIENNENSES"

ULTIMAMENTE, a musica dos "films" tem sido, quando não mediocre, pelo menos infeliz, pois successo lhe tem sido recusado.

Quer parecer-nos, porém, que "Noites Viennenses", o lindo romance cinematographico que está no cartaz de um dos nossos estabelecimentos de exhibição, já rehabilitou o genero.

Isto dizemos, porque a sua valsa-thema intitulada "Dancing with tears in my eyes" (dançando com lagrimas nos meus olhos), é a musica do dia, nas victrolas e nos pianos da cidade.

Mas, além desta, "Noites viennenses" traz outras peças melodicas e deliciosas, das quaes o publico certamente irá procurar os discos, si a crise consentir em dar-nos uma pequena folga...

Allás — é bom que se accrescente — já não será sem tempo...

"MANOELINA"

Estamos em plena safra de "santidades"!

Em Minas, appareceu uma, a de Coqueiros, que tem realizado varios milagres, inclusive o de augmentar as rendas da Central do Brasil...

Em Pernambuco, appareceram duas, uma de Tigipió e outra de Gravatá, esta ultima ainda creança.

Em Sergipe, um lavrador sonhou com um thesouro, encontrou os seus vestigios e o governo do Estado está fazendo as excavações necessarias, nesta época de pouquissimas "cavações"...

Assim, não se fala em outra coisa, actualmente, sinão em prodigios e milagres.

E é proprio, aliás, aproveitando o assumpto, para troças e piadas, que vem de apparecer o samba "Manoelina", celebrando os feitos da camponia de Coqueiros, a mais famosa de todas.

A edição é da "Casa Vieira Machado" e é suggestiva.

RENATO MURSE

Continuando a serie de commentarios que vimos fazendo em torno de algumas figuras do mundo dos discos nacionaes, escalámos para esta vez o cantor patricio Renato Murse.

Foi elle o victorioso num concurso promovido por um matutino carioca, que o consagrou o "Principe" dos interpretes da musica regional brasileira.

Assim sendo, impunha-se que não o esquecessemos por mais tempo, estudando-lhe a personalidade artistica que os "coupons" do jornal promotor do "certamen" exaltaram com tanta efficiencia...

O sr. Renato Murse, além disso, precisa de ser focalizado, de travar conhecimento com o grande publico, pois, apesar da victoria e do "principado", não é nome que fulgure pela aureola de uma intensa popularidade.

No emtanto, é com prazer que o proclamamos um artista.

Ouvimol-o já algumas vezes, em alguns festivaes mais ou menos de caridade — como a maior parte dos que trazem a caridade por pretexto — e ouvimol-o com agrado.

Tem elegancia, sobriedade e voz expressiva, sabendo sahir com distincção de um palco onde se tenha exhibido, o que é bem mais difficil do que entrar, coisa que qualquer um sabe.

As canções matutas ganham, realmente, um relevo especial, na sua interpretação.

Ainda não tivemos opportunidade, porém, de ouvil-o em discos, não sabendo, mesmo, si o sr. Renato Murse já teria gravado algum.

Foi bom, porém, que só agora nos occorresse essa duvida, pois, si a tivessemos levantado antes de iniciar estas linhas, não poderíamos, com justiça, incluil-as aqui, nesta secção, cujo titulo restrictivo seria um motivo de incompatibilidade.

Mas, não faz mal.

Com ou sem discos, o sr. Renato Murse está, naturalmente, indicado para figurar em todos os logares onde se trate de cantores e artistas.

Elle é, de facto, um portador de meritos incontestaveis.

E o seu grande defeito, segundo nos quer parecer, foi ter ganho um concurso inconsequente, que lhe deu todos os onus e nenhuma vantagem ponderavel.

NOVIDADES

José Francisco de Freitas, o popular compositor de "Zizinha", "Eu vi você bolinar" e tantas outras peças de successo, tem a sahir, dentro de poucos dias, o tango-canção intitulado — "Beijo Azul".

— Em discos "Columbia", recentemente apparecidos, a senhorita Stefana de Macedo gravou o recitativo matuto — "Meu home" — de Maria Eugenia Celso.

A "Columbia" não declara, nos annuncios que tem feito desse disco, o nome da autora dos versos. Economia de palavras?

— A cantora senhorita Jesy Barbosa andou, uns dias, zangada com a "Victor", e, durante elles, gravou um disco na "Parlophon", por signal os tangos "Impossivel" e "Principe de Galles", de Gastão Lamounier.

Agora, acabada a zanga, a senhorita Jesy Barbosa voltou para a "Victor", que não perdeu, assim, um dos seus melhores elementos.

UM BRINDE

O anno 200 da nova éra tocava a seu fim. Faltavam apenas quinze minutos para a hora em que, no mesmo mez e no mesmo dia, duzentos annos antes, o ultimo estado governado conforme o velho systema, o paiz mais obstinado, conservador e rotineiro — ao que parece, a Allemanha — renunciára, emfim, a seu cego chauvinismo, e, com a alegria de toda terra, havia entrado na união anarchista de homens livres do mundo inteiro. Segundo o calendario antigo, isso tinha occorrido no anno 2906 depois de Jesus Christo.

Mas em parte alguma se festejava a entrada do Anno Novo com tanto esplendor e alegria como nos polos Norte e Sul, nas estações centraes da Grande Associação Electro — Magnética.

Durante os ultimos trinta annos, milhares e milhares de engenheiros, de mecánicos, de technicos, de astrónomos, de mathemáticos, de architéctos e de outros sabios especialistas, haviam trabalhado infatigavelmente na realização da mais grandiosa e heroica idéa do seculo XXXII. Acariciavam o projecto de transformar o globo terrestre em uma gigantesca bobina electro-magnética, e com esse objectivo o tinham envolvido de norte a sul em uma espiral de fio metállico revestido de caucho, cuja longitude se approximava de quatro mil milhões de kilómetros. Em ambos os polos haviam construido dynamos de incrivel potencia, e haviam unido todos os pontos da superficie do planeta com innumeros fios.

Não só os habitantes da Terra, mas tambem os de outros planetas, com os quaes a Terra estava em contantes relações, haviam seguido com interesse apaixonado a marcha dos trabalhos. A uns, a empresa da Associação inspirava grande desconfiança, e a outros inspirava horror.

Mas a Associação acabava de realizar brilhantemente seu projecto gigantesco, triumphando de todas as previsões pessimistas. E a festa de Anno Novo era, ao mesmo tempo, a solemnização desse triumpho. A inesgottavel força magnética da Terra punha em movimento as fabricas, as machinas agricolas, os trens e os vapores. Illuminava as ruas e as casas, aquecia as habitações. Tornava desnecessario o carvão, cujas minas se tinham esgottado muito tempo antes. Desterrava completamente as chaminés, que impurificavam o ar e matavam, com seu fumo, as flores, as arvores e as hervas, — verdadeira alegria da terra. Fazia, emfim, milagres, no tocante á agricultura, e quadruplicava as colheitas.

Um dos engenheiros da estação do Norte, eleito presidente da reunião daquella noite, levantou-se com um copo na mão.

Silencio profundo.

— Companheiros! — disse o presidente. — Si estaes de accôrdo, vou, immediatamente, pôr-me em contacto com nossos queridos collaboradores da estação do Sul. Acabam de fazer-nos signaes.

A enorme sala onde se encontravam era uma esplendida construcção de crystal, ferro e mármore, adornada de flores exóticas e bellas arvores, e mais parecida com uma *serre* do que com um logar publico.

Atraz das paredes, a noite polar envolvia tudo em suas trevas. Mas uns condensadores especiaes inundavam a [illegible] — com o grande gentio, as flores, as mesas admiravelmente servidas, as lindas columnas que sustentavam o tecto, as innumeras estatuas — de uma luz não menos alegre e brilhante que a do sol.

Tres paredes da sala eram opacas. Mas a quarta, para a qual o presidente dava as costas, era um como taboleiro de projecções, quadrado, de um crystal extremamente fino e lustroso.

Recebido o consentimento da sociedade, o presidente opprimiu com o dedo um pequeno botão electrico existente sobre a mesa.

O taboleiro illuminou-se immediatamente com uma luz interior deslumbradora, e dir-se-ia, depois, que se dissipou. Em seu logar, appareceu, de repente, outra sala tambem magnifica, tambem cheia de gente sentada em torno de mesas admiravelmente servidas. Uns e outros seres humanos — todos bellos, fortes, alegres, esplendidamente vestidos — se reconheciam, trocavam sorrisos, cumprimentavam-se erguendo seus copos, através de uma distancia de 20.000 kilometros. Mas, em virtude do ruido geral, dos risos sonoros, nem uns nem outros ouviam ainda a voz dos amigos longinquos.

O presidente, então, levantou-se de novo, e, com um gesto, deu a entender que queria falar. Todos, immediatamente, emmudeceram nos dois pontos do mundo.

Eis o que disse o presidente:

"Minhas queridas, irmãs e meus queridos irmãos! Vós, encantadoras mulheres, a quem admiro exaltadamente, e vós, a quem outrora amei e para quem meu coração está cheio de gratidão, escutae. Gloria á vida eternamente joven, bella, inesgottavel! Gloria ao Homem, unico deus da terra! Gloria a seu corpo thaumaturgico e a seu espirito immortal!

"Contemplo-vos, amigos soberbos, alegres, audazes, seguros de vós mesmos, e um grande affecto enche meu coração. Nosso espirito não conhece obstaculos, nem nada se póde oppôr a nossos designios. Não ha, entre nós, submissão, nem dominio, nem ciumes, nem hostilidade, nem violencia, nem engano. Todos os dias se abrem, deante de nossos olhos, mysterios que deixam de o ser para nós, e a sciencia se desenvolve de maneira admiravel. A propria morte já não nos espanta, porque deixamos a vida sem que a velhice nos haja desfigurado sem que se pinte em nossos olhos um horror selvagem e sem que a maldição brote de nossos labios, porque nos despedimos da vida formosos, como deuses, sorridentes. Não nos agarramos desesperadamente a nossos ultimos dias, mas, á maneira de viajantes cansados, cerramos docemente os olhos. Nosso trabalho é uma delicia. Nosso amor, quebradas as cadeias da escravidão e da trivialidade, se parece com o amor das flores, tão livre e bello é. E nosso unico soberano é o genio do homem...

"Talvez, caros amigos, o que estou dizendo sejam vulgaridades, coisas que todo o mundo conhece ha muito tempo. Mas não posso falar-vos de outra maneira. Esta manhã, li um livro tão interessante quanto horrivel: *A historia das revoluções do seculo XX*.

"Não poucas vezes pensei, emquanto lia: "Será isto um conto phantastico?" Tão inverosimil, tão estupida tão cheia de horror me parecia a vida dos nossos antepassados.

"Sim, meus amigos: aquellas pessôas, de quem nove seculos nos

JUSTA IRA. — O açougueiro, indignado (ao professor da escola publica). — Bella idéa a do senhor, de ensinar ao meu filho que o kilo tem mil grammas!

De Alexandre Kuprin

separam, pareciam serpentes venenosas encerradas na mesma jaula. Viciosas, sujas, infeccionadas, feias, covardes, matavam-se umas ás outras sem cessar, roubavam um pedaço de pão e o occultavam nos esconderijos mais escuros para que um terceiro não lho levassem. Tiravam a terra, a agua, os bosques, as casas, até o ar. Hypocritas, ladrões ou impostores, mandavam multidões de miseros escravos matar-se mutuamente, e viviam como parasitas sobre a decomposição social. E a terra, tão grande, tão bella, era, para aquelles homens, estreita como uma prisão, e o ar, nella, era pesado como em uma caverna.

"Mas, naquella época terrivel, junto aos animaes de carga, junto aos escravos covardes e sem dignidade, se erguiam, de quando em quando, homens altivos, heróes de alma nobre independentes, dispostos ao sacrificio. Não comprehendo como podiam elles nascer em tal época vil, vergonhosa. Naquelles tempos sanguinarios, quando nem o lar era um abrigo seguro para ninguem, quando a violencia e o assassinio eram pagos largamente, aquelles heróes, em sua santa loucura, gritavam: "Abaixo os tyrannos!"

"E seu sangue tingia as pedras das ruas e o chão enfeitado dos passeios. Os infelizes perdiam a razão nos calabouços. Morriam enforcados, fuzilados. Renunciavam gostosamente a todas as alegrias da vida, salvo á de morrer pela liberdade das gerações futuras.

"Não vêdes, caros amigos, essa ponte de cadaveres humanos que liga nosso luminoso presente áquelle horrivel, tenebroso passado? Não imaginae esse terrivel rio de sangue, cujas ondas impelliram a humanidade para o mar radiante e vasto da felicidade universa?

"Honra a vós, antigos amigos desconhecidos, de quem nos separam seculos e seculos! Honra a vós, que tanto padecestes! Caminhaveis para a morte com um sorriso nos olhos, que olhavam sempre para a frente, para o futuro remoto. Previeis as gerações futuras emancipadas, fortes, triumphantes, e lhes enviastes vossa bençam, ao morrerdes...

"Queridos amigos! Beba cada um de nós, sem pronunciar uma palavra, em um silencio religioso, um copo de vinho á memoria daquelles martyres longinquos. E sinta cada um de nós, em seu coração, a bençam de seu olhar!"

E todos beberam em silencio.

Mas, uma mulher de maravilhosa belleza, que estava sentada junto ao orador, começou a chorar docemente. E quando o orador lhe perguntou por que chorava, ella lhe respondeu:

— Apesar de tudo, eu quizera ter vivido naquella terrivel época... com elles... com os martyres...

A visita. — Diga-me, Lulú: que farás quando fôres maior, como eu?
Lulú. — Emmagrecerei!

A ULTIMA VIAGEM

— Deve ser uma profissão penosa escrever assim constantemente, não é verdade?

Lourenço Molina sorriu.

— Algumas vezes, senhora — respondeu, em voz baixa, contemplando os bellos olhos azues de sua vizinha.

Era uma loira de cerca de quarenta annos, de uma suave e attrahente formosura. Casada com um corretor de bolsa, havia muitos annos, habitava um appartamento situado no mesmo andar de Molina.

Manifestava ella uma admiração candida e sincera pelo escriptor, exactamente como seu marido, que lia os livros de Molina e os julgava com intelligencia.

Havia mais de quatro annos que eram vizinhos, e nem elle nem a mulher do corretor pensaram jamais que aquella doce amizade poderia vir a ser outra coisa.

Ella, Ignez Rivera, sentia-se, ás vezes, maternal para aquelle homem que tinha quasi a sua mesma idade e que passava a vida escrevendo.

— Por que não se casa, Molina? — perguntou-lhe, certa occasião.

E elle sorriu, tristemente, segundo lhe pareceu a ella.

— Para que, Ignez? Tenho bastante com minha obra e com sua amizade...

Durante longo tempo, nenhum dos dois disse nada. Molina, absorto, olhava a rua envolta na neblina, as arvores desoladas do outomno. E ella, a admiradora, julgava ler no solitario coração de seu vizinho.

Lourenço morava com um amigo em um appartamento muito pequeno. Seu companheiro era um joven hespanhol que quasi sempre estava ausente, percorrendo os Estados. Uma velha ia dos suburbios, todos os dias, cozinhar e effectuar a limpeza da casa.

— Eu não sei como você não morre de tristeza e de aborrecimento, sempre só nesse appartamento tão escuro. Nelle não ha uma planta nem se ouve cantar um passaro...

— Como havia de aborrecer-me e entristecer-me, estando tão perto de você, Ignez?

Pela primeira vez em todo esse tempo, ella o ouviu com vaga inquietude.

— E eu, que sou para você, Molina?

Elle olhou-a gravemente, e tocou com a ponta dos dedos a mão branca da vizinha.

— A mais doce das amigas e das irmãs, Ignez...

Uma sombra escureceu os olhos azues. Molina, porém, não notou nada. Estava, como sempre, mergulhado em um mysterioso sonho.

Ignez Rivera suspirou.

— Quando me dirá você, Molina, o que fez em sua primeira juventude? Muitas vezes pensei que essa primeira juventude deve ser abundante em segredos inenarraveis, em episodios sombrios...

Essas palavras, ella as pronunciava docemente, como si não quizesse despertar as coisas que adivinhava adormecidas no coração do escriptor solitario.

— Falemos de livros ou de viagens, Ignez.

Novamente ensombreceram os claros olhos daquella mulher, e então Molina o viu.

— Perdôe-me. Já sei que minha reticencia a entristeceu. Por que, Ignez? Diga-me a verdade...

Ella guardou um longo silencio. Depois, lentamente, disse:

— Porque eu quizéra contar a você, ao escriptor, ao medico de almas, áquelle que produziu coisas tão humanas e tão profundas, algo de mim propria. E si você merece que eu lhe abra meu coração, espero que faça o mesmo commigo.

— Você tem razão. Escute, Ignez. Em minha juventude não houve nenhum segredo que não possa ser contado, nenhum episodio tenebroso. Houve apenas uma mulher...

— Eu já o sabia...

— As mulheres sempre adivinham essas coisas.

E' uma historia tão simples. Eu contava vinte e nove annos e ella cinco menos do que eu. Era argen-

De H. P. Blomberg

tina, e conheci-a durante uma viagem á Europa. Revemo-nos na America, e um dia ella teve que regressar a Paris, com sua familia. Alli morreu. E' essa toda a historia. Desde então, para mim, não existe outro amor sinão uma mulher que dorme num cemiterio de Pariz. Para ella trabalhei todos estes annos, escrevendo sem cessar. Meus quinze livros, os que me deram renome, foram escriptos para ella, pensando nella...

— Meu pobre amigo!...

A mão branquissima acariciou levemente a cabelleira do homem.

— Obrigado, Ignez. E algum dia penso deixar o meu paiz, para ir viver perto della. Não tenho mais familia sinão uns parentes longinquos. Mas tenho sua recordação. E você, Ignez?

Pareceu-lhe que ella estava um pouco pallida. Mas os olhos azues estavam transparentes como os de um menino.

— Eu? Eu tambem tive meu passado, Molina. Você conhece bem Rivera, meu marido?

— Sim. E' um excellente homem, e gosta muito de você, Ignez.

— Eu não o amava. Aos vinte e cinco annos, minha familia, que reside no Uruguay, quiz que eu me casasse com elle. E eu amava a outro...

— E o outro ainda vive?

— Sim. E' um enfermo incuravel. Vive na Suissa, só com um criado. Algumas vezes recebo noticias suas. Ama-me como ha quinze annos.

— E você a elle tambem?...

Ignez não disse nada. Mas o escriptor lia claramente nos olhos azúes.

— Pobres de nós, para quem o amor nunca devia ser uma realidade!

Soou a campainha do appartamento, e entrou Rivera. Cumprimentou distrahidamente seu vizinho, cujas longas palestras com sua mulher não lhe inspiravam ciume algum. Estava estranhamente pállido e suas mãos tremiam um pouco.

— Que tens, Carlos?

— Nada, Ignez. Estou cansado...

Lourenço Molina retirou-se discretamente. Comprehendeu que algo grave, insólito, occorria ao homem de bolsa, e deixou-o só com sua mulher.

* * *

Occorreu alguma coisa grave, Ignez?

Era no dia seguinte. Rivera havia sahido, e ella estava chorosa, procurando occultar sua angustia...

— Não, Molina... Não se passou nada de importante...

— Diga-me toda a verdade, eu lhe supplico — pediu elle, tocando docemente a mão branquissima.

— Pois... saiba você que ficámos na rua... Rivera acaba de perder toda a sua fortuna em uma especulação desastrada. Não nos resta nada, além dos moveis deste appartamento.

Molina olhou-a vencida, dolorosa, e sentiu algo estranho em seu adormecido coração.

E foi então que chegou a noticia tremenda: Rivera suicidára-se em seu escriptorio.

* * *

Pallida, muito pallida, dentro de suas roupas de viuva, Ignez Rivera contemplava a carta que acabava de receber. No enveloppe estava seu nome, escripto com a letra familiar de Lourenço Molina. Rasgou lentamente o enveloppe, e leu, empallidecendo cada vez mais:

"Minha amiga:

"Possivelmente, não nos veremos mais. Pelo menos durante muito tempo. Lembra-se você de que lhe disse, um dia, que eu havia trabalhado durante dez annos para ir viver perto de minha morta? Nesta carta você encontrará um cheque pelo que me produziu esse trabalho. E' seu. Vá em busca do homem que a ama ha quinze annos. Prefiro que vá você ao encontro do amor, que agora será para você uma realidade. Eu ia apenas em busca da recordação. Adeus!"

A SOBREMESA

Personagens: OPHELIA e RAUL

OPHELIA. — Não disseste que iamos ao theatro?... Pois já deram nove horas e vamos chegar tarde.

RAUL. — Mudei de opinião, que-rida... Será melhor que fiquemos em casa.

OPHELIA (*ingratamente surprehendida*). — Como?!... Em casa?... Para que eu morra de tédio?

RAUL (*Um pouco resentido*). — Obrigado!... De maneira que te aborreces até morreres de tédio a meu lado!?... E isso tres mezes depois de casados!... Que será, então, tres annos depois?

OPHELIA. — Não digo isso, mas has de comprehender que, entre ficar aqui e ir ver a Carmen Miranda, a differença é grande.

RAUL. — Uns trinta e seis mil reis, pelo menos.

OPHELIA. — Hein?

RAUL. — E, si não acreditas, faze a conta: quatorze mil réis as duas poltronas; quinze mil réis de automovel, entre ida e volta; cinco mil réis de chocolate ou chá com torradas, e dois mil réis, pelo menos, de gorgetas. Total: trinta e seis mil réis.

OPHELIA. — E que vale isto?

RAUL. — N a d a, absolutamente nada! Hontem, gastámos cincoenta mil réis no passeio a Copacabana. Ante-hontem, trinta e cinco na visita que fizemos a tua irmã, em Botafogo...

OPHELIA. — Mas, tu precisas de distracção.

RAUL. — Preciso é de dinheiro.

OPHELIA. — Mas, não o tens de sobra?

RAUL. — Ah, querida!... Como conheces pouco essas coisas!...

OPHELIA. — De maneira que já não podemos divertimo-nos agora?...

RAUL. — Olha, Ophelia: é preciso que te convenças de que a lua de mel terminou.

OPHELIA. — Como terminou?... Queres dizer que já não gostas de mim?

RAUL. — Não é isso, filha, não é isso... Falo desse periodo, que se segue ao casamento, em que a gente, com o enthusiasmo dos primeiros dias, gasta sem methodo, sem contar, julgando que o dinheiro vae durar sempre ou vae esticar como si fosse elástico. Mas, depois, vem a reflexão, e começam a fazer-se numeros, e a gente comprehende que não se póde continuar essa vida de millionario.

OPHELIA. — Millionario!?... Por quatro passeios loucos que fizemos!?

RAUL. — Loucos e cheios de juizo, o facto é que estou vendo o temporal se aproximar e quero abrir a tempo o guarda-chuva.

OPHELIA (*ironica*). — Vae cahir chuva de pedras, não é verdade?

RAUL. — Vae cahir chuva de contas, que é peor do que chuva de pedras, porque si esta te machuca, aquella te esmaga, te aniquila. Dirás si, com um conto de

Por Fanfreluche

réis de ordenado mensal, para tudo, podemos gastar trinta e cinco, quarenta mil réis por dia em passeios e diversões. Si me resolveres o problema, te proclamarei ministra da Fazenda.

OPHELIA. — De maneira que vamos nos enterrar em vida?... Não mais poderemos ir ao theatro, nem ao cinema, nem...?

RAUL. — Não é tanto, não é tanto... Uma ou duas vezes ao mez poderemos ir... E até tres, si te conformares em renunciar ao automovel e ir, democraticamente, de bonde, e em tomar, em vez do chocolate ou chá com torradas, um modesto café simples, após o espectaculo.

OPHELIA (*quasi chorando*). — Mas... eu...

RAUL. — Escuta, querida... Nenhum sábio, nenhum desses que escrevem sobre o amor e o casamento se preoccupou ainda de estudar o momento psychologico em que o marido não tem outro remedio sinão dizer á sua mulher: "Filha, é preciso renunciarmos á sobremesa".

OPHELIA. — Pois eu renuncio de muito bom grado. Não gosto nem de fructas nem de doces.

RAUL. — Mas, gostas das diversões, e estas são a *sobremesa* de que te quero falar. O caso é grave e apresenta-se eriçado de difficuldades sentimentaes. E vós todas pensaes sobre o marido: primeiro: "Elle não gosta de mim". Segundo: "E' um egoista." Terceiro: "Pois eu farei o que bem entender". E precisamos realizar os sete trabalhos de Hercules para convencer-vos de que não somos indifferentes nem egoistas, e, sobretudo, para evitar que façaes algum disparate. Por mais razoavel e comprehensiva que seja uma mulher, sempre a suppressão da *sobremesa* lhe custa lagrimas, irritações ou suspiros. Pensaes — e, por certo, sem o menor fundamento — pensaes que as diversões precisam estar, forçosamente, unidas ao amor. Acabaram-se ellas?... Tambem o amor acabou!... E a culpa, em parte, nos cabe a nós.

OPHELIA. — E' claro que sim!

RAUL. — Mas não pelo que suppões... Cabe-nos a nós, porque fazemos dos primeiros mezes de casados uma continua festa, julgando que assim vos conquistamos melhor... Não seria muito mais razoavel que o que gastámos agora em tres mezes fossemos gastando, pouco a pouco, em um anno?... Um caudal, bem repartido e administrado, procura maiores satisfações que uma fortuna esbanjada loucamente em pouco tempo.

OPHELIA. — Que tirem o bailado!

RAUL. — Naturalmente... Isso é o que dizeis vós as mulheres... Mas não percebeis que, depois do desastre... tereis que continuar bailando de cabeça!...

Uma dessas mentiras bem bonitas...

POR JAYME SANT'IAGO

DIZEM que, certa vez, que não pode ser esta, um bom rapaz (talvez, até, um nortista...), que attendia pelo nome burguez de Adão, e não usava, absolutamente, calças á Cambridge, nem "rouges", ou, mesmo, simples pós de arroz, precisou de uma companheira que lhe soubesse contar lindas mentiras côr de sonho; e veiu, então, Eva — uma "pequena" muito gentil e muito loira, que sabia, como ninguem, contar, com um colorido bizarro, uma historia bem bonita: a divina, ephemera e subtil mentira da Vida.

Adão — os homens que o digam, em toda parte onde põem os pés... — arrependeu-se bastante daquella brincadeira infantilmente maravilhosa, mas, perigosissima para uma criança grande.

Porque, depois, elle, rebento vigoroso e infeliz de uma mistura de barro com mythologia, andou "fantasiado" de palhaço triste, de palhaço que trouxe risos de ironia e prantos de incerteza para a successão das Raças.

E Adão, o carissimo Primeiro-Pae de toda essa gente bôa que vive exhibindo belleza e cultura por ahi a fóra, possuia, apesar dos pesares, uma alma de mercador de illusões, mas, nem por isso, deixou de ser o formidavel numero Zero de sua propria vida, porque, como palhaço antigo que foi, deve ter chorado bastante; e quando um palhaço chora...

Hoje (si é que não estou redondamente enganado...), já sei, mais ou menos, com quem as garotas modernas da época da "farra" aprenderam a nos contar, a nós, homens e palhaços de antiga data, ante um diaphano véo de idealismo paradoxal e, por vezes, mystico, a linda mentira da Vida.

E' que as mulheres são sempre as mesmas. Continuam no mesmo jogo. Estão, ainda, a contar, dentro da philosophia doida das Horas, possuidas de uma desconhecida fórma de sentimentalismo e vulgar fundo de ironia caduca, aquella mesmissima historia que vem do tempo em que o sr. Adão era muito menos parvo...

Por isso, ellas dizem que os aphorismos passam, como passam as frivolidades, etc., porém a tolice do primeiro homem ha de continuar de pé por muito tempo...

Não é para menos... A sra. d. Eva misturou a mentira com sorrisos e... foi aquillo que todos os homens sabem de sobra...

Logica:

Todos nós temos a nossa comedia tragica ou a nossa tragedia comica. Mestre Adão teve ambas. E ainda achou pouco. Achou pouco, sim, porque, segundo elle nos mandou dizer, por intermedio do sr. Berilo Neves, a coisa mais deliciosa deste e do outro mundo é o ouvir-se, como em um sonho oriental, dos labios da companheira uma meiga, linda e maravilhosa historia, como, por exemplo, aquella da Vida, ou seja... uma dessas mentiras bem bonitas...

O homem que viveu mais do que devia...

POR LAURO MENDES

ERAMOS quatro companheiros, os quatro inseparaveis a que chamavam, vulgarmente, de "os quatro cavalleiros do Apocalypse". Esse innocente appellido, que nos fôra imposto pela roda bohemia com que nos divertiamos, bem significava a amizade que nos unia ha longo tempo.

Dentre todos, era mais joven o incomparavel Mario Navarro, filho da terra dos pinheiraes heraldicos. Trazia nas veias o germen hospitaleiro de seu povo. Crescido e creado nas serrarias do coração do Paraná, tinha nos musculos a força de um lenhador, e nos olhos a alma de uma criança. Nós o chamavamos de "Peste", para justificar o pseudonymo do nosso bloco.

Vinha em segundo plano Honorio Dantas, portuguez de nascimento, mas de coração enraizado em nossa terra. O patriotismo latente de todos os portuguezes, elle por diversas vezes já demonstrára pelo Brasil.

Seguia-se depois o Dario Wanderley, ramo vigoroso da velha familia Wanderley, da historica terra potyguara, nascido nas penedias do Forte dos Tres Reis Magos, nas praias brancas do norte. Era o unico poeta dentre nós todos. E, emfim, eu, despojo rolante amargurado pelas aguçadas e aceradas pedras da estrada da vida. Seguia os meus companheiros porque os estimava muito. Nós quatro nos completavamos, e realizavamos juntos a divisa dos mosqueteiros da França: Um por todos. Todos por um.

Haviamos combatido juntos, na grande guerra. Avidos de sensações, tinhamos partido para o velho mundo sob promessa formal e solenne de que iriamos integrar o corpo expedicionario portuguez. Assim aconteceu. Vimos a metralha zunir e gritar por sobre nossas cabeças durante noites inteiras; as nossas faces muitas vezes tinham sentido o calor do sangue derramado, jorrando dos craneos arrebentados, dos ventres rasgados a arma branca. Tinhamos vencido a morte, e nossa amizade continuava, mais forte do que nunca. Nada nos detinha; juntos haviamos nascido de novo, depois da hecatombe...

* * *

Mario Navarro, disse eu acima, era incomparavel. Como companheiro, como bohemio, como artista, como homem. Nas noites em que cada um de nós era assaltado pela tortura suave da nostalgia, elle nos divertia com sua dulcissima voz de barytono, acompanhando-se ao violão. E, nessas noites dolorosas, ficavamos, pela madrugada a dentro, ouvindo a sua voz, ao rythmo compassado e solenne do marulho das ondas, morrendo, mollemente, na praia do Lido. E cada vez o amavamos mais, áquella creança que não nos abandonava, a nós, velhos, e que abdicava a uma vida de prazeres para viver comnosco, um

(*Cont. na pag. seguinte*)

CONFUSISMO. — O dono da casa — (que, para sua desgraça, não póde ser mais curto de vista). — Misericordia! Com toda certeza, em vez do sabão, apanhei uma das pastilhas que minha mulher usa para tingir.

— Papae, quero casar-me.
— Casar-te-ás quando tenhas assentado o juizo sufficientemente.
— E, quando terei assentado o juizo?
— Quando te sahir da cabeça a idéa de casar.

(continuação) O HOMEM QUE VIVEU MAIS DO QUE DEVIA...

viver doce e suave, onde nem mesmo havia a sombra passageira de um sorriso de mulher.

E foi Mario Navarro quem nos convidou, um dia, para irmos visitar um celebre "fakir", de passagem pelo Rio, saber do nosso futuro, do futuro de nossa amizade. Promettemos ir em breves dias, mas logo foi esquecida a promessa, com os adventos das noitadas alegres que passavamos, e dos dias em que passeavamos a nossa ociosidade de rapazes ricos pelas casas de chá e pelos cinemas.

* * *

— Garçon, um "brandy"...

Nós nos voltámos automaticamente, ao ouvir a ordem. Tivemos, a um tempo, a sensação de algo pegajoso, como si aquella voz fosse viscosa e repellente, funebre e malsinada. Atraz de nós, occupando uma das mesas do cabaret chic, passeava o seu "spleen" pela sala um cavalheiro de smoking cortado pelo ultimo figurino, com hombros de athleta, mas de um rosto horrendamente duro, como que talhado em pedra. Dir-se-ia uma esculptura assyria a quem se tivesse dado o dom da palavra. Mas só da palavra, porque nada mais nelle se movia. Vimol-o falar ao garçon, sem que nenhum musculo se movesse na sua face. E emquanto isso, uns olhos terriveis, duros, cortantes, attrahentes, mysteriosos, nos fitavam com insistencia. Dir-se-ia terem sido immobilizados naquella posição, — naquella posição horrivel que nos desconcertava, que prendia os nossos olhos áquelle olhar terrivel, que nos attrahia, que nos fascinava. Procuravamos distrahir-nos, olhando, aqui e ali, uma ou outra mundana que nos saudava affavelmente, mas era em vão. Findo o voltear da dança, vinhamos procurar de novo aquelle individuo com rosto de "samurai" chinez, de termo tão bem talhado. E foi somente quando elle, ajustando contas com o garçon, se retirou do cabaret, que nós nos sentimos livres daquella oppressão, e aproveitámos o resto da noite, como as crianças a quem se solta no recreio, após longa hora de exhaustivos estudos...

Mas sentimos que algo estava para acontecer. Olhavamo-nos a medo, como que presentindo uma despedida. E foi, realmente...

* * *

No dia seguinte, contrariamente ao habito, levantámo-nos cêdo. E antes mesmo da refeição matinal, lembrou-nos Mario Navarro que deveriamos ir, naquelle mesmo dia, visitar o "fakir", objecto de identico convite, dias antes. E sem mesmo vacillar, concordámos com elle, como si aquillo fizesse parte do nosso destino, como si a nós, que haviamos enfrentado a morte, interessasse saber o que nos reservaria o futuro.

E, insensivelmente, ao subir a collina onde o adivinho tinha installado o seu "home", insensivelmente nos lembrámos do "samurai" de olhos duros e smoking bem talhado. Parecia-nos que o seu olhar funebre e terrivel nos vinha acompanhando, incutindo-nos animo para chegar ao nosso desideratum.

Ao nosso toque de campainha, veiu attender-nos uma creatura horrenda, que nos mostrou uns dentes amarellecidos pelo sarro, uma face denegrida, onde somente os olhos, uns olhos ironicos e mordazes, punham uma nota vivaz no conjuncto. Disse-nos, ao entrarmos, que eramos esperados. A principio, julgámos ser pura brincadeira para communicar algo de mysterioso á nossa iniciação no devassar os arcanos do futuro.

Mas a experiencia depois nos ensinou amargamente, ou, melhor falando, me ensinou amargamente que "éramos esperados". Fez com que entrassemos para uma saleta de espera com decorações riquissimas, de motivos indianos. E a minha imaginação, latente, pintava-me os meus companheiros debatendo-se, agonizantes, nos braços vigorosos de um Buddha colossal, cuja face de pedra tinha os mesmos olhos funebres, terriveis, mysteriosos, pegajosos, do "samurai" que haviamos visto, de smoking, saboreando "brandy" no cabaret chic.

Entrámos no santuario, e um grito se nos escapou ao mesmo tempo. O "fakir" era "elle", o "samurai" maldito, de olhar anavalhante, que nos fitava ali, vestido á indiana, com vistoso turbante á cabeça. Não nos deixou sahir do nosso espanto. Fitou-nos e disse, lentamente:

— Eu sabia que vinham. Não tenho muito a dizer-vos. Apenas, direi que ireis vos separar, e para sempre. E vós — e indicou Mario Navarro — ireis viver somente dois annos, a contar de hoje.

E despediu-se.

Sahimos, com a mente em fogo, atordoados pelo desenrolar dos acontecimentos. Aquelle homem solitario, que haviamos divisado, junto a nós, no cabaret. A irresistivel fascinação dos seus olhos malditos, de "samurai" chinez. A impressão com que haviamos subido á collina em que residia. A obsessão de Mario Navarro em visitar o "fakir". E, finalmente, "elle", que nos recebera e nos dissera "aquillo", aquella monstruosidade, que iriamos nos separar, nós, que haviamos vencido a morte, com a nossa mocidade, com a nossa amizade. Comprehendi-se tudo. Aquelle homem se tinha servido de nós como polo magnetico;

O HOMEM QUE VIVEU MAIS DO QUE DEVIA... (conclusão)

tinha-nos hypnotizado, tinha actuado sobre o nosso cerebro como as ondas hertzianas guiam o navio desarvorado prestes a ir pelos ares com as bombas dos aeroplanos, nas manobras navaes. Elle nos tinha dito, ou melhor, tinha ordenado, mentalmente, no cabaret, a Mario Navarro, que nós o fossemos visitar. Mas, si tudo aquillo era desconcertante, si tudo aquillo punha em fogo a nossa mente joven, certamente que era mais que monstruoso dizer que iriamos nos separar, iriam dissolver a sua amizade "os quatro Cavalleiros do "Apocalypse"...

E algum tempo se passou...

* * *

Mas, o que não póde o diabo, podem as mulheres. E foi uma mulher, de olhos tentadores e corpo sinuoso, que deu inicio á dissolução de nossa santa amizade, occupando, com um amor peccaminoso, o amor suave e sincero que unia o nosso Dario a nós. E, com lagrimas nos olhos, vimol-o por uma manhã de maio distanciar-se, levado pelo resfolegar de um transatlantico, rumo á Europa. Foi o inicio, foi o primeiro grito da nossa desgraça.

Depois, foi Honorio Dantas, que se viu enredado nas malhas de uma perfida conquista, pobre visionario, que julgava ser mais pura do que a dos homens, a alma das mulheres. E não foi num transatlantico, mas na sala escura de uma delegacia, num scenario marcado a rigor, á Pirandello, que o vimos fugir de nós. Vimos os braços perfumados que o enlaçavam, suspirando o... enfim, preso!". E ficámos sós, eu e Mario Navarro, como automatos, curtindo a dôr da nossa saudade, bemdizendo a Morte, que nos fôra melhor do que as mulheres, a Morte que nos respeitára a amizade e que nos unira mais ainda...

E, um dia, sem que eu soubesse para onde, Mario Navarro desappareceu...

E quando as madrugadas se extinguiam, e o sol loiro punha tons de cabellos fulvos na terra carioca, estava eu sempre a curtir, nas areias brandas da praia, as saudades dos meus companheiros, e daquella nostalgica voz de barytono que nos cantava coisas tão lindas da terra dos pinheiraes heraldicos...

* * *

Estou em Havana, para onde me trouxeram os affazeres de minha vida de diplomata. Vim passear o meu "spleen", a minha magoa, a minha dôr, a minha tristeza, pelas praias tropicaes da perola das Antilhas. Tudo em mim é melancolia. Não existe a saudade da patria. Existe a dôr de saber perdidos os meus companheiros. Soubéra que Honorio Dantas déra um tiro no ouvido, pondo termo á atribulada existencia que levava depois de casado. Nada mais soube de Dario. E de Mario Navarro, nada tambem. Esperava com ansiedade a resposta de uma agencia de informações que eu incumbira de saber o paradeiro dos meus amigos. E numa tarde, emquanto eu, como um automato, bailava numa festa de caridade, me entregaram uma carta, que foi a minha morte, que foi o fim. E, com os olhos rasos d'agua, eu li:

"... e do seu companheiro, Mario Navarro, soubemos apenas que se suicidou ha um mez com uma facada no ventre. Dizem os jornaes que elle, no dia de sua morte, teve um accesso de loucura, e gritava, pelas ruas, que o matassem, que elle estava vivendo mais do que devia", que já tinha vivido mais do que lhe haviam marcado para viver. Dizem tambem que elle pedia esmolas no centro da cidade, e que era conhecido pelo appellido de "o homem que viveu mais do que devia".

"Do sr. Wanderley, nada conseguimos saber.

"Sem mais, etc..."

* * *

Hoje, nada mais sou. Unico sobrevivente, por assim dizer, do tumulto de acontecimentos que nos ensombreceram a existencia, venho rolando pela vida como um fardo, lembrando-me daquelles companheiros que tinham sentido commigo o sangue quente dos craneos esphacelados, dos ventres rasgados á arma branca, daquelles "Cavalleiros do Apocalypse" que tinham enfrentado a metralha, impavidos, todos por um, um por todos...

E agora, que me sinto morrer, que sinto que breve não serei mais do mundo dos vivos, quero desabafar-me, dizer que sinto sobre mim, como uma maldição, os olhos terriveis e anavalhantes daquelle "samurai" de smoking que saboreava, displicentemente, o seu "brandy and soda", no cabaret chic, por entre a fumaça azulada dos "Abdulla" e o casquetear garoto das mundanas tresnoitadas...

* * *

E terminava assim a confissão, rabiscada por mão tremula, que eu encontrei, numa noite de inverno, num bondezinho da linha do Pontal, em Curityba, quando a neve cahia, impiedosamente, dando á mimosa terra dos pinheiraes heraldicos uns tons esmaecidos da velha Russia...

A agua milag

DE WALTER KELLER

A experiencia ensina que em logar algum ha sopro de vento nem corrente de ar si duas portas não estão ao mesmo tempo abertas, pois diz o proverbio que o vento não entra onde não tem sahida. O mesmo acontece com os homens: si duas boccas se abrem para trocar palavras vivas ou injurias, soprará o vento das replicas violentas e a discussão não terminará até que uma das duas boccas se feche.

Eis aqui o que um medico ensinou, ha tempo já, a uma mulher joven que, sendo viuva, se casára com um homem tumultuoso e altivo. Não tardou muito em sentir com frequencia as pancadas no corpo por querer dizer sempre a ultima palavra. Um dia, resolveu visitar um medico, e, toda desolada, se lançou a seus pés rogando-lhe que lhe désse o remedio necessario para seus soffrimentos.

— Ah, doutor! — dizia. — O senhor precisa saber primeiro que ha cinco annos eu era casada com um homem de uma bondade tal, que não podia haver outro melhor na terra. Era humilde, pacifico, dotado de um coração excellente e bom para o proximo. Eu vivia com elle como a mulher mais rica, e elle me tratava como a uma princeza. Oh, meu Deus, quando penso nisso, as lagrimas me enchem os olhos! E saiba o senhor que desde que me casei de novo para, de novo, ser dona de casa, vivo, posso dizer, na rua, precipitada na desgraça, porque, actualmente, doutor, tenho um marido que não é um homem, mas um lobo, sem exaggerar: grosseiro e sem intelligencia. Não posso contradizel-o em uma unica palavra sem que elle me bata impiedosamente. Maldita a hora em que se realizou esse casamento!

— Muito bem. E que deseja a senhora? — perguntou o medico.

— Um remedio, doutor, para curar a loucura de meu marido, si algum remedio existe. Não me cansarei de agradecer-lhe o bem que o senhor me fizer.

— Bem, minha senhora — respondeu o medico — experimentarei soccorrêl-a em sua magoa si me pagar, pelo remedio que lhe enviar, o preço que lhe cobrar. Custa tres florins de ouro, e asseguro-lhe que é barato, pois o effeito do remedio é infallivel. A senhora experimental-o-á immediatamente, logo que chegue em casa, e verá como dentro em pouco seu esposo estará curado de sua loucura: esse lobo ladrador se transformará em uma ovelha mansa.

— Oh, sim, doutor, sem vacillar! — respondeu a mulher. — Até cinco ou seis florins de ouro eu lhe daria, em vez de tres, si fosse necessario! Por emquanto, fique com os meus anneis de ouro e dê-me o remedio, sem o qual não quero entrar mais em minha casa.

— Agora mesmo — disse o medico.

E, chamando um dos seus empregados, ordenou:

— Toma este frasco, limpa-o bem e traze-mo depois.

Feito isso, o medico se encerrou em seu laboratorio, de onde sahiu um momento depois com o frasco cheio. Tampou-o com cuidado e o entregou á senhora, com esta recommendação:

— Tome o medicamento que acabará com os seus soffrimentos. E' um bálsamo magico, de uma força e efficacia que superam as de todos os remedios humanos... Sim, porque, alem do mais, age de longe. Si a senhora tomar um pouco no momento em que seu marido entrar em casa e o conservar na bocca, sem engulil-o (tenha bem presente o que lhe digo), verá que esta poção magica passará ao coração de seu marido, e como em poucos dias, talvez em poucas horas, elle se transformará em um homem pacifico e tranquillo.

A mulher agradeceu-lhe mil vezes calorosamente e regressou a sua casa muito satisfeita com o precioso frasco. Mal alli chegára, ouviu que seu marido subia a escada. Sem esperar mais, tirou a tampa do frasco e tomou um pouco da agua magica, indo, depois, tranquillamente, para suas occupações.

Como habitualmente, seu marido, logo que entrou em casa, começou a injurial-a e a enchêl-a de todos os opprobios possiveis. Mas ella, como si se houvesse tornado surda e muda, conservou pacificamente a agua na bocca, apertando os labios para que não se lhe escapasse. E esperou o effeito do remedio.

Pois bem. Succedeu que a pouca agua que a mulher tinha na bocca, como uma torrente gelada das montanhas, apagou em minutos o fogo da cólera de seu orgulhoso marido.

— Quando pensas que chegarei a dirigir bem o meu carro?
— Talvez... Depois de tres ou quatro...
— Semanas?
— Não; automoveis.

grosa

Vendo que sua esposa continuava em silencio, contra seu costume, portanto, teve para ella palavras gentis e acariciadoras em logar das accusações injustas e das pancadas com que a gratificava por suas réplicas.

E ao perceber, depois de alguns dias, que sua esposa não o contradizia por seus tremendos gritos, se operou nelle uma transformação miraculosa. Chegou a prometter-lhe que faria o seu serviço de dona de casa, que a veneraria como sua mulher. E dahi por deante, metamorphoseado, não teve para ella sinão bôas e enternecedoras palavras.

Vendo o bom effeito do remedio que lhe déra o medico, a esposa, feliz, elevou os olhos ao céo e dirigiu, do mais profundo de seu coração mil acções de graças ao Creador todo poderoso que havia dado aos homens o dom de descobrir remedios tão maravilhosos e efficazes.

Mais tarde, chegou a engulir a agua, pois julgava um sacrilegio lançar ao chão tão milagrosa bebida... Começou, então, a falar ás visinhas dessa maravilha tão efficaz, e ellas, a quem a volubilidade da lingua causava tambem muitos desgostos, foram, por sua vez, á procura do médico afim de comprar a preço de ouro o mesmo filtro magico. E usaram-no com igual exito.

A reputação da magica bebida, que se podia adquirir na casa de tão bom medico, se estendeu rapidamente por toda parte. Mas o medico, um bello dia, se viu obrigado a comparecer deante do juiz, que lhe perguntou em que consistia o filtro. Ameaçou-o condemnal-o á prisão perpetua e fazel-o soffrer os mais severos castigos por ter provocado tal exaltação popular.

O medico respondeu, modestamente, e com absoluto sangue frio:

— Sua illustre magnificencia não tem razão de irritar-se, pois não fiz mal algum e innocente de crime compareço deante deste tribunal. A agua que essas mulheres chamam a *bebida milagrosa* é, apenas, agua da fonte. E' natural a sua efficacia, porque, emquanto ella está na bocca, impede de responder e contradizer, o que as mulheres, com a volubilidade de sua lingua, têm o costume de fazer com seus maridos. Agora, graças á minha agua, não poderão temer nem pancadas nem desgostos, e é unicamente nisto que consiste o milagre e a grande efficacia desta agua mysteriosa...

(Continuação do numero anterior)

— Conserve-se de largo! bramiu, e atirando para o lume o contorcido atiçador, sahiu a passos largos.

— Pareceu-me ser um individuo extremamente amavel, sentenciou Holmes, a rir. Não sou tão brigão como elle, mas si se tem demorado mais um pedaço ter-lhe-ia feito ver que o meu pulso não é menos forte que o seu!

Disse, e agarrando no atiçador, com um puxão unico, endireitou-o.

— Si ha maior insolencia! Confundir-me com a policia de segurança! Este incidente communica um encanto, a mais ao nosso inquerito. Ouso esperar apenas que a nossa amiguinha não terá que soffrer pela sua imprudencia em se deixar espreitar. E agora, Watson, mandemos vir o almoço, e depois irei á Camara Syndical dos medicos, onde espero recolher algumas informações de utilidade.

II

Era quasi uma hora, quando Sherlock Holmes voltou para casa. Trazia na mão um papel azul, todo cheio de algarismos e apontamentos.

— Vi o testamento da fallecida esposa, disse. Para o entender cabalmente, tive que calcular o valor actual das quantias nelle mencionadas. O rendimento total, que á data do fallecimento orçaria por umas mil e cem libras esterlinas, acha-se reduzido, por motivo da baixa dos productos agricolas a 750 libras. Cada uma das filhas tem direito, quando casar, a um rendimento de 250 libras. Resulta, pois, claramente, que, dado o caso de ambas virem a tomar estado, o bom do homemzinho achar-se-ia reduzido a um quinhão bastante magro. O proprio casamento de uma dellas dar-lhe-ia um rombo importante nas rendas. Não foram portanto inuteis as pesquizas a que procedi esta manhã, visto provarem até á evidencia que o dr. Roylott tem as melhores razões deste mundo para se oppôr a semelhante projecto. E agora, Watson, o caso vae sendo sério bastante, para que percamos tempo a mandriar, tanto mais que o velhote sabe que tomamos interesse pelos seus negocios. Se está disposto a isso, vamos metter-nos em um carro e tocar para a estação de Waterloo.

"Muito me obsequiará mettendo no bolso o seu revolver. Um Smit and Werson é argumento efficaz contra individuos que podem dobrar ao meio atiçadores de fogão. Accrescente a isso uma escova de dentes e ficamos armados e equipados."

Em Waterloo, tivemos a sorte de encontrar um trem prompto a partir para Leatherhead, onde alugamos, no hotel da estação, uma carruagem.

A FAIXA

(SHERLOCK - HOLMES)

Percorremos um espaço de quatro a cinco milhas, através das lindissimas estradas do condado de Surrey. Era em um delicioso dia de primavera, alegrado por um sol formosissimo, a que, por instantes velavam uns flocos soltos de nuvens. As arvores e as cercas á beira da estrada principiavam a vestir-se de rebentos, e o ar rescendia com a suave fragancia da terra molhada. Que singular contraste não apresentavam o despertar da natureza tão rica de esperanças e a tarefa sinistra em que iamos empenhados! O meu companheiro, sentado na almofada do carro, de braços cruzados, com o chapéu derrubado sobre os olhos, e firmado o queixo sobre o peito, ia totalmente absorto, dir-se-ia, em suas reflexões. De subito, estremeceu, bateu-me uma palmada no hombro, e apontando para os prados, exclamou:

— Olha!

Divisei um parque arborizado, subindo em suave declive e terminando em um planalto. Por entre as ramadas surgiam as paredes pardacentas, e os telhados muito altos de um velhissimo casarão.

— Stoke-Moran? perguntou.

— Sim, senhor, é a casa do doutor Grymesby Roylott, respondeu o cocheiro.

— Está em obras, disse Holmes. E' ali que vamos.

— Acolá é a aldeia, explicou o cocheiro, apontando para um grupo de telhados pouco distante, á esquerda, mas se quizerem ir direitos á residencia, encurtam o caminho galgando aquelle tapume, e tomando pelo carreiro que atravessa os campos, para aquelle lado, onde anda uma senhora a passear.

— Talvez seja miss Stoner. Julgo que é, observou Holmes, pondo a mão á feição de pala sobre os olhos para melhor se affirmar. Parece-me sensato o seu alvitre.

Apeamos carro, pagamos ao cocheiro, e o nosso vehiculo, retrocedendo, abalou a caminho de Leatherhead.

— Julguei mais acertado, disse Holmes, ao galgar o tapume, incutir ao nosso cocheiro a persuasão de que vimos aqui na qualidade de architectos e para um determinado trabalho. Dariamos assim menos pasto ás más linguas. Muito bôa tarde, miss Stoner Cumprimos a nossa palavra, conforme vê.

A nossa cliente correra a encontrar-nos, com a alegria estampada no rosto.

— Esperava-os com tamanha impaciencia! exclamou apertando-nos calorosamente a mão. Corre tudo ás mil maravilhas. O dr. Roylott foi á cidade e provavelmente não estará de volta antes da noite.

— Tivemos o gosto de travar conhecimento com elle, disse Holmes.

E em breves palavras, contou a entrevista. Miss Stoner poz-se branca como a cal.

— Santo Deus! exclamou, com que então, seguiu-me?

— Manifestamente.

— E' tão astuto, que nunca estou descansada. Que dirá elle quando voltar?

— Que olhe para si, pois se arrisca a encontrar passaro mais fino do que elle. Não se esqueça, esta noite, de dar volta á chave da porta do seu quarto. Se elle tentar valer-se de meios violentos, leval-a-emos para casa de sua tia, em Harrow. E agora

SARAPINTADA

Por CONAN DOYLE

urge não desperdiçar tempo. Mostre-nos desde já os aposentos que temos que examinar.

A construcção era de pedra cinzenta, manchada de musgo, com um torreão central um tanto alto, e duas alas semi-circulares de cada lado. Em uma destas, as janellas achavam-se em mau estado e tapadas com taboas, e o telhado, derruido em parte, imprimia áquelle lanço o aspecto de ruina. Não se achava em melhor estado o corpo central, mas a ala direita parecia obra relativamente moderna; cortinas nas janellas, fumo azulado a sahir pela chaminé, davam indicio de ser habitado aquelle lanço. De encontro á parede da empena, via-se um andaime, e a propria parede estava esburacada, supposto não trabalhasse alli um unico operario. Holmes passeiou cá e lá no terreiro relvado, mal cuidado aliás, e observou com a maxima attenção as aberturas exteriores.

— Aquella janella, se me não engano, é a do quarto, a do meio a do quarto de sua irmã, e a que fica mais chegada ao torreão central, a do quarto do dr. Royolott?

— Tal qual. Actualmente, porém, durmo no quarto que fica no meio.

— Emquanto durarem as obras, segundo presumo. A proposito, não acha que houvesse urgencia em concertar esta parede?

— Nenhuma, absolutamente. Afigura-se-me que será um mero pretexto para me obrigar a mudar de quarto.

— Deveras? Não deixa de ser suggestivo isso que diz. E quanto ao outro lado deste lanço é todo elle cortado por um corredor sobre o qual abrem todos os quartos. Tem janellas?

— Tem, mas são muito pequenas, estreitas de mais, até, para facultar passagens a alguem.

— Em todo caso, visto que fechava a chave ambas as suas portas, durante a noite, esse lado deixava de ser accessivel. Quer ter a bondade de ir ao seu quarto e de fechar por dentro os postigos?

Obedeceu Miss Stone, e Holmes, depois de haver procedido a meticuloso exame da janella aberta, tentou por todos os meios possiveis forçar o postigo, sem o conseguir. Não havia uma só greta pela qual se pudesse insinuar a propria folha de uma faca, afim de levantar a tranca. Auxiliando-se da lente, perscrutou de perto os gonzos, que eram de ferro grosso, e solidamente sellados na cantaria.

— Hum! resmungou com ar perplexo, coçando a barba. Pecca pela base o meu raciocinio. Ninguem seria capaz de entrar por aqui, achando-se fechados estes postigos. Vejamos se, examinando o quarto interiormente, não encontraremos qualquer indicio.

Uma porta baixa e estreita dava accesso para o corredor caiado, para o qual abriam os tres quartos. Holmes não quiz examinar o terceiro, e passámos desde logo ao segundo, habitado actualmente por Miss Stoner, e onde se finára a irmã. Era um bonito quarto, com o tecto um tanto baixo, e uma chaminé larga, como as que amiude se encontram em casas velhas. A um canto, uma commoda de côr escura, em outro, uma cama estreita, pintada de branco, e á esquerda da janella, um toucador. Estes tres moveis, duas cadeiras, pequenas, de verga e um retalho de alcatifa Wilson constituiam a unica mobilia.

Vestiam as paredes uns apainellados de carvalho brunido, carunchosos, tão velhos e desbotados pelo tempo que deviam datar da propria construcção.

Holmes empurrou para um canto uma das cadeiras, sentou-se, e mergulhou no mais absoluto silencio, perscrutando todos os cantos e recantos do aposento afim de imprimir na mente os minimos pormenores.

— Para onde communica aquella campainha? indagou, por fim, apontando para um cordão pendente á cabeceira do leito, e cuja ponta cahia sobre o travesseiro.

— Para o quarto da creada de todo o serviço.

— Parece mais novo aquelle cordão que o resto da mobilia.

— E', effectivamente; foi posto ali haverá uns dois annos, quando muito.

— Supponho que seria a pedido de sua irmã?

— Não foi, nem creio que haja feito uso delle. Estavamos affeitas a prescindir de criados.

— Sendo assim, não valia a pena pôr ali um cordão de campainha tão garrido. E agora, se me dá licença, procederei ao exame do sobrado...

Deitou-se de borco, e, auxiliando-se da lente, estudou minuciosamente as fendas entre as taboas. Examinou do mesmo modo os apainellados da parede. Depois, acercou-se do leito, e mirou-o por todos os lados; fez o mesmo á parede, a que estava encostado o leito, e por fim, deitou a mão ao cordão da campainha e puxou-o de repellão.

— Ora esta! E' fingido?

— Como assim? Pois não toca?

— Não, nem sequer está preso a nenhum arame. Ah! ah! O caso vae sendo interessantissimo! Ora veja o cordão está preso a um gancho, por cima, exactamente, do respiradoiro.

— Mas isso é absurdo! Nunca tinha dado por tal!

— E' esquisito, muito esquisito! resmungou Holmes, puxando o cordão. Ha uma ou duas coisas muitissimo singulares, neste quarto. Por exemplo, quem seria o imbecil do architecto que se lembrou de estabelecer um respiradoiro entre dois quartos, quando o mais simples seria abril-o na parede mestra?

— Foi tambem aberto recentemente, affirmou Miss Stoner.

— Calculo que datará da mesma época do cordão da campainha, accrescentou Holmes.

(Continúa na pagina seguinte)

— Exactamente. Nessa occasião fizeram umas obras pouco importantes.

— E um tanto singulares, por signal: cordão de campainha fingido, e respiradoiros não dando vasão ao ar. Com a devida licença, continuaremos as nossas investigações no outro aposento.

O quarto do doutor Grimesby Roylott era de maiores dimensões que o da enteada, mobiliado, porém com a mesma singeleza. Uma cama de campanha, uma estante pequena cheia de livros, — obras scientificas, na maxima parte — uma poltrona junto do leito, uma cadeira de páu encostada á parede, uma mesa redonda e um avantajado cofre de segurança eram os principaes moveis do aposento, que Holmes percorreu em volta, examinando um por um e com a mais escrupulosa attenção cada objecto.

— Que tem dentro? indagou batendo no cofre.

— Papeis e documentos de meu padrasto.

— Ah!... Já os viu?

— Uma unica vez, ha annos. Lembro-me de que estava cheio de papellada.

— Não estará por acaso lá dentro algum gato?

— Não, que eu saiba. Que idéa tão esquisita!

— Parece-lhe?... Ora veja isto! E apontou para um pires cheio de leite que estava em cima do cofre.

— Gato é coisa que não existe cá em casa, mas temos uma panthéra e um macaco.

— Sim, sim! não ha duvida! Na essencia, a panthéra é apenas um specimen felino. Um pires de leite, afigura-se-me, porém, não ser bastante para o contentar. Existe ali dentro, seja o que fôr, que eu desejaria conhecer.

Agachou-se na frente da cadeira de páu, e examinou a porta com a mais escrupulosa attenção.

— Obrigado. Não me restam duvidas, disse, erguendo-se e voltando a metter a lente na algibeira. Olé! Cá está um objecto interessante!

E apontou para um chicote de caçador, pendurado junto ao leito. A correia estava atada, de modo a formar um nó corredio.

— Qual é a sua opinião a este respeito, Watson?

— Que é um chicote, como qualquer outro. O que não percebo é a razão porque a correia se acha atada dessa maneira.

— Isto, só por si, não é já caso demasiado commum, ao que me parece? Ah! meus caros, o mundo é coisa muito ruim! E quando um homem põe a sua intelligencia ao serviço do crime, ha que esperar as mais negras infamias. Creio ter visto o sufficiente, Miss Stoner, e agora, se nos dá licença, vamos examinar o predio pela banda de fóra.

Não me lembrava de ter visto o rosto do meu amigo denunciar tamanha preoccupação como quando, todos juntos, nos transferimos do campo das suas investigações. Tanto eu como Miss Stoner palmilhamos cá e lá por vezes successivas a relva do pateo, sem nos atrevermos a interromper-lhe as cogitações, eis senão quando elle proprio quebrou o silencio, dizendo:

— E' essencial, Miss Stoner, que siga exactamente, e nos mais insignificantes pormenores, as instrucções que vou transmittir-lhe...

— Cumpril-as-ei, integralmente, póde estar descansado.

— E' grave em demasia o caso, para quaesquer hesitações. A sua vida corre perigo.

— Confio absolutamente no senhor.

— Em primeiro logar, tanto eu como este meu amigo, temos que passar a noite no seu quarto.

O assombro de Miss Stoner egualou ao meu.

— E' indispensavel, repito. E dir-lhe-ei por que! Aquella casa que vejo além é a estalagem da aldeia?

— E' o hotel da Corôa.

— Muito bem. Dali devem ver-se as suas janellas.

— Certamente.

— Vae recolher-se ao seu quarto, a pretexto de enxaqueca, assim que seu padrasto estiver de volta. Depois, á noite, logo que elle se recolher tambem, abrirá os postigos, empurrando a janella sem correr o fecho; collocará a luz por detraz dos vidros, para nos servir de signal e retirar-se-á para o seu antigo quarto, com tudo que lhe fôr preciso para se deitar. Quer-me parecer que, apesar das obras, poderá pernoitar nelle uma noite.

— De certo! Não ha a minima duvida.

— E o resto é comnosco.

— Passaremos a noite no seu quarto para descobrir a causa do ruido, que a tal ponto a assustou.

— Creio, senhor Holmes, que já está orientado, declarou Miss Stoner, pondo-lhe a mão sobre o braço.

— Talvez.

— Então, em nome de quanto ha de mais sagrado, diga-me qual foi a causa da morte de minha irmã?

— Prefiro ter provas mais seguras antes de me pronunciar.

— Ao menos por que não me diz se terei razão de acreditar que morreu de susto.

— Não me parece, e acredito que haveria uma causa mais tangivel. E agora, Miss Stoner, urge que nos retiremos, pois se acaso regressasse o doutor Roylott e nos encontrasse aqui, mallograr-se-ia o negocio. Até mais ver, e tenha animo. Lembre-se de que si fizer o que eu lhe disse, deixará de o ameaçar o minimo perigo.

III

Encontramos facilmente, tanto eu como Sherlock Holmes, dois quartos no hotel da Corôa. Eram no primeiro andar e das nossas janellas avistamos o portão de ferro da estrada, e a ala habitada da mansão de Stoke-Moran.

Ao cahir da noite vimos passar, de carruagem, o doutor Grimesby Roylott; mercê da avantajada corpulencia assoberbava de todo o vulto do groom de franzinas dimensões que guiava o trem. O garoto teve uma tal ou qual difficuldade em abrir a pesada grade; circumstancia que muito impacientou o doutor, manifestando-o este a poder de berraria, que chegou aos nossos ouvidos e que era acompanhada de gestos de ameaça.

Minutos depois de entrar no parque a carruagem, avistamos uma luz por entre as arvores, denunciando-nos que o proprietario do vetusto casarão se achava em uma das salas.

Em torno de nós cerravam-se de mais em mais as trevas.

— Sabe o que lhe digo, Watson, perguntou abruptamente Holmes, sinto escrupulo em o levar esta noite commigo. Não é isenta de perigos a nossa empresa.

— Poder-lhe-ei ser prestavel?

— Mais que prestavel.

— Nesse caso, vou.

— E ficar-lhe-ei muito grato.

— Então ha perigo? Manifestamente, colheu durante a nossa visita mais esclarecimentos do que eu.

— Isso não, mas imagine que raciocinei muito mais; tudo que vi, viu-o tambem.

(*Continúa no proximo numero*)

un air de printemps

LA REINE DES CRÈMES

MERVEILLEUSE CRÈME DE BEAUTÉ

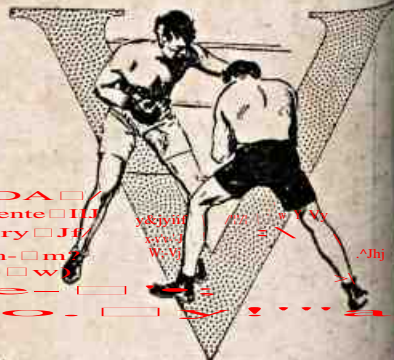
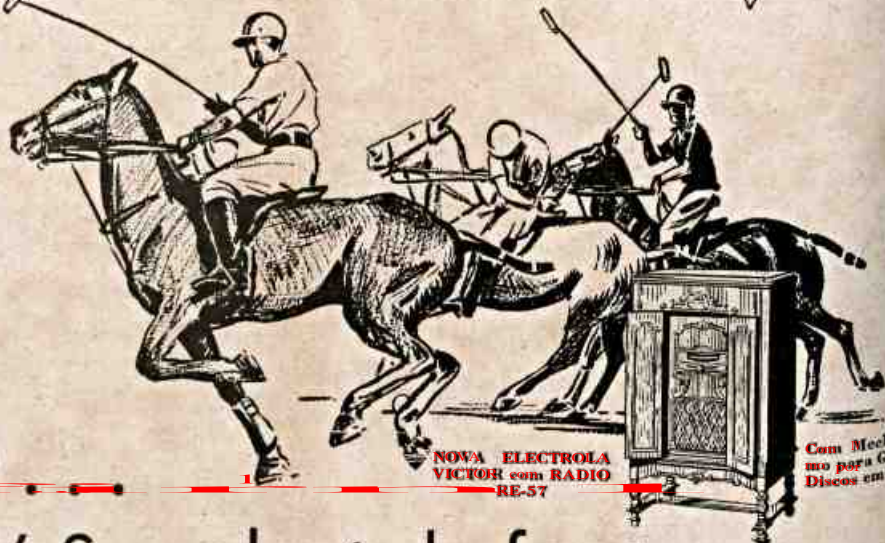
CELLE QUI FAIT LA FEMME SI JOLIE

CHEZ VOUS: EN POT

LA REINE DES CRÈMES S.A.
PARFUMEUR

A LA VILLE: EN TUBE

Idéale pour la beauté du teint
protège le visage contre le hale et les rougeurs
maintient parfaitement la poudre

Em venda em todas as boas casas do Brazil

ADAPTADOR VICTOR DE ONDA CURTA—Augmenta consideravelmente o raio de acção do Novo Radio Victor, o que lhe permittirá receber programmas transmittidos por estações de onda curta situadas nos pontos mais remotos do nosso globo.

NOVA ELECTROLA VICTOR com RADIO RE-57

Com Mechanismo para Gravar Discos em Casa.

Por fim . . .

V. S. poderá desfructar agora OS ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS MAIS SENSACIONAES

com o Novo Radio Victor

e o Adaptador Victor de Onda Curta

As descripções dos acontecimentos desportivos mais sensacionaes de todos os paizes do mundo podem ser agora transmittidas a milhares de kilometros de distancia, através de oceanos e continentes, por meio das transmissões radio-telephonicas de onda curta. Ouça as narrações immensamente interessantes dos grandes torneios desportivos de ambos hemispherios . . . boxeo . . . futebol . . . regatas . . . polo . . . tennis. Com o novo e maravilhoso Radio Victor e o Adaptador Victor de Onda Curta V.S. poderá desfructar facilmente todas estas expansões da vida moderna.

Com a Nova Electrola Victor com Radio e os Discos Victor tem V.S. á sua disposição a musica mais selecta do mundo . . . uma grande variedade de prazeres espirituaes que satisfarão as aspirações dos amantes da musica e desportes. Façanos uma visita hoje mesmo e teremos muito prazer de demonstrar-lhe estes maravilhosos instrumentos ultra-modernos.

A Nova
ELECTROLA VICTOR
com RADIO

Distribuidores Geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rio — Ouvidor, 98 — S. Bento, 35 — S. Paulo

A' venda em todas as boas casas do ramo

Um Instrumento Victor e Discos Victor Para Todos os Gostos